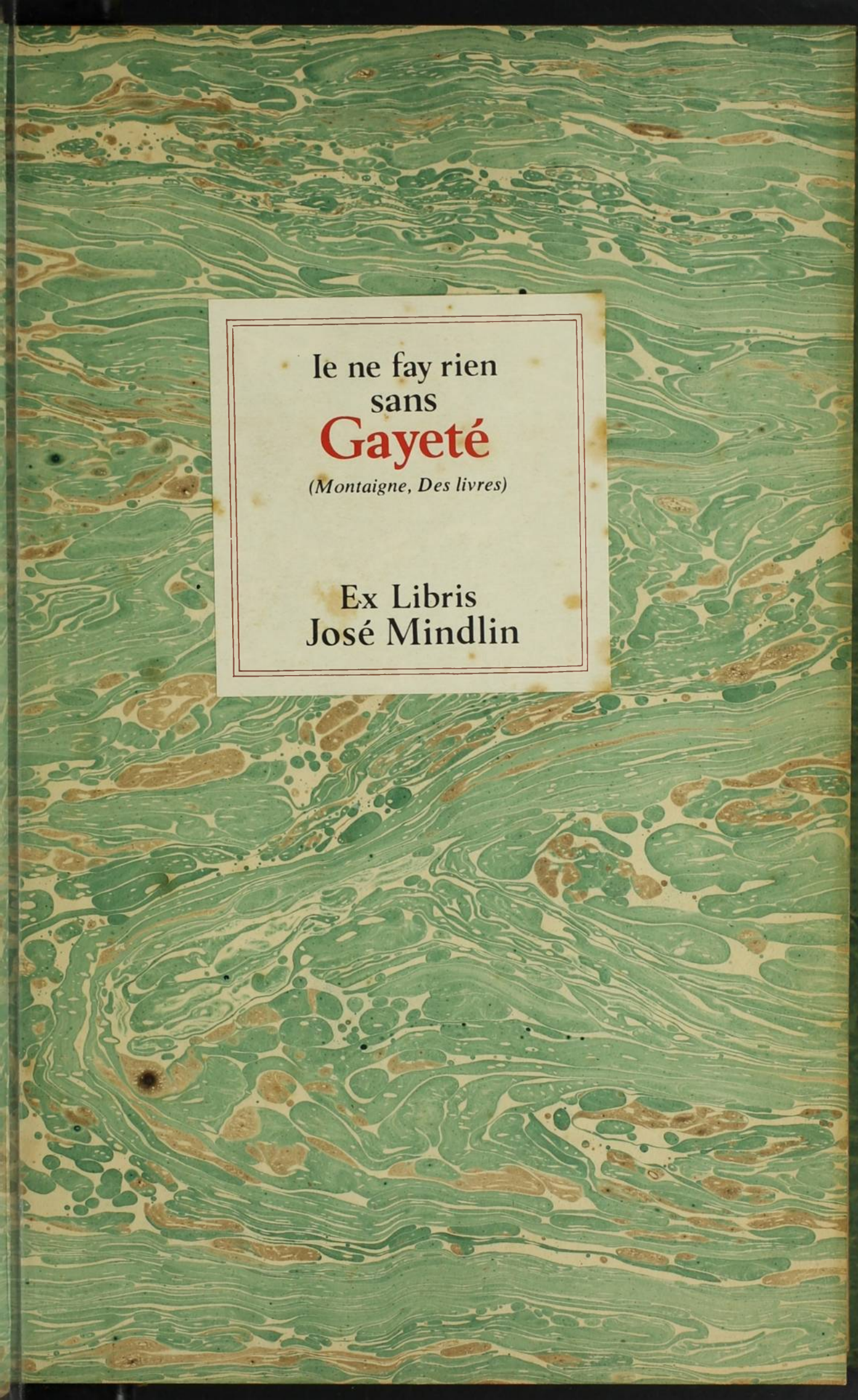
EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES


Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

Mendigos

paginas de Alphonsus de Guimarães, da Academia Mineira, da Academia Piauhyense.

EDITORA

Typ. da Casa MENDES — Rua Tiradentes, 9 — Ouro Preto

1920

B. X

Mendigos

paginas de Alphonsus de Guimarães, da Academia Mineira, da Academia Piauhyense.

EDITORA

Typ. da Casa MENDES — Rua Tiradentes, 9 — Ouro Preto

1920

Estante
Prateleira
Numero

ELIAS

...mal inexorable dont un Dieu seul pouvait ressusciter, jadis, les Jobs de la légende.

COMTE DE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM.

Senhor, bemdicto seja o cego—surdo—mudo,
Que nem conhece o chão execrando em que pisa,
E que não vê, nem ouve e não fala, e comtudo
Ama a contemplação do sonho que idealiza!

JOSE' SEVERIANO DE REZENDE.

DEBAIXO, da lapa esconsa, ermida que escolhera para abrigar a sua irreparavel desventura, o lazaro abjecto ergue para o tecto esfumado os olhos vermelhos, onde a sombra dos cilios desappareceu para sempre, deixando expostas aos raios de luz impiedosos as miseras pupilas desertas, que nunca reflectiram na vida uma imagem de amor.

E' um crepusculo triste, como a agonia das almas; por sobre a terra, em tons maguados de folhas outomnaes, espraia-se o olhar incoercivel do sol que morre, em dobras infindas de vestes mortuarias. Do tumulo que se abre por detraz do monte em resplendor surgem silenciosamente, em um vôo de clarões vesperaes, bandos de anjos fulvos, agitando mortalhas luminosas.

Dentro daquelle corpo em chagas, que não tem mais a epiderme macia de que se recorda o miseravel, evocando o tempo em que as phalanges dos seus dedos não se haviam transformado nessa inqualificavel monstruosidade de agora, a alma, que está acima do contagio das pustulas, sonha e soffre, no martyrio sem esperanças em que se tortura.

Quando elle se surprehendera assim, irremediavelmente perdido para o mundo, cheio de crostas pardacentas que sangravam, com a pelle transfigurada em escamas corruptas, desfalleceu-lhe nos labios o ultimo sorriso da ventura que se ia, e a desesperança flagiciadora aninhou-se-lhe no peito.

Bem se lhe importava que as noites brancas de luar, immutaveis e ermas, florissem de sonhos irrealizaveis os corações em primavera; o sol, que tantas horas de alacridade afoita lhe dera outr'ora, era para elle um astro defunto, irritante como um cadaver que se obstinasse a resurgir todas as manhans, depois de ser enterrado cuidadosamente todas as tardes.

A noite em trevas desanimadoras, abandonada de todos, sem lua e sem estrellas, era o carinho supremo para aquelle espirito que se exacerbava; e quando, fechadas as palpebras doloridas, sentia ao redor de si a mesma escuridão que o entenebrecia interiormente, o desgraçado prelibava o goso profundo e silente que auguramos na poeira final.

Ora o silencio, naquella noite escura, ciliciava as almas. Na immobilidade do ar, que não sussurrava por entre as arvores sombrias que circumdavam a gruta, havia todo o mysterio agreste do socego e da paz; nem as corujas funerarias, de altas risadas de escarneo, nem os horrendos morcegos, de azas diabolicas, turbavam o descanço immaterial daquellas horas imprevistas.

O ceu, prenhe de nuvens negras, parecia mais proximo da terra, quasi unido a ella, em um afago illimitado; e a harmonia das espheras veladoras, onde, si o luar scintilla, ha vozes de bemaventurança, emmudecera em meio de toda aquella desolação.

Elias, que assim se chamava o lazaro, olhava para dentro de si, na retrospecção amarissima da sua existencia. Feliz por poder calar-se, elle que bem sabia que a palavra afugenta os pensamentos intimos, e que um instante de perplexidade é como um seculo de vida em relação ás coisas infinitas, iria, de certo, reviver tranquillamente, e pela ultima vez, os dias de inexplicavel desdita que em successão vagarosa, um a um, como espectros odiosos, por elle haviam passado.

E o repoiso absoluto que abraçava a sua alma, na magua luctuosa que só conhecem aquelles que já sentiram as caricias mudas e excessivas do isolamento, illuminou-lhe o rosto desfigurado num triste sorriso de allivio celeste.

O dia que precedera áquella noite tinha-lhe sido cruel.

Ha tempos, sol a pino, seguia elle pausadamente, sangrando os pés desconformes nos seixos ponteagudos da estrada, perseguido pelas moscas, que lhe zumbiam aos ouvidos o miserere da sua carne decomposta antes de ser dada á sepultura; tinha fome, tinha sêde, e a agua estava longe, e ninguem apparecia. Em uma curva, na volta que ia dar, chegou-lhe aos ouvidos uma voz soturna, que era tambem a sua, porque a voz da miseria pede sempre no mesmo tom intrinseco de lastima:

—Uma esmola pelo amor de Deus!

O lazaro teve um sorriso amargo de infortunio, e disse ao pedinte que por ali passava um mendigo bem mais miseravel que elle.

—Sou um cego... Não podia ver os seus andrajos.

Um cego! O consolo de uma idéa feliz fulgurou nos olhos rubros do leproso. D'ahi em deante teria um companheiro certo, que o não veria, e por conseguinte não correria cheio de nôjo á approximação das suas chagas. Enganal-o-ia, dar-se-ia por um estropeado que trabalhava outr'ora e que passára para a communhão dos mendigos por ter perdido uma das mãos, ficando-lhe a outra para esmolar. E então propôr-lhe-ia viverem juntos os restos mesquinhos dos seus dias.

O cego, que era um velho de barbas nevadas e cabelleira em ondas, foi desde essa hora a sombra que o acompanhava, e no recesso inviolavel da alma de Elias, que não conhecera affectos, enraizou-se e floriu uma grande ternura por elle. Tinha vontade de abraçal-o suavemente e impetos de beijar-lhe a fronte pallida de asceta que as vigilias maceráram; mas, reconcentrando-se um instante, pensava, com os olhos em lagrimas, quanto veneno havia no rapido contacto dos seus labios sanguinolentos, e que braços eram aquelles, inchados e vis, para abraçarem um corpo robusto, que vicejava ainda como as arvores de seculos. Depois, cerrando os olhos tristes que tanto tardavam em fechar-se para sempre, parecia-lhe sentir, em um deslumbramento, como si interiormente todo o seu corpo se transformasse em faces de crystal brilhante, a alma que lhe desertava o peito, e poisava, como uma garça em exilio, sobre as cans do miserando cego.

Este, por ser adeantado em annos e pesares, vivia para os seus pensamentos intimos, passava horas inteiras nas sombrias meditações de quem espera sómente o lenitivo da morte; e obstinava-se de tal modo á mudez que Elias chegára a julgal-o sem lingua, mudo como

um precipicio, inviolavel á voz humana como sempre lhe parecera o céu. Surdo, bem podia ser que o fosse, pois o lazaro, em momentos irreprimiveis de afago, lhe murmurava aos ouvidos as balbuciantes palavras de ternura que advinhára, elle que nunca as ouvira de outros e nunca de labio algum as recebera; e o cego, que tambem lhe parecia mudo, conservava-se desolado e immoto como a lapide de um tumulo. Era, talvez, e porque não? a suprema felicidade que viera esposar o solitario velho: não ver, não ouvir, não falar, que mais se póde desejar no mundo? Elias via, e via bem, os rostos que se voltavam, indifferentes, ou cheios de asco, á sua passagem; ouvia, e ouvia maravilhosamente, as palavras de despreso, ou de odio, ou de compaixão fingida, que os demais homens não podiam calar ao vel-o; falava, e falava dolorosamente, para pedir esmolas, as phrases que ouvira de outros mendigos em tempos mais felizes.

No emtanto, passados annos, seculos, diriam elles, o cego abriu o peito ás caricias do lazaro. Teve horas de bom humor, relatou sorrindo aventuras que lhe succederam na mocidade, olhares de amor que ainda beijavam a solidão dos seus olhos, beijos que lhe adejaram sobre os labios, como passaros que emigram; e adormecia contente, feliz por ter ao pé de si um desgraçado que necessitava do seu consolo.

Em noites de luar (todas as noites eram taes para elle, bastava que o lazaro assim lh'o dissesse), o cego sentava-se á beira de um ribeiro que se desmanchava em murmurios ao passar em frente á furna em que moravam, e que se despenhava, cheio de roncos de féra, para além, muito ao longe, na queda tormentosa que não tinha tréguas. E como se tornara, com a velhice ou talvez, com as saudades dos tempos de moço, amigo das

flôres, pedia a Elias que lhe trouxesse ramalhetes das mais suaves, daquellas cujos aromas dão sonhos ao coração, como tranças amadas. Queria cercar-se de perfumes tranquillos, effluvios aromatisantes, que o fizessem pensar no céu, como a fragancia do incenso vem evocar-nos crepusculos de beatificação que julgámos ter vivido.

Elias apanhava as flôres cuidadosamente, fazendo esforços immensos para não magoal-as, tão brancas, tão puras, tão em contraste com as côres roxas das suas ulceras e com a impureza das suas mãos sem tacto. Parecia-lhe que os lirios, cheios de orgulho imperial, se retrahiam ao avistal-o, pendiam das hastes ricas ao sentil-o approximar-se; e via, bem perto, os nenuphares castos que estrellavam de branco as margens do ribeiro, tremerem de susto, talvez ao sôpro da remansosa viração, talvez por saberem que elle os ia colher.

E as horas passavam lentas, lentas e dolorosas, como as contas de fogo de um rosario de supplicio em que o obrigassem a rezar de sol a sol.

Chegára sabbado, o dia das esmolas, e lá iam elles vagando pela triste cidade que menos distanciava da gruta sombria em que tanto soffriam, catacumba cavada na rocha bruta pela mão do tempo.

Elias, como sempre, guiava o cego; e este movia vagarosamente os cançados passos, com a mão segura ao bordão que o lazaro sustinha a custo, preso aos restos inconcebiveis dos seus dedos. De porta em porta, pacientemente, repetia-se a dolorosa via-sacra; depois, cada um seguindo a idéa que o martyrizava, sentavam-se em frente da capella das Dôres, toda sonora de passaros.

Naquelle dia, o ultimo da miseravel vida que levavam, o cego arrastou-se até o portão de ferro do ce-

miterio, onde duas caveiras de marmore espiavam, e lá ficou á espera de Elias, que fôra trocar por mantimentos as esmolas que tinham recebido. Ouvindo passos de alguem, levantou os olhos sem luz, e repetiu a supplica de sempre:

—Uma esmola pelo amor de Deus!

—Estás só, meu velho? Antes assim... Si cego não fosses, mil vezes morto que acompanhal-o.

—Porque, senhor?

—Devias ter medo dos lazaros...

O cego estremeceu de espanto, e tão violenta impressão passou-lhe pela alma que o seu coração, fatigado de contar os interminos momentos de vida que lhe restavam, parou de manso, batendo tranquillamente contra o carcere do peito a ultima pancada libertadora. A idéa subita de ter vivido vida de irmão em companhia de um homem coberto de lepra, a esphacelar-se aos poucos, agitou o sangue do cego numa convulsão de horror, e os seus olhos embaciados, numa exaltação de syncope repentina, tiveram por instantes fulgores passageiros que talvez já lhes viessem de outra vida. O sacristão que ia tocar trindades, espantou-se com aquella morte inesperada, e nem de longe pensou que tivesse, com uma simples phrase, agitado barbaramente, até despedaçal-o, o fio tenue de uma vida prestes a extinguir-se. Sorriu docemente:

—Foi como a lampada do Santissimo, quando não lhe ponho azeite. Teve juizo o pobre velho! Morrer encostado á porta do cemiterio, quando não temos dinheiro para pagar a quem nos carregue, é um bello calculo...

Para Elias foi um mysterio o motivo da morte do cego, (e feliz delle por lhe ser poupada uma nova magua)—julgou que se finára de velhice; desde que viu

cavados os sete palmos de chão, voltou silenciosamente para a furna escura, de ora em deante inhabitavel para elle, como o resto do mundo, sem esperar ao menos que enterrassem o corpo, porque não lhe seria dado ficar ali tambem, entregue de uma vez ao descanço do pó; e pelo silencio impenetravel da noite, soluçaram, hausteantes e convulsos, os gemidos estertorosos daquelle supremo desespero.

Chegou, finalmente, depois de mais uma vez ensanguentar os pés nas pedras do caminho, á habitação deserta. Pela ultima vez pensou no amigo. Aquelle sim, morrera sem despresal-o, sem cuspir ao vel-o, sem horror ao riso dos seus labios grotescos, sem abaixar os olhos ao seu olhar repulsivo...

No emtanto, um dia em que lhe cahira das mãos a vara que guiava o cego, ouviu este murmurar quasi comsigo: «parece-me que não tem dedos... não lhe sinto firmeza na mão... e os seus passos são tropegos.» E depois, alto, brandamente:

—Elias, si és moço, porque és mendigo? Que doença é a tua?

O leproso anceou-se: descobriria o cego a verdade? Que Deus o não permittisse! E calado, por unica resposta, enfeitou-lhe o largo peito de mumia com flôres novas.

Debaixo da lapa sem luz, revive a sua vida medonha, e firma pungentemente a alma na desventura final daquelle dia tragico.

Agora, seguindo ao lado do ribeiro, que se esparzia em vagas agitadas, chegou á beira da cachoeira, precipitada em despenhadeiro alcantilado, que elle ouvira exhalar lamentações ao longe, em um responsorio perenne; e revoltando-se contra a sua miseria, atirou-se pela torrente abaixo, amortalhando o corpo, que era todo chagas, em um sudario branco...

O MANTO

I

AO levantar-me da cama, onde me prendera uma cruel enfermidade de mezes, eu não tinha de certo o aspecto de um vivo. Magro e nervoso por natureza, de uma irritabilidade hysterica, a minha vida de enfermo passara-se debaixo de um tedio pesado como uma abobada de chumbo, algumas vezes interrompido por intervallos de magua inanimada em que o meu olhar olhava sem ver e o meu pensamento fugia para fóra de mim mesmo, perdendo-se por entre as sombras intangiveis dos grandes desesperos.

O crepusculo de maio, indeciso, como tudo que se passa longe de nós, no mysterio religioso dos horizontes sem margens, era uma consolação sublime que tombava sobre as almas. Certo, quem fechasse para sempre os olhos em aquella hora que ia soar, cercado por toda aquella paz de convento deshabitado, não podia deixar de transformar-se em luz e bençãos.

Com os passos incertos de quem atravessa o primeiro periodo da convalescença, eu segui vagarosamente para o alto do Morro da Forca, logar sombrio e de-

serto, onde as lendas parecem passar sacudindo cabeças sangrentas.

Villa-Rica, olhada daquelle ponto, era um monte de ruinas. Só as egrejas, abençoando a velha capital da poderosa capitania, triumphavam no meio daquellas ruas ingremes, onde as casas cambaleavam.

Foi então que elle me appareceu pela primeira vez.

Alto e ossudo, o rosto côr de cobre porejando aguardente, as mãos musculosas dos hortaleiros antigos,—a sua figura sem contornos evocava espectros vadios. Hortaleiro funebre era esse, que plantava corpos de virgens para colher pó...

Com um sorriso infame na bocca sem dentes, as palavras saltando-lhe dos labios humidos de saliva, chegou-se a mim curiosamente. Um tremor convulso de nervos doentes agitou-me o corpo sem carne.

O homem extraordinario que surgira inesperadamente, trazia, debaixo do braço esquerdo, um longo panno negro enrolado. Collocou-o no chão, sentando-se ao meu lado. Levantei-me sem saber como, impellido pelo pavor que se apoderara de mim. Arrimado ao bordão, arrastando os pés, fui caminhando sem olhar para elle. No emtanto, eu bem sentia o som dos seus passos que me acompanhavam, e, de quando em quando, a sua sombra que se alongava deante de mim, ao sol pardo da tarde em agonia.

Parei, cançado.

—Espere, meu amo. O que trago aqui debaixo do braço pode-lhe servir. O senhor está bem mal, e o frio destas noites de maio não é bom. Eu não tenho interesse em dar-lhe conselhos porque vivo disso. Que ganho em dar-lhe a vida? Si fosse o contrario, bem. Mas o meu amo é tão moço! O meu embrulho...

—Deixa-me, por Deus!

—Olhe: é um manto. Enrolando-se o senhor nelle, ficará bom de todo. E o meu amo precisa delle. Precisa, que eu sei.

Então, vendo-me sem forças para luctar, passou-me pelos hombros altos e pelo peito em osso, onde as claviculas pareciam agitar-se, a enorme capa que trazia, e levou-me para um sitio ermo em que estanciámos por momentos, olhando um para o outro, eu transido de magua, elle com um sorriso carinhoso, horrivel de ver-se, nos labios escuros onde desvairavam blasphemias.

Depois, caminhando silenciosamente por debaixo das arvores mortas, ouvindo as gargalhadas conhecidas das aves nocturnas, e rindo-se ao ouvil-as, o coveiro, pois que elle o era certamente, collocou-me dentro de uma cova immensa, em companhia de milhões de mortos.

Passei os olhos espavoridos ao redor de mim, procurando encontrar, nessa crypta medonha, cheia de sombra e quasi fechada á claridade baça da noite estrellada, o esqueleto misero daquella que se finára ao meu lado, mansamente, como um cordeiro de Deus. No mesmo instante uma voz que vinha de outr'ora, e que um dia suavisára a minha alma deserta com as ignoradas canções de paz e de ventura que os primeiros annos cantam, mais brancas do que a alva do dia e que os lirios reaes, murmurou-me aos ouvidos:

—Olha para dentro de ti mesmo, espreita a desolação do teu espirito em ancias, e verás os olhos taciturnos do phantasma que amas, tu que bem sabes que as sombras não podem ser amadas...

Perdida a esperança de vel-a junto de mim, fosse embora na nudez branca e tragica das mumias que me cercavam, o meu isolamento era real e irreparavel. E os versos pungentes do *Dies-iræ*, que toda a Edade Media soluçára, tombavam da minha bocca na melodia

somnolenta daquella linguagem barbara, creada talvez para os psalmos d'além vida...

DIES IRŒ, DIES ILLA!

II

Por alguns momentos, longos como cyclos solares, o meu olhar vagou surprezo por todo o indefinido horror circumjacente.

O tumulo era soturno e fundo como uma immensa cisterna vasia. Caveiras sarcasticas, que tinham luz propria, mais alvas que os luares tristes das noites romanticas, abriam-se no riso perpetuo que a ausencia de labios lhes dava. Lembravam-se talvez de beijos idos, recordavam-se por certo de horas remotas, quando as boccas floresciam em beijos, como cratéras de vinho claro, como cyathos de purpura.

Os meus companheiros de leito rangiam os queixos friorentos, chegando-se uns aos outros com caricias de amorosos e gestos de quem abraça. E as boccas sem labios beijavam-se na escuridão, e suspiros de goso mortuario e vampirico sahiam de peitos que não aninhavam mais dentro de si os pobres corações humanos. Eram os ultimos arquejos da materia a desfazer-se em poeira.

A abertura do tumulo, pequena embora, parecia dar entrada a todo o céu, que se despenhava em trevas, lá por dentro, sombrio e desolado como um castigo divino. Nenhuma estrella cahía de envolta com as nuvens, nenhum raio de luar vinha abençoar-me,—a mim que tanto precisava da luz absolvedora do céu.

De repente, no alto, á beira da terra cavada de fresco, o rosto familiar do coveiro appareceu-me, com um sorriso delicado nos labios grossos.

—Vae melhor, meu amo? Enrole-se bem no manto. Com alguns dobres de sino e um padre a encommendar as almas, tudo está prompto. Não ha medico como eu para curar enfermos como o senhor. Coitadinho!

Fechei os olhos pavidos de espanto, e concheguei ao rosto as dobras lutulentas da minha enorme capa.

Nesse momento atroz, passaram-me pela frente, em debandada, vingativos como remorsos, todos os sonhos da minha vida até então inutil. Desgraçada creatura que, depois de tantos annos de existencia, não tivera amor para amar sinceramente os bons nem odio para odiar sinceramente os maus. Pobre espirito sem rumo que, soffrendo embora no meio da hypocrisia satanica dos homens, não pudera dedicar-se a Deus christanmente, como os santos e os mendigos, nem pudera fugir ás tentações do mundo, abrigando-se debaixo das ermidas longinquas, onde ha quem peça por nós...

No emtanto, si eu não fosse morrer naquella hora que ia desprender-se das mãos do tempo, bem poderia ser que me tornasse um Eleito na terra.

Foi então que o meu corpo se agitou numa convulsão que julguei suprema.

O Dr. Pulvis, sentado á minha cabeceira, sorriu-me affectuosamente.

—Que terrivel febre, meu pobre amigo!

Com a alegria expansiva de quem accorda dum pesadelo que não tinha fim, passei as mãos pelo rosto, onde o suor corria em bagas doloridas.

Era meio-dia apenas. A luz do sol parecia transformar-se em raios de som. Ao longe, acompanhada pelas rezas dos crentes, soluçava a campainha da Extrema-Uucção, como um appello de Deus ao mundo que se perdia para sempre...

CYTHARPA

I

Abri os olhos inconsolaveis, cansados de chorar a eterna ausencia daquella mysteriosa dama que me fôra tão castamente fiel na epoca feliz dos meus amores contemplativos, e fitei-os mais uma vez nos ponteiros esguios do grande relogio somnolento, cujo pendulo, compassadamente, batia pancadas surdas dentro das paredes da enorme caixa, como um coração fatigado de pulsar.

Era um destes relogios antigos, de éra indefinida, que me fazia naquelle momento a impressão extranha de sempre: parecia marcar (perdoar-me-ão o anachronismo, por certo) o instante suspensivo em que Deus, pela bocca do Anjo excelso, expulsára do horto edenico o primeiro par peccaminoso, que quizera matar a sêde de amor na fonte castalia dos beijos.

E fôra tambem aquelle o instante em que ella me apparecera e de mim se separára, ella, Cytharpa, o symbolo corporeo da minha illusão no mundo, a imagem que sonhára o espirito medievo que dentro de mim se aterroriza.

Ineditos para mim, pois que ninguem os divulgára, nem a minha alma os tinha concebido ainda, os sonhos de vagas reminiscencias evocativas que me enchiam a memoria; e com os olhos de quem vê phantasmas, pendido o corpo á beira de um despenhadeiro vertiginoso e funesto, que tinha, no emtanto, as margens alcatifadas de estrellas attrahentes, fiquei extatico e mudo, entre a imminencia de um naufragio por mim proprio presagiado e o porto calmo e doirado que esperava, além, aquelles que a ventura afaga.

Na inconsciencia daquelles momentos, dominado pelo encantamento que a separação eterna de Cytharpa me deixára na alma, temi que a perdição dos damnados me fosse irrevogavel sentença, e que não houvesse salvação para quem, como eu, era perseguido por legião tamanha de duendes.

Os olhos dos mortos (das mortas amadas), embaciados e fixos, abrem-se dentro de nós como perpetuas roxas. Acontecera-me assim com os olhos vitreos de Cytharpa.

Si eu queria revel-os, não como os vira outr'ora,—eram dois jardins onde só o luar vicejava, nas noites desabrochadas em açuçenas e dhalias,—mas como os vira depois da partida final, cerrava as palpebras, e via-os, taes como da primeira e ultima vez os contemplára, escancarados e amplos, cravados na desillusão suprema. De onde lhes viera aquella fixidez polida, aquelles tons flavescidos e quietos de metal combusto, pobres e extranhos olhos que nunca tinham sido desejados?

E era o mysterio que sempre os amortalhára em vida que me dava sobresaltos de quem temia ter seguido durante annos, que eram um só instante, uma creatura que viera das landas ermas do desespero.

Quando ella me apparecera de imprevisto, com a cabelleira de pennas de corvo sumptuosamente solta, e o busto virgineo suspenso pelas azas brancas dos seus braços, ao primeiro gesto de admiração succedeu-me a genuflexão de quem ia adorar. Senti-me preso para sempre ao fulgor sidereo que emanava do seu vulto, e vi-me transportado em sonhos para as plagas immotas das dulias ablativas.

No emtanto, nada mais natural que a sua primeira phrase, dirigida a mim somnambulamente, como si nem ao menos tivesse de chegar aos meus ouvidos: — Que Deus, por minha bocca, te abençôe!

Olhei-a demoradamente, como para fixar a sua serena imagem na retina, e disse que bemvinda fosse na thebaida da minha alma a estatua maravilhosa que ante mim sorria.

II

Por momentos a sua pallidez de virgem que as larvas impuras perseguiam, tornava-se transparente como as petalas dos lirios brancos, e o bafejo do pudor subia-lhe á fronte repentinamente; outras vezes, uma impudicicia inconsciente agitava-lhe todo o corpo soberano, e Cytharpa comprazia-se talvez em possuir dentro de si algum espirito de incubato, que lhe acariciava a carne, martyrizando-lhe a alma impolluta. O seu olhar, cheio de melodias que se calavam, ennublava-se de véus glaucos de prasios preciosos, e por toda ella gemiam saudades passadas e vindoiras: e era então que eu evitava tocar lhe de leve as orlas dos vestidos claros, temen-

do que ella se desfizesse em sons volatilizados ao menor contacto, tão despegada do mundo me parecia a cithara eolea onde soluçavam brisas acostumadas a beijar cordas insensiveis.

A quem sonha com espectros allucinados tem succedido ás vezes erguer em meio do leito o busto convulso e abraçar sombras que no ar se esváem: mas a mim, que me julgava consciente e em pleno senhorio das minhas faculdades humanas, foi-me cheia de surpresa a impressão de alheiamento completo do meu ser desde o instante em que a vi, instante de separação e que era tambem aquelle em que ella se mostrara pela primeira vez aos meus olhos.

Bem que eu acreditasse nas forças immateriaes que dominam os orgãos da intelligencia, a existencia de Cytharpa ao meu lado surgia de taes recessoss inviolaveis que não podia deixar de agoniar-me ao sentil-a dentro e fóra de mim, fazendo parte integrante da minha alma, como que uma idéa intima que se arrancára subitamente do meu peito e se corporificára explendentemente em uma imagem de amor e de superstição.

Lá estava em frente de mim o ponteiro extranho a marcar o instante em que eu a contemplára de improviso e em que ella de mim se separára; lá soava, surdamente o pendulo fatigado de gemer perpetuamente o mesmo instante. Quantos annos, quantos seculos durára este? E como pudera a imagem della gravar-se de tal fórma na minha alma, si tão rapidamente desapparecera?

III

Murmurou-me ao longe, demoradamente, uma voz archangelical, limpida e branda, porque vinha de atravessar as espheras sublimes, e era, talvez, a onda sonora de um soluço de além:

—«Gemerás para sempre, desolado e misero coração, pobre pendulo a oscillar dentro da caixa ossea de um esqueleto, gemerás para sempre o instante em que a viste, a ella, Cytharpa, o symbolo corporeo da tua illusão no mundo! Gemerás para sempre o instante primeiro e unico em que ella surgiu deante de ti, evolando-se como uma nuvem crepuscular. Esse instante foi toda, toda a tua existencia, pendulo miserando!»

Só então comprehendi que em relação á eternidade a nossa vida é um instante doloroso de extase em frente a um sonho que revestimos de purpura e coroamos de myrtos mysteriosos.

PERGUNTA IMPREVISTA

A SUA imagem, na evocação suavissima de sempre, vinha-me aos olhos envolta em nuvens tenues de incenso e myrrha, por entre o nevoeiro fino que se desprende de resinas queimadas em cassoletas de argento; visão de outros mundos irreaes, ou que já se tinham atufado de ha muito no occaso do tempo, para vel-a tão distinctamente deante de mim, na caricia de lua que lhe afagava o rosto, só mesmo o mysterio estrellado daquella noite sumptuosa, cheia de hymnos brancos e madrigaes nunca inspirados aos trovadores errantes.

Um jorro de perolas soltas, desprendendo-se subitamente do céu, fez a casaria tranquilla da cidade scintillar opacamente: o astro dominador da noite desabrochára, como um lirio enorme, em meio de duas nuvens entreabertas.

A luminosa poeira impalpavel que pairára no ar, purificando os ultimos suspiros das flôres mortas, suavizava edenicamente a silenciosa paizagem dos montes longinquos: o meu olhar fixo no alto, deslumbrava-se deante

da pedraria que ornava o collo alvissimo de uma nuvem tranquilla, onde gemiam citharas tembladas por invisiveis mãos.

Appareceu-me então dentro da alma, falaz como todos os sonhos nascidos ao mago resplendor do luar, a effigie para mim sagrada: era ella, sempre ella, a sombra intangivel do meu amor desalentado.

Embrenhei-me mais uma vez na selva adormecida, e o meu peito, que esperava a caricia vindoira, abria-se de novo á illusão finada.

Enlevado por instantes na contemplação angelica, passos humanos inesperados fizeram-me voltar á terra, de onde partira, como sempre, em busca da região onde pudesse viver.

E ouvi esta phrase soturna, indecisamente murmurada:

—E' para o senhor aquella cova?

Uma bala atravessára o collo eburneo do cysne que Lohengrin cavalgava. Imaginae que alguem precipitasse, repentinamente, ao abysmo de uma marcha funebre ululada por qualquer banda de musica, a alma daquelle que ouvia no céu o preludio da opera sublime, e via, entre estrellas, a apparição esplendorosa de Elsa.

Eu não revia, por certo, naquelle momento, o leito immundo que me esperava, como a todos espera. No emtanto, acontece-me ás vezes (não que eu a tema, a essa virgem inviolada e nefasta, cujos olhos cerrados contêm venenos mysteriosos, nem que a morada terrestre se me apresente cheia de desillusões irreparaveis),—acontece-me ás vezes pensar na morte.

E', em alguns dias, uma idéa naturalissima que me acóde á alma, até certo ponto agradavel, como que uma esperança que se engrinalda de estrellas, ou a lembran-

ça de alguem que me espera ao longe, com os braços abertos e um beijo de paz sobre os labios.

Em outros dias,—principalmente quando o céu se iriza de raios imprevistos, que veem brilhar no azul pela primeira vez, por certo—é uma obsessão de agonia que me opprime o peito, uma pungencia que me vae martyrizando indefinidamente, em ameaça crescente; erguem-se deante de mim catafalcos sumptuosos, lacrimantes de ciriaes, com symbolos funerarios traçados a oiro velho no fundo preto dos velludos desmaiados; um côro de sacerdotes pallidos, muito serios debaixo das veneraveis capas de asperges, dos pluviaes solemnes, officia liturgicamente; os thuribulos incensam a eça em que estou, pasmo de me achar ali, quando ainda hontem, hoje ainda, lia versos piedosos do excelso Verlaine, e sonhava com as magnificencias divinas de Wagner e adorava a Peladan.

Dois luciferarios, um aos meus pés, outro junto á minha cabeça, perfilados e immensamente grandes, erguem nos braços incommensuraveis as lanternas opacas; a encommendação conclue-se, dispersam-se os assistentes, e eis-me só no templo enorme, á espera daquelle que me entregará aos Ugolinos do tumulo.

Espiritos de nequicia, satanizados e torvos, como devem ser aquelles que, perseguindo-nos em vida, tentam apoderar-se da essencia immaterial depois da morte, luctam com os anjos luminosos que em bandos tutelares fazem alas á minha alma, em ascensão para o alto como um raio de sol tomba sobre a terra; a desolação do meu ser entristece a onda crepuscular da tarde. Impregnado de misericordia, o céu abre deante dos meus olhos afflictos o alfombroso regaço das nuvens: o iris da bemaventurança resplandece na ultima esphera que o meu olhar alcança, inaccessivel para a maior parte

dos humanos, abrigo immaculado para onde convergem, como raios de sol ao redor de um halo de luz, as almas dos justos, e das virgens castas, e das innocentes que a agua do baptismo lustraliza.

Mas nem sempre a morte se me apresenta assim, nesse fausto grandioso de funeral magnifico, de gloria nunca sonhada: surprehendido por ella, quando alheio a mim mesmo, seguia pelos desertos campos em fóra, abençoado pelo esplendor do ceu, que é, em certos dias primaveris, um mar azul coalhado de velas brancas,— tombo ao chão inesperadamente, na volta da estrada florida, junto a uma cruz silvestre, plantada ali para outro, e que de ora em deante velará tambem por mim, com os braços abertos e nús, que, como os braços de todas as cruzes, parecem conservar em si a impressão indelevel do Corpo Sagrado.

No verde idyllico da ramagem nemorosa, os pequenos passaros irrequietos trinam agudamente, cheios de espanto á beira da assombrosa floresta, de onde partem gemidos de rôlas maguadas e de sabiás afflictos; é uma bucolica virgiliana, de uma côr mui differente daquella que orna as paizagens latinas, e muito mais cheia de canticos de nayades amorosas e de desejos luxurientes de satyros selvagens. Pan, ornado de plumas multicores, apparece palrante e alegre como um papagaio de raça real: em vez de flauta, chega aos labios rubros a inubia clangorosa.

Depois, o pôr-do-sol espiritualiza tudo: os seraphins do sonho abrem as azas ethereas, e a minha alma espera o premio promettido ou o merecido castigo.

O sonho, para os humildes, é um consolo, de certo. Sonhar, ainda que seja com a morte, suaviza-nos o coração. Assim, naquelle momento, quando, enlevado por instantes na contemplação angelica, eu me inebria-

va deante da effigie para mim sagrada, a phrase sinistra junto a mim indecisamente murmurada fez-me a contra gosto voltar á terra, de onde partira em busca da região idealizada.

Passados momentos, como eu me conservasse mudo, magnetizado talvez pela suave pythonisa que evocava, a mesma voz repetiu-me distinctamente as mesmas palavras sussurradas, espancando os fluidos que me paralyzavam a alma:

—E' para o senhor aquella cova?

Olhei em derredor de mim. Não sei que vontade alheia me guiára os passos para aquelle sitio de horror. Em plena realidade, um mundo de espectros apparecia aos meus olhos turvados: eram almas em penitencia á beira dos tumulos, onde os corpos jaziam.

Com o espirito sempre affeito ao irreal, as nevoas daquella noite de junho, banhada em ondas de luar frio, fizeram-me ver por momentos mumias e ossos onde só havia raios de lua a branquear salgueiros e flôres. A pouco e pouco tornei-me senhor de mim, e pude contemplar tranquillamente o pobre cemiterio da cidade morta.

O meu interlocutor, ou antes aquelle que já por duas investidas pretendia sel-o, e que de facto o era, olhava-me admirado, em pé deante de quem não parecia vel-o e nada lhe respondia.

Contou-me o caso. Chegára, naquella tarde, ás ave-marias quasi, de um logarejo proximo, o corpo, horrivelmente inchado, de um hydropico. Todos o viram passar rapidamente, na rêde grossa de algodão trançado, que dezenas de homens descalços carregavam, uns substituindo aos outros, cada qual por sua vez, de modo que nem o peso sentiam; tinham-no enrolado em duas peças, mais ou menos, de um panno quasi imper-

meavel, para que a agua não pingasse pela estrada. Um portador que sahira a toda a pressa, antecedendo de muito a chegada do morto, viera á cidade tratar o caixão na tenda do Borges, um velho carpinteiro amigo do defunto e seu companheiro antigo de borracheiras. Chegando á egreja, depositaram o finado na casa da fabrica, á espera que o sacristão riscasse o logar da cova e que o caixão ficasse prompto.

Eu devia ter visto. Os carregadores, homens do campo todos, bronzeados uns, amarellos outros, outros pretos, gente sem o minimo respeito pelos mortos, tinham descido a estrada que, no alto do morro, vira para a cidade, em uma algazarra enorme, cantando cantigas de batuque de envolta com versos de resas, rindo alto e dizendo pilherias medonhas. «O pobre Manoel vae minando a cachaça que bebeu em vida», dizia um; «a salmoura não vasa toda para que o diacho do homem fique mais leve!», acudia outro. E todos achavam muita graça nas pilherias, e tomavam mais um gole, por causa da «infecção daquelle trem».

Atraz, a cavallo, tinham vindo os amigos intimos e os parentes do finado, cheios de pó, suados, conversando coisas alheias áquella morte, indifferentes alguns, afflictos quasi todos por verem pelas costas aquelle enterro fastidioso, que não promettia acabar tão cedo. Ninguem pensava na viuva que lá ficára a soluçar, cercada de uma ninhada de pequenos balôfos e sujos, criados á farinha de milho azeda com agua de café, sem sangue, da côr de cirios velhos.

E o homem que falava fingiu limpar na manga do casaco lustroso uma lagrima ausente. Como eu apenas lhe respondesse com o silencio, disse mais algumas palavras, rapidamente.

—Aquelle que estava ali não tinha por costume empregar-se em tal serviço; por caridade e mais dez mil réis que lhe deram, fizera a cova, a pedido de um moço tal qual eu, não estando, porém (elle reparava-o agora), tão bem vestido, nem tendo aquelle ar de quem vive no outro mundo... Mas era tambem muito magro, e de preto. E perguntára si era para mim aquella cova, porque julgou que fôra eu o individuo que a tinha encommendado, concluiu, explicando.

Os parentes do morto chegavam nesse instante, trazendo dois delles um caixão muito grande, sem feitio algum, em que o collocaram. Atirei um punhado de terra sobre a sepultura e segui o meu caminho.

A lua, que torna as mulheres pallidas como walkirias, no seu encanto de Tanit carthagineza, empallidecia-me tambem. Desapparecera agora, e com ella se fôra de uma vez a visão de piedade e amor que uma phrase tão brusca, fazendo-me voltar á terra, amortalhára entre nimbos tenebrosos.

EURYNICE

NO momento em que ella cerrou os olhos instantaneamente, nos meus pobres braços, contemplei-a mudo e pavido, com uma dôr tamanha como o céu.

Minha pobre amada, amante e amiga!

Mortos para sempre os lirios das suas faces, e para sempre fenecidas as violetas dos seus olhos...

Beijei os seus olhos, que me não viam; osculei os seus labios, que me não beijavam.

Para onde se fôra ella, para onde a sua alma se evolára?

Contemplei os astros e não a vi em nenhuma estrella; o jardim, todo plantado de rosas, não a tinha em nenhuma das suas petalas.

Um rouxinol que tenho dentro da alma (meu pae, um velho portuguez, trouxe-o do Minho e m'o entregou) parecia tel-a recebido na garganta de oiro.

Beijei-o demoradamente, mas a uncção do meu osculo não me disse si era ella o rouxinol.

Arrebataram-m'a, então, para que fosse enterrada; sahi do nimbo do meu sonho, e pude outra vez miral-a morta, bem morta, arrancada dos meus braços.

Mas dentro da minh'alma, no fundo do meu coração, conservo o odor, suave para mim, horrivel para os outros que a levaram, dos lirios das suas faces e das violetas dos seus olhos,— decompostos, decompostas, afinal...

JACYNTHO

(Recordações de Villa Rica)

ERAMOS cinco—eu, de nome Guy d'Alvim, Arch'Angelus, meu irmão «de sangue e d'alma», de berço e sonhos, Horacio e Alfredo, primos queridos, e Castello, mais que amigo,—todo meu. Conversavamos e riamos, alegres por nos acharmos reunidos emfim, das oito ás quatro da madrugada, uma hora para nós.

Depois que Arch'Angelus recitou, com a sua forte voz abarytonada, a ultima campesina que fizera,—uma ronda de cachopas em pleno Minho, terra ancestral para nós,—o silencio fechou as nossas boccas.

Alfredo, com a ternura dos seus grandes olhos ibericos, extasiava-nos; Horacio sorria, no rictus de ironia que os seus labios formavam sob a ponta fina do seu bello nariz hebreu. Castello, despertado do sonho commum, descerrou os labios; todos os traços finos do seu semblante parecia desabrocharem-se em idéas reconditas.

—Eis uma pagina do «*Reino do Silencio*» do admiravel Rodenbach, em vil prosa naturalista, disse, sorrindo.

Foi então que eu, Guy d'Alvim, me lembrei de contar-lhes o caso extraordinario que se segue.

Estavamos em uma casa de pasto, e os calices de kümmel scintillavam crystallinamente deante de nós.

«Despertára ás seis, preoccupando-o ainda, como na vespera, a idéa ultima que o adormecera: o dia das esmolas. Sempre, em aquelle dia, sahia Jacyntho pelas ruas, de habito branco, a pedir para a cêra da Senhora das Mercês; todos o conheciam e de longe as creanças lhe sorriam, acostumadas emfim á fealdade comica das suas feições de mulato ruivo, nem preto nem branco. Já aos trinta annos, esguio como um espectro, nunca outro meio de vida lhe surgira a não ser aquelle. E no emtanto, o pobre rapaz tinha fé sincera e só por necessidade insuperavel repartia com a ordem das Mercês os muitos mil réis que angariava durante o dia, a gritar de porta em porta, escarnecido por uns, insultado por outros, vaiado por estudantes frivolos, para quem tudo traz gargalhadas juvenis.

Esperava que a Virgem olharia um dia para elle, fazendo-o feliz como a tantos, dando-lhe um quarto que não fosse aquelle covil, e vestindo-o de roupas novas, não como aquellas que usava, tão largas e sujas, que tinham sido já o luxo de uma geração de toucinheiros prosperos. Filho das sargetas, em má hora dado á luz por uma desgraçada como outra qualquer, criado sem amor e sem caricias, sem nunca ter conhecido a mentirosa infancia dos bem-nascidos, estava satisfeito com a sorte. Embriagava-se, de certo, todos os dias; mas, que tinha isto?

Era o meio melhor de que dispunha para dormir sem fazer mal a ninguem, perto de companheiros farçolas e debaixo de um tecto carinhoso, em uma sala fria, na verdade, mas protegida por paredes grossas, que não deixavam o vento frio de Maio dilacerar as carnes dos rotos! Caminhou a passos largos, ás sete, para a casa do sacristão, o velho José Maria, onde estavam o habito mais a bolsa.

De tarde, quando o sol morria suavemente, como sempre morre, entregou Jacyntho a colheita do dia ao sacristão.

—Quanto?

—Nem sei.

Gratificado ainda, elle que tinha reservado para si grande parte das esportulas, sahiu o pobre diabo muito alegre, a antegosar as delicias de uma bebedeira enorme, em companhia de pessoas de toda a especie, tão vis algumas, que Jacyntho se enjoava de apertar-lhes a mão.

Foi uma noite terrivel aquella, frio intenso, uma garôa de alfinetar as faces, um vento que tinha gumes. Para mais tarde as nuvens começaram a amontoar-se em um lado do céu, negras, borrascosas, cheias de raios; Jacyntho, a quem o alcool emprestára azas de gaivota, seguiu pela rua afóra, depois de ter passado horas inclementes na taverna do *Peixe Frito*. Já completamente transtornado, sem idéa de quem era e nem a que no mundo viera, fixos os olhos nos pés, como que acompanhava os seus passos. Como a ladeira fosse ingreme de mais, temeu cahir e resolveu descançar um pouco, afim de seguir depois a sua batida, sem destino. Deitou-se sobre as pedras da calçada e abriu os olhos demoradamente, recebendo dentro delles toda a treva do céu.

E fazendo uma oração á Virgem, na certeza de ser attendido, dormiu pesadamente, á espera da semana seguinte, em que de novo sahiria ás esmolas, de habito branco e bolsa na mão.

A chuva despenhou-se clangorosamente.

Esfuziavam relampagos, phosphoreando na caligem das nuvens, e os raios estalavam como se partissem da terra, que não do céu. De manhã cedo, quando as portas se abriram, Jacyntho parecia ainda uma pedra immovel, atirada á enxurrada. Levaram-no para a capella das Mercês. Um pratico, que tinha botica alli ao pé, encarregar-se-ia de arranjar o attestado de obito: insulto apopletico fulminante. E disse rindo que não era necessario enterrar depressa o meliante «porque a carne dos bebedos só se decompunha depois que a alma chegasse ao inferno, e este distava bem da terra». O José Maria, acompanhado de alguns irmãos caridosos, é que tinha levado o corpo.

Um morto exquisito aquelle: de vez em quando estremecia, roncava ás vezes, fazendo o José Maria e os outros largarem-no assustados, para depois o carregarem de novo, tão quieto ficava. Feita a cova, rezaram-lhe alguns padre-nossos por alma. Um dos amigos houve que até deu graças a Deus por ter acabado com Jacyntho. Tinha promessa firme da parte do sacristão de ser elle quem d'ahi em deante pederia esmolas para a ordem.

Um resto de caridade piedosa, no emtanto, fez o José Maria convidar os companheiros para entrarem na capella, onde, ajoelhados deante do altar-mór, melhor intercederiam pelo pobre rapaz, morto impenitente, em peccado de intemperança.

Entraram. Ora, precisamente em aquelle momento, doze horas depois que tão profundamente adormecera,

as nevoas da embriaguez tornavam-se mais tenues, o espirito de Jacyntho começava a divagar por valles e cerros desconhecidos, cheios de luz e embalsamados por flôres de aromas vagos; sentia-se viver, mas o paiz phantastico em que se via, enchia-lhe a alma de pasmo e involuntarios espantos. Era um vergel onde estrellas floriam. Houve inexperadamente repentina mutação de scenario, e o assombro de Jacyntho cresceu como vagalhões do mar.

Achava-se agora no inferno, não aquelle que imaginára em tempos de infancia,—uma enorme cosinha onde os satanazes assavam, em caldeirões vermelhos, milhões de damnados, deixando-os sentir suppliciosamente os osculos de fogo das labaredas delgadas, finas como linguas; mas um logar até certo ponto aprazivel, divertido até, pois que os diabos eram de um comico irresistivel, com caras de cabras uns, outros eguaes aos macacos, outros ainda do feitio dos sapos, de lunetas, charuto na bocca, o ar gentil.

Não era a mansão maldicta das lagrimas, onde só ha ranger de dentes e convulsões de dolorosas agonias; o pobre rapaz não podia ter visões dantescas, e a sua alma sem ideal não poderia evocar os sete circulos fataes. Assim, deante de tão inesperado quadro, Jacyntho socegou: continuaria no inferno a vida que levára na terra, sempre cercado de homens que eram mais selvagens do que os diabos presentes, tão cortezes e pandegos.

Sentiu sêde; a bebedeira da vespera reseccara-lhe a garganta...

Dirigiu-se a um homem de chifres e pés de bóde, que offerecia, em um vaso de uso privado, excremento aos hospedes.

—A sua graça?

—Belphegor, para o servir.

—Obrigado. Póde dar-me um pouco de agua?

O diabo soltou uma risada atroz, que pestilenciou ainda mais o ambiente sulphureado. Era o primeiro pedido dos novatos. Alli não havia agua, unico supplicio, de resto, inflingido aos condemnados.

—E cerveja? e vinho? e restillo?

Nada absolutamente.

Como viver no inferno então?

Tal foi o espanto de Jacyntho que, sobresaltado, acordou.

O José Maria e os companheiros sahiam da Egreja, trazendo cordas para descer o corpo á sepultura. Vendo Jacyntho sentado á beira da cóva, sumiram-se como phantasmas nocturnos, á disparada. Jacyntho comprehendeu tudo. Em aquelle instante não lhe passou pela mente todo o horror de que escapára: ser enterrado vivo, a terra a tapar-lhe a bocca, a cegar-lhe os olhos, a asphixia medonha como termo ao mais atroz dos martyrios.

Não. A ingratidão do José Maria alanceava-lhe a alma. Sempre pensára que iria amortalhado na estamenha branca das esmolas; aquillo já lhe pertencia, tão longos tinham sido os annos que esmolára, sempre satisfeito, ás vezes alegre, affeito que estava a todas as cruezas do seu gyro semanal pelas ruas. E, olhando para as suas vestes surradas e sujas, teve prantos nos olhos.

—E não é que elle me ia enterrar sem o habito?

Pôz-se de pé vagarosamente, e, como os seus amigos tivessem esquecido, ao fugir, a porta da capella aberta, entrou de manso e tombou de joelhos deante da Virgem, dando-lhe graças, então, por ter escapado daquelle pavoroso fim de vida. Toda de branco, en-

grinaldada de flôres, Nossa Senhora, mãe dos desgraçados, sorria para elle.»

O silencio de novo fechou as nossas boccas.

Olhámo-nos tristemente, na suave correspondencia das nossas almas. Alguns retardatarios piscavam os olhos somnolentos, sentados preguiçosamente sobre as duras cadeiras, como se fossem confortaveis poltronas de damasco, abroqueladas de oiro. E, para passarmos juntos mais alguns momentos, a forte voz de Arch'-Angelus estentorou:

—Garçon, mais kümmel para cinco!

A PRIMEIRA MULHER

AO ler as graves questões sociaes que perturbam o cerebro dos feministas e as encantadoras (algumas) cabeças femininas, vem-me o desejo, talvez futil, mas decerto digno de attenção, de recapitular e glosar em chronica inoffensiva as questões empiricas que, a respeito da origem da primeira mulher, tanto occupáram e preoccupáram os nossos simples e bondosos ancestres.

Tudo isso nos faz hoje sorrir, embora estejamos ainda presos nas malhas do mesmo anti-diluviano mysterio.

Grandes controversias explodiram entre os theologos quando se tratou de firmar a questão curiosa de ter sido a primeira mulher creada (ou formada) dentro ou fóra do paraiso. Um delles, homem de espirito aguçado, cortou de um só golpe a questão que se eternisava. Si o logar onde Eva foi creada, disse elle, não era já o paraiso, immediatamente em paraiso se tornou pelo simples facto do apparecimento d'ella. Homem galante, esse commentador da creação da primeira mulher

elque não commungava com a maioria dos seus pares nas negras idéas que despejavam impiedosamente sobre a mãe do genero humano.

Na verdade, seguiam quasi todos elles á risca os primitivos caracteres chinezes, que resavam: Eva, HON-TSU, quer dizer aquella que liga os outros ao seu proprio mal...

Remontando á creação, que era e continúa a ser um mysterio impenetravel, resalta do texto biblico que Deus creou o primeiro homem macho e femea, pois que Adão (Ha-ADAM) é um nome commum aos dois sexos. Leão Hebreu, autor judaico do seculo dezeseis, citado por Larcher na sua curiosa e completa monographia sobre a mulher, assim o pretende, e prosegue dizendo que sómente depois de creado foi o primeiro homem dividido em dois seres differentes.

Isto é, de resto, o que constata a biblia, ao darnos Eva como tendo sido creada de uma das costellas de Adão, quando este, em pleno paraiso, dormia a somno solto.

Assim, era Adão androgyno: o seu hermaphroditismo desdobrou-se em dois seres differentes, que se completavam para a procreação de outros seres humanos. Adão, recebendo a mulher das mãos do Senhor, exclamou: «eis o osso do meu osso e a carne da minha carne», e chamou-lhe ISCHA, isto é, humana.

A Escriptura não diz que a mulher fosse creada por Deus: Elle não a creou: formou-a.

Tal asserção não é, decerto, muito lisonjeira para as mulheres feministas, que, no seu orgulho de entes independentes, não poderão olhar com bons olhos essa dependencia *ab initio*...

Com admiravel ingenuidade e em completo desaccordo com os textos sagrados, passando um rapido e

poderoso traço de penna sobre as revelações de Moysés, surge-nos John Schulze e diz-nos que Eva foi creada sósinha no paraiso terrestre, e ahi devia eternamente viver em meio da sua descendencia feminina.

Uma vida edenica por excellencia: por toda a parte anjos que adejam luminosamente, temblando citharas, aves que ruflam as azas diaphanas, irisadas pela perenne luz do sol, flôres que eternamente desabrocham, em uma florescencia de estrellas vespertinas, ribeiros que marulham arrulhadoramente as suas queixas pastoris... Perfeita felicidade em meio dos cantos canoros das aves e dos aromas virginaes dos lirios.

Era prohibida a Adão a entrada no adyto quasi divino, excepto (e aqui todo se enrubesce, certamente, o bom John Schulze) para a obra da procreação. Não poude Eva, no emtanto, viver assim ausente do homem a quem amava. Os momentos fugaces que passava perto d'elle, a ouvir-lhe a voz mascula e grave, a contemplar-lhe a perfeição do semblante magestoso, a beijar-lhe a bocca nunca por outra mulher beijada, sem conhecer embora, no seu isolamento de unica dama da creação, o travo amargo do ciume, sentindo-se envolta no clarão primeiro do seu olhar, onde brilhava em toda a sua primitiva intensidade a luz creadora que Deus lhe dera — esses momentos graváram-se indelevelmente na alma innocente de Eva.

O paraiso perdera para ella todo o encanto, pois vinha d'elle, do homem adorado, todo o resplendor que o cercava. Viveria ella assim, em aquelle nicho scintillante, emquanto o seu amado soffreria lá fora a rudeza inclemente dos temporaes, o frio hybernal das noites longas, e clamaria, no ermo agreste em que arrastava a triste vida, pelo aconchego quente dos seus braços e do seu peito, onde os seios se erguiam como duas tor-

res de marfim, e clamaria eternamente por ella... Não! e a primeira mulher, naturalmente bôa e compassiva, apiedou-se do primeiro homem, e quiz partilhar os trabalhos e as dôres d'aquelle que fôra creado por Deus para ser o seu escravo humilde, o seu obediente servo.

E uma noite em que os anjos, por certo cançados de tanto velar na guarda daquella maravilha de Deus, cochilavam indolentemente apoiados sobre as azas sumptuosas, Eva aninhou-se como uma pomba entre os possantes braços de Adão, e deixou, sorridente, aquelle sanctuario de delicias, para dedicar-se com toda a virgindade do seu coração á ventura do companheiro dilecto.

Ora, o Todo Poderoso, como bom e amoravel pae, sentiu-se commovido pela abnegação da sua filha, que trocava uma vida de encanto imperecivel por um viver de luctas e sacrificios; sorriu-se alegre com a estroinice da menina, e importando-se pouco, tão insignificante lhe parecia, com a gravidade do primeiro rapto commettido no mundo, deu ainda a Eva, como galhardão e recompensa, a arte de governar o seu marido e senhor sem que elle o percebesse.

Mais romanescamente poetico e sentimental que esse imperturbavel John Schulze, depara-se-nos o escriptor hespanhol do seculo dezesete, que, cavalheiroso como authentico castelhano daquellas eras fidalgas, declara peremptoriamete que só Eva é de essencia divina. «Era tudo creado, mas tudo jazia em trevas, diz elle: a mais sombria noite envolvia o universo. Deus abriu as palpebras da mulher, e a luz fez-se.»

E continúa:

«Deu-lhe Deus um poder magico; fitando o céu todo mergulhado na escuridão, com a luz purissima dos seus olhos, creou o sol e as estrellas. Depois, como

abaixasse os olhos para o chão, viu a seus pés o primeiro homem, acabrunhado por uma tristeza profunda. Teve compaixão delle, e, fitando de novo o céu, fez o sol desapparecer e em seu lugar surgir a lua, cuja luz mortiça e dubia lhe permittiu dar consolações suavissimas ao homem, sem que o seu pudor fosse melindrado.»

E Fernandez de Mera, edulcoradamente lamecha como um bardo dos nossos dias, conclue assim o seu madrigal:

«Desde então é a lua a protectora dos amores sinceros.»

Sabe-se como os poetas amorosos, no lento decorrer dos seculos, têm impunemente usado e abusado de composições madrigalescas semelhantes a essa que ahi fica; não possuem ellas, porém, para salvaguardal-as do riso nem sempre idiota dos homens serios, a mesma suave ingenuidade galante, a mesma primitiva originalidade.

A concepção poetica de Mera foi, talvez, o primeiro hymno sentimental erguido á mulher como reflexo irial da divindade na terra, pois, na bizarria singular delle, só ella é de essencia divina, só ella recebeu na alma a scentelha de Deus. Esse castelhano gentilissimo era, sem duvida, de essencia mais que diabolica...

UM ROMANCE INEDITO

(DE TOLSTOI)

(PAGINA ESCRIPTA EM 1908)

LEIO numa correspondencia de Londres para o Rio que o velho e triumphal Tolstoi, deixando momentaneamente o seu apostolado contra o despotismo russo, se recordou dos seus tempos gloriosos de romancista, já havendo concluido uma nova obra, que, segundo o seu desejo expresso, só será publicada após a sua morte.

O valor moral e espiritual do grande mohjik fidalgo tem sido de tal fórma controvertido, que cedo ainda é para se julgar da sua acção de caridade em prol do tyrannisado povo moscovita.

Para Tourguenieff e Dostoiesky o conde Tolstoi não passa de um gentilhomem slavo pertencendo ás camadas médias da bôa sociedade; nunca amou sinão a si proprio; é um egoista até a medula dos ossos; uma alma van e chaotica; um *flaneur*.

Talvez presida a esses julgamentos o mesmo criterio empregado por Tolstoi na sua barbara apreciação sobre Shakespeare e Dante, cujas imagens sagradas, num furor de verdadeiro iconoclasta, tentou derruir por terra.

PADRE SERGIO intitula-se a novella. O seu protagonista é um nobre official da guarda imperial, noivo de uma bella rapariga da melhor sociedade; sabe elle um dia que a sua promettida era amante de um fidalgo de alto nascimento. Desesperado, despe a farda e veste a estamenha monacal; recolhendo-se ao monasterio, adopta o nome de Sergio. Depois, aspirando a uma mais alta perfeição moral, abandona o mosteiro e embrenha-se pelas florestas, onde sem cessar se mortifica e cilicia. Tornam-se conhecidas em pouco tempo as suas grandes e admiraveis virtudes, propagam-se amplamente os repetidos milagres que opera. A cabana do thaumaturgo enche-se de camponezes, que vêm em busca de allivio para as suas chagas, de consolo para os seus males.

Um dia um elegante bando de gente da cidade approximou-se da floresta onde o santo anachoreta habita. Entre risos e pilherias, alguem lembrou a inexpugavel virtude do solitario, affirmando que nenhum encanto de mulher perturbaria a serenidade castissima do santo. Uma das mulheres propõe-se a vencer a sua pureza, e encaminha-se para a cabana, onde Sergio, de mãos postas, estava entregue ás suas preces. Uma inesperada chuva offerece á bella mundana o pretexto para bater á porta da habitação do monge.

Seguem-se scenas de seducção, e a mulher, sentindo exgottadas todas as fascinações da palavra e dos olhos começa a despir-se, allegando achar-se com as roupas humidas. E' então que, não querendo ceder, recorre Sergio á dôr physica para amordaçar a luxuria que esbra-

veja na sua carne abstinente; rapido, lançando mão de uma machadinha, decepa um dos seus dedos. Horrorisada e corrida de vergonha, a mulher foge entre lagrimas.

Mais se robusteceu a virtuosa fama de Sergio. Um mercador de longe, que tinha uma filha mentecapta, desesperado de vel-a curada pela medicina, trouxe-a á cabana sagrada. A sós com a rapariga, que, apesar da sua vesania, conservava em toda a perfeição a belleza esthetica do corpo, recomeçam as tentações e as luctas de Sergio. O santo foi, afinal, vencido, e tomba, brutalmente, entre os braços da pobre louca. Durante longos dias, na chouça onde todos julgavam que os anjos vinham trazer os oraculos da divindade, só se ouviam os uivos da mais desenfreada concupiscencia.

Percebeu o anachoreta a queda de toda a torre espiritual que levantára entre flagicios e macerações; e numa insanidade furiosa, lança mão da mesma machadinha com que decepára o dedo, e abre o craneo da pobre rapariga. Depois, com os cabellos hirsutos ao vento, numa desabrida sem fim, segue sem destino pelas estradas, em direcção do Oriente.

O assumpto é tomado das narrações christãs. Tolstoi foi inspirar-se, como no seu admiravel e archangelico MICHAIL, e como Gustavo Flaubert em *S. Julião o Hospitaleiro* e na *Tentação de Santo Antão*, no abundante manancial medievo das lendas do christianismo.

Terá alcançado o grande russo a magnificente perfeição do excelso romancista francez? A critica desde que não seja feita com a intenção demolidora por que se revelou o slavo, que nisto segue as pegadas de Voltaire e de Goethe, dil-o-á.

A novella de Tolstoi é, salvo algumas nuanças insignificantes, a lenda de S. Jacobo, que o bonissimo

padre Manoel Bernardes relata com aquella candidez de estylo que tão sinceramente exprime tudo quanto de bondade e fé entristecida e simples havia na alma do illustre classico.

Em Porphirião, cidade da Phenicia, junto ás raizes do Carmelo, Jacobo, mancebo de vinte annos, fizera o seu assento, em uma cova, considerando á luz da celestial graça a vaidade e miseria do seculo. O demonio subornou com vinte cruzados a certa mulher, de ruim vida e não ruim cara, para que tentasse ao servo de Deus, promettendo-lhe outros vinte, si o fizesse cahir. No romance de Tolstoi tambem aquelle conviva que realça as virtudes de Sergio aposta com a mulher encarregada de tental-o em como elle não cederá.

Inflammado o seu coração com tres negras fachas infernaes—inveja, cobiça e luxuria—sáe a mulher e chega a bater, alta noite, á porta da caverna. O santo, ouvindo tantos rogos, protestos e conjuros, abriu a porta; mas, desde que viu que era uma dama quem por elle chamava, fecha-se a orar. Mas a mulher, petrechada de malicia, insistiu, clamando:

—«Servo de Deus, tende misericordia de mim, que me acho nesta soledade e escuridão, exposta a ser manjar de féras!»

Jacobo recolheu-a, dizendo-lhe ella que era de um mosteiro visinho, cuja prelada a mandára arrecadar esmolas, e que, errando as veredas, naquelle deserto se perdera. Retira-se o santo para outro apartamento da caverna, depois de pôr-lhe luz, pão e agua.

Correndo mais adeante a noite, é Jacob despertado pelos ais e pelos suspiros da sua fraudulenta hospeda.

—Que tem?

—Mal de coração!

Começa a fomentar-lhe o peito com oleo bento, fazendo sobre elle o signal da cruz; e emquanto tinha a direita entre os seios da fingida enferma, mette a esquerda no lume para evitar sentimentos impuros. Vendo isto, entra-se a mulher toda de espanto, e lança-se a seus pés clamando: Ai! de mim, que estou feita lago de peccados e covil de demonios!

E logo lhe revelou a cilada, o damnado intento e o preço torpe com que alli a mandaram. E converteu-se. Cresceu a fama de Jacobo e o concurso de gente a procural-o.

Tempos depois entra o demonio no corpo de uma donzella, e começou a clamar por bocca da energumena que só Jacobo, o eremita, o podia desalojar daquella casa. Ouvindo isto, o pae da moça apresta-se para a jornada, e com ella segue.

— «E lá vae Satanaz com a sua espada na cinta (que é a mulher); havendo buscado outra mais nova, porque lhe torceu a primeira.»

Sob as orações de Jacobo, sae o demonio do corpo da virgem como salta fóra da tóca a cobra que nella se escondia; sahia, mas para melhorar de posto, e desde os olhos e o rosto da donzella cuspir invisivel e mortifera saliva ao coração do seu expugnador, mais fervoroso que cauto.

Fica ella na caverna, pois que temiam que o demonio segundasse a entrada daquelle castello. Depois, a sós com a moça, tal foi o ardor da concupiscencia, tal a escuridade e turbação do juizo, tal a opportunidade da occasião, que Jacobo, esquecendo-se dos thesouros de graças que accumulára durante quarenta e cinco annos, se abalançou á offensa de Deus. Que farás, desamparado de Deus, a quem desamparaste?

Jacobo lança mão do meio extremo: mata a misera mocinha e deita o seu corpo ao rio.

Na novella de Tolstoi, Sergio, desvairado, foge sem rumo, brandindo o cajado, com os cabellos ao vento. Não sabe para onde vai, aguilhoado pela sua irreparavel infamia.

Na lenda christã Jacobo pára algum tempo num convento, onde os monges o exhortam á penitencia. Proseguindo o caminho, foi ter a um sepulcro antigo; lá dentro só havia ossadas carcomidas. Durante dez annos viveu Jacobo nesse antro de horror.

E ahi é elle o intermediario unico entre o céo e a terra para fazer cessar uma sêcca terrivel que crestava toda a região.

Depois de penitenciar tão tragicamente o seu crime, no mesmo sepulcro onde vivera como um morto, foi Jacobo sepultado.

NOTA — *O autor da correspondencia de Londres é o actual redactor d'* O PAIZ, *o eminente publicista Azevedo Amaral, que então escrevia para o* CORREIO DA MANHÃ.

RONDA DE BEBEDOS

AO luar muito claro, evocador de phantasmas e de visões que nos apavoram, num almargem immemorial, formando um octogono com os lados orlados de arvores brancas, passa e cambaleia a ronda nocturna dos bebedos.

O céu, immarcescivelmente florescido, cheio de estrellas que scintillam como os olhos bemaventurados das santas, é o tecto byzantino de uma cathedral immane; as nuvens pardacentas formam torres irregulares, e de norte a sul levantam-se columnas corôadas de capiteis, que são ramalhetes de astros.

E' ao silencio resplendoroso da noite estrellada, quando o luar corre e desce do céu como um ribeiro que não marulha, que a ronda nocturna dos bebedos cambaleia e passa.

Vêm os velhos em primeiro logar. Encanecidos e tropegos, com os raros cabellos oscillando ao luar como fios tenuissimos de prata, as suas figuras macilen-

tas e ossudas allucinam as almas errantes que pela esteira flôrdelisada do céu vagueiam. Andam aos grupos de sete esses cadaveres somnambulantes; formam rodas e cantam canções bacchicas, que lhes sáem dos peitos cavernosos como si fossem estertores de tysicos. De quando em vez, todos se reunem e põem-se a escutar, arrimados aos seus bordões de cerejeira, a facecia que um delles aos outros conta, rouquenhamente, com ligeiros e tremulos grunhidos na voz.

E' invariavelmente a narração de uma noite de orgia, quando elles, pobres velhos bebedos, tinham sangue nas veias e olhares nos olhos, hoje apagados e ermos. Recordando-se dos prazeres passados, muitos delles levam os lenços brancos aos olhos e os limpam e enxugam, como si delles pudessem correr ainda lagrimas e saudades. Outros, a um conto de amor e vinho, chegam aos corações, como para os apalpar, as ossosas mãos enrugadas, horriveis como garras. Mas os corações estão parados e frios, e não mais palpitam dentro daquelles peitos de mumias.

Ha dialogos que enternecem:

—«Lembras-te, Eurico? Dulce era formosa como as deusas; o seu olhar fulgia como os diamantes negros. Tinha o andar imperial de quem sempre vence. A noite em que a beijei... Lembras-te?

—Oh! sim... Tu eras um bello rapaz. Tinhas fructos maduros nos labios.

—E o sorriso della, Eurico?»

E ao lembrar-se do sorriso della, o velho bebedo tambem sorria; o outro baixava os olhos, horrorisado ao ver aquelles beiços cupidos e murchos, como si outra que não a morte pudesse beijal-os.

Cambaleia e passa ao luar muito claro a ronda nocturna dos bebedos.

O grupo florido das bacchantes surge, agitando thyrsos, coroadas de pampanos. Oscillantes sobre as pernas fracas, estarrecidos e a cuspinhar luxuria pelas boccas desdentadas, os velhos bebedos contemplam-nas mudamente. O luar grava no chão do almargem as suas sombras extranhas, que oscillam macabramente, como elphos intangiveis, como gnomos imponderaveis.

Nas boccas rubras das bellas mulheres, o riso tilinta, sonorizando o ar, em garganteios de passaros; enchem-se crateras de falerno capitoso, e a orgia pagã recrudesce. Vão-se as bacchantes, cantando; saudosos, os velhos occultam-se entre moitas enluaradas, e ouve-se o resonar apopletico de centenas de bededos.

O céu continúa claro, a noite é uma delicia.

A lua, envolta em véus nupciaes, desliza tranquillamente pelo ether sublime. O silencio do luar empresta azas de argento ás nuvens tenues que pelo espaço vôam e se desfazem; nas alturas divinas, a harmonia das espheras reergue a alma humana, que se perde entre phalanges de anjos.

No emtanto, no almargem immemorial, passa e cambaleia, ao luar muito claro, a ronda nocturna dos bebedos.

Estes que ahi vêm, são moços. Abrem os olhos cançados, fixando-os na lua. Mas as palpebras se fecham, somnolentas, e os jovens bebedos oscillam demoradamente, e cáem, e seguem, quasi de rastros, pelo caminho enluarado. Sonham com as suas amadas, mortas umas quando os lirios dos seios brancos desabrochavam, outras ao receber o primeiro e derradeiro beijo; pelos seus cerebros aquecidos adejam imagens castas, alam-se estrellas de fulgor divino, cruzam-se pyrilampos rapidos e fogos-fatuos, que se apagam tremulamente. A saudade, esse intangivel pesar, adormece por

instantes dentro das suas almas deturbadas; tudo lhes é doce e tranquillo como apparições de paraisos.

Uns riem, outros choram; uns soluçam, outros cantam. E pasmos, olhos abertos, todos vêm duas luas oscillando no céu; a multidão de estrellas é tal para os seus olhos envoltos em véus esbranquiçados e opacos, que a confusão entre as estrellas apparece e todo o céu é uma via-lactea immensa, cravejada de diamantes de unidos engastes.

As horas vôam desatinadamente, o espaço esplendido cada vez mais se recama de luz, e as nuvens adelgaçadas tornam-se imperceptiveis, desvanecendo-se subtilmente como espiraes de azulado fumo.

As estrellas começam a desflorir-se.

Entretanto, no almargem immemorial, cambaleia e passa a ronda nocturna dos bebedos.

Estes que ahi vêm são os desesperados da vida. Torvos, sinistros, rubros, colericos, os seus olhos esfusiam sangue. Querem adormecer para sempre o tedio da vida, que todos os dias se renova, que a cada aurora resuscita; nos seus gestos acalorados, nas palavras que soltam, paira o supremo desejo do somno. Odeiam as noites de lua, os ardentes dias de sol; a treva absoluta a envolvel-os, o cáos, onde genios malfazejos adejam enfunando as azas, a desolada confusão dos seres e dos espiritos, tudo isto seria para elles a almejada e nunca interrompida paz.

E após aquelles que querem morrer surgem aquelles que matam.

Os assassinos (oh haschisch eternamente amaldiçoado!) erguem os braços nús onde laminas de aço flammejam; tunicas vermelhas hão de amortalhal-os por toda a eternidade, da cabeça aos pés. Deante dos olhos ensanguentados vêm as phantasticas visões das victimas

com que sonharam, e as figuras supplices daquelles que, ante os seus golpes mortaes, cahiram; enfaixados em purpuras sangrentas, fugiu-lhes da alma a compaixão, desertou-lhes o coração deshumano a piedade, para sempre enviezada em devesas tortuosas. E os seus olhos carniceiros, carminados de sangue, reflectem ondas de um luar rubro, que parece deslisar entre chagas...

Imprevistamente, enojada de vel-os, a lua embuça-se entre estofos de nuvens. Faz-se ermo e desolado o almargem immemorial. Depois, como santelmos no mar, surgem clarões embaciados e tremulos, prenunciando que os mortos, miseras ossadas transidas de frio, tambem hão de vir para a ronda nocturna dos bebedos.

Os esqueletos erguem-se aos pares, envolvidos em sudarios cinereos, elegantes e cheios de ternura; foram homens de fórmas herculeas, foram mulheres de arredondados quadris e seios tumidos, foram creanças de cabellos de oiro e de olhos de myosotis, e agora os ossos chocalham soturnamente, nas voltas das valsas cadenciadas, e os seus dentes alvos rangem ao menor sorriso das suas boccas sem labios. Faz-se geral, como é da natureza das coisas, a hilaridade: nunca se viu uma caveira triste. Riso silencioso e quieto, que se não ouve, mas que bem se vê; riso final de todos nós, um pouco forçado talvez, escarninho e tragico, mas exteriormente alegre. As orbidas ocas, sepulturas onde os olhos dormiram, estão desertas; no emtanto, na sua profundez, parecem ver, desvendam, por certo, tudo quanto a nós, que nos julgamos vivos, está occulto.

E conclue-se a ronda dos bebedos macabramente, entre esgares e bamboleios de phantasmas ebrios; o céu de novo se enguirlanda de corôas estellares, como o tecto bysantino de uma cathedral immane, e de norte a sul levantam-se columnas, rematadas em capiteis, que são ramalhetes de astros.

A DIPLOMACIA ANTIGA

AS grandes complicações diplomaticas de hoje não existiam nos tempos antigos. Não era necessario um tino muito apurado, nem luminosos clarões de intelligencia se exigiam, para um individuo representar o seu paiz numa côrte amiga ou inimiga; conforme á civilização da nacionalidade a que pertencia, ou a sua selvageria, bastava que tivesse maneiras distinctas ou bom muque.

Desde os tempos mais remotos, sempre foram os emissarios internacionaes escolhidos entre os homens de melhor apparencia physica; os corcundas e os pernetas em época alguma figuraram entre os representantes de qualquer nação nessa difficil carreira, que requer tantos gestos elegantes e tão gentis cortezias.

Uma alta figura varonil, empertigada e prospera, um rosto clericalmente escanhoado, onde o sorriso danse constantemente, fazendo as mais agradaveis piruetas, —eis o que se exige em primeiro logar: em segundo logar vem o faro diplomatico, sem o qual ninguem poderá subir de gráu na invejavel carreira mundana.

Uma das primeiras embaixadas de que reza a chronica christã foi a que no anno de 1520 emprehendeu Rodrigues de Lima á Abyssinia, por ordem do rei de Portugal.

Acolhido com todo o carinho pelos habitantes de Massuah, soube, nesta ilha, que um grande dignatario do rei ethiope a governava sob o nome de Baharnagash,—isto é, senhor do mar; antes de chegar á côrte do negus, Rodrigues de Lima quiz tomar conhecimento com este admiravel governador.

Como isto lhe custou! Marcada a entrevista, grandes difficuldades surgiram por causa da etiqueta, que sempre foi o empecilho maximo das *demarches* diplomaticas. Nenhum dos dois,—nem o portuguez, nem o abyssinio—queria ser o primeiro a visitar o outro. Convencionou-se que o encontro se daria em plena estrada.

Escolheram os portuguezes um logar aprazivel e dispuzeram-se a receber commodamente o principe indigena; este, no emtanto, parou tambem no caminho com a sua enorme comitiva, pois que seguir até onde se achavam os lusos seria render-lhes a homenagem da primeira visita.

E as duas comitivas ficaram mudas e quedas, sem dar um passo para a frente; e assim estariam até hoje, si não fosse a idéa resplendente do secretario da embaixada portugalense, um tal senhor fidalgo Pedro Vaz Coelho d'Armas.

Alvitrou elle que os dois grupos seguissem ao encontro reciproco, em passo egual e egual cadencia; haviam de encontrar-se por força. E assim se deu, sem que nenhuma das altas dignidades ficasse compromettida.

Nos seculos primevos da civilização humana, entre os gregos e os romanos, como era facil o officio de

diplomata! As embaixadas só se faziam para simples declarações de guerra ou de paz; da parte de Athenas, as maneiras eram nobres e cavalheirescas,—da parte de Roma, os actos eram imperiosos e sem cortezia alguma.

Um enviado extraordinario fazia duas prégas na toga e dizia ao soberano extrangeiro:—Uma contem a paz, outra a guerra. Escolhei.

Não ha duvida que o systema era rapido e succinto, e evitava as infindaveis notas diplomaticas actuaes; não se perdia tanto tempo em conversas e discussões.

PARA NICE...

MONSENHOR Petrus van der Broken, bispo hollandez, era a mais pura joia do clero batavo; havia na sua alma mais virtudes que estrellas no céu.

Dotado de um coração commiserativo, tinha pena profunda de todos aquelles que soffriam, vivia a enxugar o pranto das viuvas e dos orphams, dando-lhes as mais ternas consolações.

Uma constante romaria de pobres ia diariamente ao seu palacio; nunca ninguem fôra desamparado pelo bom do bispo. Voltavam todos de lá reconfortados pelas palavras de piedade que tinham ouvido, tão serenas, tão sinceras, tão puras, que eram um encanto sentil-as a afagar tantas almas sem esperança, perdidas nas ondas traidoras do mundo.

Não eram sómente os pobres que frequentavam a austera residencia episcopal. Representantes de todas as classes sociaes lá iam, ou para receber a uncção daquelles olhos consoladores, ou para receber o doutrinamen-

to daquelles labios sublimes, onde a verdade brilhava como o sol.

Os advogados, immergidos no lago revolto das demandas, cheios de más e boas acções, procuravam o santo prelado para ouvir os seus conselhos; os medicos, para alliviar as suas consciencias, pediam-lhe humildemente perdão por tantos homicidios involuntarios que praticavam. Os proprios meirinhos (coisa pasmosa) eram ouvidos e recebidos pelo exemplar bispo; não tinha elle linha divisoria para ninguem, a todos acolhendo com a abundancia ubertosa do seu coração de pomba.

Os proprios namorados sem ventura esvasiavam no seu peito todas as maguas que lhes minavam a vida; contavam as suas noites de vigilia, atormentados pelos zelos e loucos de saudade; mostravam-lhe os corações banhados no sangue de todos os desesperos e as almas atufadas no occaso de todas as desillusões.

O conforto baixava logo dos labios do bispo, como um balsamo suavissimo que retemperava as fibras daquelles corpos combalidos. Palavras de doçura divina lhes afagavam as consciencias doloridas, abrindo sobre as suas cabeças um pallio protector.

Era tambem monsenhor Petrus van der Broken notabilissimo pelos seus sermões; entre estes havia um que os seus fieis jurisdiccionados não se cançavam de ouvir. Tinha sido clamado do alto do pulpito mais de cem vezes; mas era como si fosse completamente inedito.

A bem-aventurança eterna, eis o assumpto da sublime predica. O bispo punha toda a sua alma naquelle alcandorado elogio que fazia á eterna bem-aventurança.

Aquella paz sublime entre ramalhetes de estrellas e vôos de anjos scintillavam nas palavras ungidas e bemdictas do santo prelado; ao ouvil-o, todos, todos os seus

diocesanos desejavam morrer para tamanho goso celestial.

Ora (quem poderá sondar o mysterio do coração humano?), ficou no emtanto provado que monsenhor Petrus receitava a eterna bem-aventurança para as suas ovelhas, mas que não tinha grandes desejos de alcançal-a tão cedo.

Foi o caso que elle adoeceu gravemente; era immenso o pesar em toda a diocese. Todos os dias faziam-se preces publicas, pedindo a Deus a volta da sua saude.

O seu medico assistente lançou mão de todas as drogas conhecidas. O estomago do pobre bispo transformou-se numa verdadeira botica. O doente, porém, cada dia peorava.

Aconselhou-lhe então o medico que fizesse uma viagem: era o unico meio de readquirir as forças perdidas. Deixasse por algum tempo o frio brumoso da Hollanda e fosse para alguma cidade meridional.

Monsenhor Petrus obstinava-se em ficar na sua diocese, de modo que, vendo-o cada vez peor, o medico disse-lhe um dia resolutamente:

—V. revm. só tem dois caminhos a seguir: ou vae para a bem aventurança eterna ou segue o mais breve possivel para Nice.

—A que horas parte o primeiro trem? regougou o santo prelado. Hoje mesmo irei para Nice.

LÆTICIA OPHELIA

EU fui, disse-me Læticia Ophelia, semicerrando as palpebras e coando por entre os cilios bastos o luar maligno dos seus olhos negros, eu fui mulher de um enterrador de defuntos. Na cidade em que moravamos, graças á tuberculose, febres, e varias lesões cardiacas, tinha o meu marido um bom rendimento. Vinha o pobre homem para a casa sempre bebedo, depois que acabava de inhumar, quasi deshumanamente, o corpo de algum desgraçado ou de algum feliz: felizes todos, em summa.

Quanto a mim, que me casára por amor, encantada que ficára pelos loiros cabellos e olhos azues de Celio, senti, no decorrer dos tempos, certa repugnancia pelo homem que commigo dormia tão pesadamente, cansado de haver socado sob o solo aspero e duro tantos cadaveres immobilizados pelo terror do ultimo instante de vida. Pouco a pouco, fez-se a solidão entre nós dois. No fim de tres annos já não nos falavamos, tanto é certo que a morte emmudece a quem della se approxima. Mas que doce felicidade a nossa nos primeiros tempos!

Sobre o morro alvejava o cemiterio, quadrangular, com as suas quatro paredes brancas, muito altas; coroando o morro, a nossa pequena casa, toda cercada de chorões e eucalyptos, parecia um ninho. Na collina fronteira espalhava-se a cidade pequena e clara, com a sua casaria caiada de novo; era como um lago onde se banhavam cysnes. Separando as collinas, deslisava o ribeirão tranquillo, sobre o seu leito de seixos avermelhados; de um lado a cidade dos vivos, do outro a habitação dos mortos, e a nossa alegre vivenda, e o nosso amor.

A minha face pallida era como a face de Tchoun-Hyang no romance coreano: surgia, como a lua, de dentro das nuvens negras do meu cabello em desalinho; os meus olhos trigueiros, onde sempre pairavam dois anjos em oração, traziam sonhos de ventura e desalento aos moços que me miravam demoradamente, indagando comsigo de onde viera tão estranha flôr dos mortos.

Era Celio coveiro e zelador do pequeno cemiterio. A municipalidade recompensava o seu funebre serviço de maneira a vivermos folgadamente; tinha elle, além do seu ordenado fixo, a percentagem que tirava de cada sepultura. Viviamos, assim, como tantos outros, da morte. Habituei-me a passear, como uma sombra, pelos tumulos em flôr; passava horas esquecidas a scismar, recostada ás lapides mortuarias, como uma estatua de marmore. A tarde, suave como um beijo, surprehendia-me de olhos fitos nas rendas purpureas do occaso; aprazia-me o silencio do campo-santo, evocador das virgens que se foram como rosas pallidas. Quantas vezes, ao ciciar monotono das auras vesperaes, tive prantos nos olhos por aquelles que jaziam no abandono do mundo, no isolamento irreparavel da cova... Notaram-me, em breve, naturalmente, pela minha extraordinaria formosura. Comecei a ser a fonte castalia onde vinham inspirar-se

os poetas doentios. Eu era o anjo da morte, a fada que esparzia petalas enluaradas por sobre os tumulos esquecidos; felizes os mortos que viviam sob a guarda tutelar das minhas azas!

As pobres mães, que tinham perdido os seus filhos ao sahirem dos berços, adoravam-me e abençoavam-me; pois si eu continuava a ser-lhes mãe na morte, sempre plantando uma flôr nova nos pequeninos tumulos, engrinaldando-os sempre com trepadeiras viçosas, azues como o céu para onde as suas almas de anjinhos haviam erigido o vôo celere...

E os mezes, e as semanas, e os dias succediam-se uns aos outros.

Seguia a minha vida, como um caminho plano, sem o menor oiteiro a transpôr, que ladeado fosse pela mesma paizagem sempre. Doce e triste caminho, perfumado pelos lirios das campas, que iria dar por certo ao céu...

Mas um dia (era uma sexta-feira da quaresma), alarmou-se, commovida, toda a cidade: fallecera, imprevistamente, a moça mais formosa do logar, menina e noiva, aos quinze annos apenas. Foi então que a monotonia sagrada da minha vida devia de transformar-se tão romanescamente.

Elza (tal era o nome della) fôra levada ao cemiterio entre duas alas de virgens, vestidas de gaze nevoenta, em um caixão aberto. O seu corpinho fino atufava-se em meio de braçadas de flôres; morrera sorrindo, e ainda conservava, depois de morta, o mesmo sorriso angelico, ultimo raio de vida que lhe permanecera no rosto.

Desde esse dia triste, Carlos, que era o noivo, guiava os passos de somnambulo até lá, onde estacionava a sonhar, alheio ao murmurio das auras e ás vozes dos

que se perdiam por alli, a mitigar saudades, e alheio (e era isto o que mais me maravilhava) ao crepusculo veronense dos meus olhos mortiços.

Passaram-se muitas luas, e infindas agonias de occasos haviam palpitado no céu, até que, inesperadamente, os olhos de Carlos se encontraram com os meus, em um rapido lampejo fugidio. Foi como a revelação da sêde de ideal que nos martyrisava. Desde então, antes delle seguir para o leito de Elza, sorria para mim; o seu sorriso cahia-me na bocca como um raio de sol na corolla de uma rosa.

Attrahida por elle, subjugada pelo amor que Carlos tinha á morta, e que bem podia resuscitar em mim, comecei então a cultivar violetas ao derredor do tumulo de Elza, pacientemente, á espera dos seus passos, á espera do seu sorriso, á espera das raras palavras que me elle dirigia, a principio indifferentes, mas, depois, com o correr das tardes, bem significativas para mim, que começava a amal-o.

Elle, que me parecera intangivel como um cavalleiro das lendas medievas, humanizava-se aos poucos; o diadema da sua cabelleira loira já me não parecia feito de raios de sol. Os seus olhos já não procuravam, dentro do seu sonho, a morta que jazia sob a terra: vinham a mim demoradamente. Havia dentro delles um silencio de lua.

O romantismo enfermiço do bello moço transformou-se de um dia para o outro em violenta paixão de amor. Teve, como os mysticos de outr'ora, instantes felizes de luxuria dolorosa.

Foi uma insania sacrilega o nosso amor; junto á lapide de Elza trocámos os primeiros beijos, e enlaçámo-nos, bem junto della, como duas arvores plantadas no mesmo chão, nos impereciveis abraços daquelles que

se dão para todo o sempre. A eternidade ouvia os nossos votos, a morte abençoava as nossas caricias...

Uma noite deixei-me ficar embevecida nos braços de Carlos mais tempo que costumava. Nada, de resto, poderia temer: Celio, perdido pelas tavernas da cidade, voltava ás horas mortas, muito depois do cahir da meia-noite. Encontrava-me sempre em casa. Naquella noite, entretanto, presentindo talvez a minha traição, viera mais cedo, por desgraça minha.

Era uma noite de luar.

Entrou rapidamente pelo cemiterio, e ao encontrar-me com o rosto apoiado sobre o hombro de Carlos, atravessou com uma bala o craneo do meu pobre amante. A morte foi instantanea. De braços cruzados esperei, esperançosamente, a minha vez. Celio pegou em Carlos, estendeu-o junto ao tumulo de Elza, e pôz-lhe na mão direita o revólver detonado.

Depois, passando por mim friamente, disse-me apenas:

—Vamos para a casa.

Comprehendi tudo.

O jornal da cidade, no dia seguinte, contava aos seus leitores o suicidio sentimental de Carlos, o bello moço que não pudera viver longe da sua Elza adorada, e que junto do tumulo della se matára...

—E abandonaste, logo após, o teu marido? perguntei-lhe.

—Sim, respondeu-me Læticia Ophelia. Dahi a um mez era eu actriz tragica de uma companhia que pela cidade passára.

Fiz, á minha custa, os meus primeiros ensaios dramaticos.

Missal extranho

UM valente capitão lusitano, do tempo em que um fio de barba servia de penhor á palavra de honra, jurada em momentos de apuros, entrou pelo sertão bravio da Africa a dentro, na calamitosa guerra de conquista dos tempos de antanho.

Grandes combates sustentou elle contra as hordas selvagens que vinham ao seu encontro; os aguerridos soldados, costumados de ha muito a privações de todos os generos e á vida barbara desses paizes que invadiam, desfraldavam pelos ares a heroica bandeira portugalense, symbolo de um povo até então nunca vencido.

Por onde o capitão passava, ao som das cornetas e cornetins, o solo juncava-se de cadaveres negros; nuvens de abutres caracolavam no ether tranquillo e as

moscas e moscardos zumbiam soturnamente, enchendo a amplidão com um zunido prolongado que causava somno.

Mas o capitão seguia impavidamente: matava, decerto, mas civilizava aquellas brenhas desertas, onde o homem era mais feroz que os leões e os leopardos.

Chegou, emfim, ao reino dos chaykiés, cujo chefe lhe deu sangrenta batalha, sendo vencido depois de tres longos dias de lucta porfiada; o guerrilheiro portuguez entrou triumphalmente na cidade conquistada. Mas o rei pediu que a paz fosse jurada sobre o Evangelho, livro de que tivera noticia e sabia conter os preceitos da religião dos invasores.

Achando-se em pessimo estado o Evangelho do batalhão, com todas as folhas sujas e soltas, o valente lusitano vexou-se de apresental-o ao rei, e, inspirado por subita idéa, prestou o seu juramento sobre um volume doirado do Cancioneiro de Garcia Rezende.

E cumpriu a sua palavra, deixando em paz o reino invadido, como si tivesse jurado sobre o Santo Livro; e nem podia deixar de cumpril-a, dizia elle, depois de tantos poetas—cavalheiros e peões—a terem ouvido...

Ora, depois de recordar-me disso que ahi fica escripto, vem-me á memoria um extranho caso, que não deixa de ter a sua correlação com tão poetico sacrilegio.

Frei João de S. José, honrado franciscano que durante muitos annos foi bispo da diocese do Pará, conta em suas memorias o facto que se segue e que me parece digno de figurar nesta pagina de chronica, onde só se relatam coisas veridicas ou que assentem em bases solidas.

Viajando o sagrado pastor pelo interior da sua provincia ecclesiastica, chegou a uma pobre aldeia, servida por um velho sacerdote hespanhol, cujo bom humor

era tradicional entre as suas desgarradas ovelhas; mesmo quando celebrava o santo sacrificio da missa, acontecia-lhe, ás vezes, soltar uma vibrante gargalhada, que punha em panico os fieis.

Intrigado com o caso, o caridoso bispo pensou a principio que o vigario estava com o miolo molle; mas approximando-se do altar-mór, quasi cahiu de costas, pois viu que o missal era nada mais, nada menos que uma antiquissima edição das aventuras de Dom Quixote.

O padre foi suspenso de ordens e o bispo levou comsigo o *missal* para rir-se em casa.

VOZ DO CÉU

(SCENAS ROMANESCAS)

—

SCENA PRIMEIRA

ALVARO.—Parece-me que estás mais pallida; outr'ora o teu sorriso era como um raio de sol entre petalas de rosa... hoje é o luar que oscilla sob o cruzeiro que os teus supercilios formam quando se unem á linha plastica do teu nariz grego. Crucia-me o desalento do teu semblante suavissimo; dera os meus dias de vida, dera os meus sonhos de moço, e todos os beijos que dos teus labios recebi, para ver-te como dantes, cheia de rutilas alegrias, com o rosto a pedir bençams, lirio que desabrochava entre o oiro fulvo da tua cabelleira de walkiria...

CELINA.—A lua dorme entre nuvens: entre nuvens a minha alma sonha...

ALVARO.—Outr'ora, quando a rosa mystica da tua alma floria para mim, quando para mim os teus olhos cantavam arias de nupcias, cheguei a pensar quão doce

me seria a calma do teu seio. Por ti vesti o brial de cavalleiro e calcei guantes de paladino; por ti andei banhado de luar noites inteiras, olhos fitos nos astros, a fronte pallida atorçalada de açucenas e cravos brancos; por ti vesti andrajos de mendigo, e estendi a mão, e esmolei... Esmolas que eram os teus beijos, esmolas que eram os teus olhares, esmolas que eram todos os sonhos de ventura que sonhei! Por ti...

CELINA.—A tua voz é suave como um marulho de onda em pequeno lago... mas ouço dentro da alma outros labios que se entreabrem em murmurios de cithara. Pensa que estamos em uma cathedral gothica, e reza, reza por mim que te amei como na terra se ama, por mim que tive o peito mais florido que o violetal que juntos plantámos.

Por mim...

ALVARO.—Bem sinto que a morte me será vida, que as trevas do ultimo poiso me serão raios de sol. Celina! quando os teus labios mentiam, porque os não cerraste para sempre, porque não murcháram como flôres pizadas, porque se não encheram de viboras que me picassem!

CELINA.—Perdôo-te os ultrages satanicos. Sigamos pela alpendrada. O sol crepuscular suavisará a tua alma que se mergulha em sangue...

ALVARO.—Bem. Ajoelhar-me-ei deante de ti. Que eu pegue no teu braço como quem se apoia á aza de um anjo...

(Seguem, vagarosamente para o jardim. Uma rosa fanada se desfolha ao sôpro da viração, quando elles pela roseira passam. Sentam-se; Alvaro fita o sol que morre, evitando os olhos della.)

CELINA.—O nosso amor era tão casto e candido que delle sahi purificada para mais puro amor; effluvios imponderaveis exhalaram-se da minha alma, ascendi ás harmonias estellares, e quando baixei á flôr do solo que pizámos, bemdisse-te mil vezes, a ti fiel thuriferario que deante da minha alma queimaste as sagradas resinas. E como si nunca mais te houvera de ver, senti saudades de ti, que já não serias para mim o gentilhomem que requestava a minha mão de lis, mas sim o noivo esperado para o noivado astreo dos amores impereciveis...

ALVARO.—Embalado pela caricia protectora da tua voz, o meu pezar adormece, o pungente desejo de beijar-te torna-se em subtil delicia; mas, si admiro a sublimidade do que me dizes, sinto, entretanto, a desolação da morte atravessar-me o peito.

CELINA.—Extasiada pelo luar, pendi-me para o lago naquella noite inicial que tanta magua te causa, porque separou os nossos destinos humanos na terra; ao ver-me reflectida na tranquilidade da agua, onde a lua tambem se mirava, foi como si visse a minha alma que do meu corpo se arrancára. Sorri-lhe; uma nuvem negra, velando a lua, a fez desapparecer. Deixa que eu veja a minha alma dentro dos teus olhos, como eu a vi no lago, não sejas, por Deus, a nuvem negra que afugentou a minha alma!

. . . . . .

SCENA SEGUNDA

ALVARO, *em frente do Mosteiro*

Pois que Celina me abandonou, e deixando os meus braços, em outros que não humanos se aninhou piedosamente, não me admiro de mirar-me tal como agora surjo, resuscitado talvez, tão outro do que fui. Senho-

ra de tranças de oiro, triste saudade entre goivos nascida, raios de luar circumdam-te as faces; senhora de mãos de lua, erguei-as postas em cruz, e subindo pela montanha ascencional, entre nimbos radiosos e ramalhetes de estrellas, sêde para mim a annunciadora angelica!

Que é feito do meu amor?

(Uma infinita tristeza envolve em sombras o semblante de Alvaro. Contempla o Mosteiro solemne, e abaixa os olhos, lagos de lagrimas, para a terra que o espera. Arqueja-lhe o peito em haustos de soluços: depois, resignado como um Santo, continúa em extase:)

Para onde voaram os sons querulos da minha citula? em que torreão ameiado e cheio de astros dorme a harmonia celeste da minha alma?

Como um templario deslumbrado, a cruz a santificar a cervilheira altiva, levei o meu balsão de cavalleiro aos prelios do mysterio, e de lá voltei desolado, porque não se colhem estrellas como si fossem rosas.

(Vergam-lhe as pernas como si fôra um ancião: tremulo, cambaleante, encosta-se ao tronco secular de uma arvore.)

Tive negros cabellos annellados, que da Iberia me vieram, enloirecidos na infancia por um raio de sangue gôdo, e encontrei princezas que os alizassem com as mãos nevadas, tão alvas como si dellas brotassem lises em flôr. Brancos se fizeram pouco a pouco, e pouco a pouco se desprenderam do craneo, e eis-me como ao mun-

do vim, cabeça descalvada e clara como as que dormem nas catacumbas...

Tive dentes de perola na bocca vermelha, e lentamente cahindo foram, e a flôr dos labios cerrou-se triste, porque não podia mais florescer em beijos...

Tive braços alvos e quentes, feitos para os abraços, e eil-os cheios de musculos mortos, pendidos como galhos meio quebrados pelos ventos do inverno...

Tive mãos finas e macias, feitas para pentear virgens e santas, e os dedos ossificáram-se, e as unhas que eram de coral e jaspe, tomaram a côr das teclas marfineas fustigadas, durante seculos, por mãos que se fizeram em pó...

Mas já me não lembro de ter tido esses cabellos que princezas alisáram, nem esses dentes que sorriam claros como perolas, nem esses braços alvos que se tornaram seccos, nem essas mãos feitas para pentear santas e virgens: tudo, tudo se atufou na memoria incerta, e de nada mais sei sinão que ella se morreu, como as flôres, como as estrellas cadentes, como as nuvens côr de opala...

Fui sempre, ah! fui sempre um ancião encarquilhado!

(Olhos fitos no chão, recorda-se, pungentemente, de sonhos idos. Magôa-lhe o rosto, em macerações e vigilias, a infinita saudade de quem nada espera, e vê, no emtanto, deante dos olhos, espraiado, cheio de velas brancas, um mar todo verde. Continúa, dolorosamente, como temendo ouvir as suas proprias palavras:)

Inexpressivos, de certo, seriam os seus olhos castos para quem nunca visse em sonhos os resplendores que o céu occulta; para mim que os vira, para mim que os sonhára, quanta magia de luz moribunda, quantos encantamentos de luas em agonia, quanto sentimentalismo de amor vencido encontrei dentro delles!

Velho, velhissimo como me achava, tropego, quasi de muletas, tive sonhos quando a vi, porque desde a infancia gostei de cultivar açucenas, e as saudades sempre floriram de roxo os canteiros que eu plantava.

Pobre homem! quantas noites hiemaes contavas, quando a viste? Nem o sabes, talvez; nasceste velho como as cans de um ancião. A tua cabeça foi esculpida em um blocco de neve polar.

Que outro sorriso tinhas tu a não ser o doloroso e truanesco sorriso das rugas?

Nunca houve primavera para a tua alma, nunca houve affagos para os teus labios; no emtanto, como uma flôr que nascesse na geleira, dentro de ti, no meio das tuas immortaes illusões, embora tantas vezes finadas, a estranha tulipa florescia.

Arrastaste os pés entrevados, immoveis de ha muito nas tuas grossas alpercatas de peregrino medieval; com o bastão de romeiro, a escalpina a envolver-te os hombros ponteagudos, irmanando os teus olhos mortos aos olhos della, foste ao seu encontro.

O peso dos seculos que em espirito atravessáras, fazia-te ainda mais curvo o dorso abobadado; as tuas pernas tremulas, finas como caules, onde as veias se entrelaçavam como heras, moviam-se vagarosamente; heraldo da morte, de certo serias, mas nunca o amante que ella, banhada em luar, esperava na torre eburnea.

Pobre velho!

Chegára para ti o tempo em que só se plantam lirios por sobre as covas; de saudades poderias viver, mas nunca de esperanças que fugiam.

E a estranha tulipa abriu as petalas azues na regelada estufa; de compaixão por ti floriu um momento, para que a contemplasses de joelhos, para que a sentisses ainda nos estertores agoniantes que seriam, tão cedo, os teus carinhos.

Ficaste outra vez só, como ao mundo vieste; mais desgraçado ainda, porque hoje vive comtigo a lembrança aromal dos olhos della, e toda a luz esmeraldina que dentro delles refulgia.

E a tristeza da morte ficou-te na alma, como uma sombra que não mais se esvae.

Que é a tua alma sem ella?

Imaginae a desolação de um lago quando a lua entre as nuvens desapparece.

. . . . . .

. . . . . .

NOS DOMINIOS DA HISTORIA

SIXTO V foi um dos maiores vultos de que reza a historia ecclesiastica. Cognominado "o pastor de Montalto", em recordação da sua humilde profissão e do logar humilde onde nascera, pregou a maior peça e o maior logro, de que a mesma historia tambem reza, ao atilado corpo cardinalicio de então.

De simples guardador de bacoros subiu á mais alta dignidade a que póde um misero mortal chegar, pois que o papa só reconhece a Deus como seu superior, sendo o representante d'Elle na terra; mas, para que isto se désse, usou de tão subtil astucia e tão desmarcada manha, que desbancou todos os expertalhões que têm apparecido neste orbe sublunar.

Ficou respeitado como mestre supremo em alicantinas e tretas, e para mim, podem os dias, os mezes, os annos e os seculos correr precipitadamente na grande e dolorosa via do tempo, até que chegue o pavo-

roso dia do juizo final, que outro "farceur" da sua fina tempera não surgirá de modo tão imprevisto, embasbacando o mundo inteiro.

Gregorio XIII, de quem elle foi o successor, não lhe votava sympathia alguma. Dentre todos os cardeaes que formavam o sacro e purpureado collegio, era esse pobre pastor de Montalto o que menos valia, em virtude do papalino desprezo; os bispos imponentes, os monsenhores floridos, os conegos prebendados, os simples vigarios, os proprios apprendizes de clerigo, tratavam-no todos por cima dos hombros, como si elle fôra um gajo qualquer.

Por não ter obtido nenhuma parte no governo da Egreja, que era então o governo do mundo, viu-se de repente, sob o espanto admirativo de todos, Montalto retirar-se do turbilhão da côrte papal, votando-se a um ostracismo quasi voluntario, que seria o factor do seu vindoiro engrandecimento.

Soube-se que elle, que estava na mais exuberante força da vida, só tratava da salvação da sua alma. Com cilicios e abstinencias, constantes orações e vigilias, arranjára, para substituir o seu roseo carão, um semblante mais mortificado e ascetico do que os mais asceticos e mortificados semblantes dos florilegios de santos; o pobre homem causava dó.

Parecia succumbir ao peso de todas as enfermidades imaginaveis. Parecia carregar o fardo de um seculo de existencia. Falava com difficuldade e tossia a cada instante. Tomára uma muleta para amparar-lhe os passos tropegos, e era sempre com ella que apparecia nos logares publicos. O seu fim proximo era presagiado em toda a cidade de Roma.

Eis que morre Gregorio XIII; esses signaes de precoce caducidade duplicaram. Bastou isso para que se

reunissem a seu favor todas as facções em que se dividia o conclave, esperando cada cardeal que um pontificado fraco e de pouca duração daria a cada um delles o tempo necessario para preparar a propria eleição.

Apenas se concluira o escrutinio e o carmelengo annunciára o resultado da votação, viu-se uma scena inaudita, que, no emtanto, nada tinha de miraculosa. Montalto levantou-se tão bruscamente e atirou tão alto a muleta, que todo o collegio cardinalicio fugiu espavorido; com uma voz que abalou os alicerces do Vaticano começou o novo papa a entoar um "te-deum" que parecia desprender-se da bocca de um canhão tudesco...

Dias depois o cardeal de Medicis cumprimentava-o por tão subita mutação na sua saude.—Não vos surprehenda tal facto, respondeu-lhe Sixto V; antes da minha eleição, eu procurava as chaves do paraiso, curvando-me para o chão afim de mais facilmente encontral-as; agora que as achei, só olho para o céu, não tendo mais necessidade das coisas do mundo...

UM SAPATEIRO DE FAMA UNIVERSAL

I

MAIS celebre que Bandarra, o sapateiro rimador que escreveu em versos pavorosos varias prophecias sobre a vinda imminente ou proxima de d. Sebastião, enchendo da mais grata esperança os audazes e valentes peitos lusitanos, que viam em sonhos o triumpho posthumo do derrotado heróe de Alcacer Kibir,—mais celebre do que elle é sem duvida o seu collega Pasquino.

Durante annos infindos Bandarra tornou-se o propheta por excellencia entre o bom povo do ex-reino d'além mar; todo o mundo acreditava nas suas predicções como si se tratasse de um vidente biblico. Não só para a vil gentalha, como tambem para muita gente bôa, as suas illuminadas palavras valiam mais que as lamentações de Jeremias e que tudo quanto sonharam e disseram Ezequiel, Daniel, Amós, Nahum, Habacuc, Joel, ou outro qualquer desses adivinhos hebreus.

Deve-se a elle o surgimento de varios malandros —quatro ou cinco—, que se apresentaram como reis authenticos de Portugal, isto é, como impassiveis sebastiães resuscitados, a mostrar no thorax os golpes das durindanas moiriscas; curas de aldeia houve que receberam esses intrujões, por simplicidade ou por tolice, agasalhando-os fradescamente e enchendo-lhes as vazias tripas com os melhores pitéus da freguezia. E por dilatados annos Bandarra pontificou...

O sapateiro romano nada tem de commum com elle, a não ser a profissão. Não foi como propheta que grangeou a fama mundial que o circumda para todo o sempre. O seu renome nasceu apenas de ser esse originalissimo lambe-sola a lingua mais maldizente de Roma. Desde o nascer da aurora ao fim do dia, era a sua modesta tenda o "rendez-vous" de todos os desoccupados; falava-se da vida alheia incessantemente entre as quatro paredes da sua officina.

Os conspicuos historiadores que trataram de Pasquino não são accordes quanto ao officio que elle exercia. Alguns o dão como alfaiate, fazendo as mais horriveis togas de que o decimo quinto seculo da nossa éra tem noticia; outros o põem na lista dos respeitaveis remendões que pullulavam na eterna urbs. E como estes estão em sensivel maioria, foi vencedor na tradição o criterio delles.

Homem de uma causticidade modelar, inclinado a toda a especie de satiras e sarcasmos, quem passasse deante da sua loja levava logo atrás de si um epigramma; entre um e outro prego por elle fincado na sola de uma sandalia, havia sempre uma palavra mordaz que arrancava pêlos e cabellos do incauto transeunte. Chegou afinal o dia em que o temido homemzinho deu a alma a todos os diabos; mezes passados, sendo feita uma

excavação nos terrenos adjacentes á famosa tenda, descobriu-se a estatua mutilada de um gladiador. Fez-se logo uma peanha para a estatua, que desde então teve o nome do sapateiro,— Pasquino.

Roma em peso veiu ver o monumento erguido "in memoriam" do extraordinario latino, que, exercendo uma profissão humilde, se fizera respeitado de todos pela agudeza sem par da sua lingua, sempre fina e afiada como a lamina de uma espada em tempo de guerra; não havia em toda a immensa cidade de então pessoa alguma que tivesse passado deante della, indemne de golpes. E si estes eram ás vezes inoffensivos, simples graçolas, ou chufas, ou ditos picarescos, outras vezes feriam fundo e sangravam, na mais corrosiva das maledicencias.

Desde o mais alto cidadão até aquelle que estivesse collocado na mais rasteira posição social, dos pincaros angustos ás baixas camadas da plebe,—todos tinham sido victimados pelo heroico tira-pé do famigerado artifice; nem os deuses escaparam. Os incestos de Jupiter applicavam-se a este ou áquelle cidadão de Roma; os amores de Venus eram uma carapuça para as mais gentis patricias.

E o sapateiro immortalizou-se, bem como a sua estatua.

Desta falaremos amanhã, respingando ditos e epigrammas historicos.

II

Por dilatados annos, a estatua mutilada do gladiador romano, que doravante representava e symbolizava a figura sarcastica e linguaruda de Pasquino, permaneceu muda e immovel sobre a peanha de cantaria em que se firmava; deante do seu apavorante silencio, onde sibilavam motejos e chasquinadas, passavam e repassavam

os admiradores do extincto remendão, que áquellas horas dirigia com certeza satiras e epigrammas a Plutão e a Proserpina.

Os que tinham soffrido as lancetadas do seu espirito, causticante como um sinapismo, descançavam sorridentes quando por lá iam confiantemente contemplar o gladiador informe; daquelles labios corroidos pelo tempo não sahiriam as farpas ponteagudas que os tinham feito chorar lagrimas de sangue.

Em noites de luar, não raro se via em extase deante da estatua um velho esbelto que a contemplava demoradamente. Como ao lembrar-se das pilherias que ouvira e dos bons ditos com que se deliciára em tempos idos, começava a sorrir-se tenuemente, até que o sorriso se transformava num riso francamente aberto, e logo após o riso se transmutava numa gargalhada homerica.

Alguem que vira estas manifestações exteriores do bom velhote, tomou-o por louco; outros o julgaram bebedo: mas a verdade é que elle descobrira o meio de ser aproveitado o mutismo da estatua.

Desde então patenteou-se a utilidade desta. Morto Pasquino, continuaria a estatua a representar o papel de maligno censor com que se celebrizára o sapateiro; estava decidido que o gladiador, na sua discreção, faria a critica dos abusos e dos ridiculos do dia. Collocar-se-iam sobre o seu peito, clandestinamente, cartazes onde se escreveriam epigrammas contra o governo pontifical, contra os cardeaes, contra todos os altos dignatarios do clero. Pasquinadas foi o nome que tiveram esses cartazes, alguns dos quaes da mais fulgida ironia.

Sobre Alexandre VI, accusado de ter feito um vergonhoso trafico de todas as dignidades ecclesiasticas, escreveram:

"Vendit Alexander claves, altaria, Christum;
Emerat ille prius, vendere jure potest".

Nestes dois versos se resumia uma das partes tristes do pontificado de Borgia: vende as chaves de S. Pedro, os altares, o proprio Christo; póde de pleno direito vendel-os, pois que elle mesmo os comprára...

No emtanto, diz um annotador historico, temeu-se que Pasquino se entediasse na sua solidão, a dialogar comsigo só; desenterrou-se outra estatua, que teve o nome de Marforio, sendo collocada ao lado da primeira. E cada manhã havia as mais maldizentes conversas entre os dois compadres; as perguntas de vespera postas no peito de um, eram no dia seguinte respondidas pelo outro. Houve então uma saraivada continua de verve. Todas as novidades estalavam no marmore encardido das estatuas.

O papa Sixto V era de origem humilima, sendo cognominado "o pastor de Montalto", aldeola onde fôra guardador de porcos. Trouxe para Roma uma sua irmã, que era lavadeira na sua terra; como bom irmão, installou-a em um dos mais ricos palacios da cidade eterna. Dias passados, a estatua de Pasquino apparecia vestida com uma camisa extraordinariamente suja; depois, Marforio perguntava-lhe qual era o motivo daquella immunda negligencia. No dia seguinte Roma em peso queria saber da resposta. O povo acotovelava-se em multidão. E leu-se então no peito de Pasquino: "é que a minha lavadeira se tornou princeza..."

Adriano VI, que morreu em 1523, foi um dos papas que mais soffreu com os impiedosos cartazes; na sua ira chegou a mandar que se atirassem no Tibre as temiveis estatuas, para abafar-lhes a voz. Conta-se que foi o embaixador da Hespanha, d. Luiz de Sessa, quem

o dissuadiu disto, dizendo-lhe que mesmo no fundo da agua Pasquino e Marforio se calariam tanto como as rãs...

O sapateiro e o seu alegre companheiro são, sem duvida, os paes das mofinas e das secções livres de alguns jornaes da actualidade, bem como das partes editoriaes de outros.

A FREIRA E O PINTOR

EMILIA Stephanska, freira angelical que da ex-escravisada e heroica Polonia viera ás plagas brasileiras buscar um pouco de allivio aos sonhos nevoentos da sua alma, em um claustro paulista,—a doce e misera Emilia não achou entre as arcadas do convento a paz almejada.

Quando aqui aportou, ao sentir-se beijada pelo sol de fogo da nossa patria, ao ver-se aureolada pela coroa de luz que do alto lhe descia á fronte scismadora, teve um deslumbramento de clarões dentro da alma. Um occaso franjado de oiro e de argento lhe perfumava a nostalgia do seu lar brumoso, onde a neve transforma as proprias arvores em virgens que se vão ca-

sar, emprestando-lhes sumptuosos veus diaphanos, que pallidamente scintillam sob os brilhos mortiços do sol enfermo.

Foi feliz quando sentiu o banho de claridade refulgente que lhe doirava o peito.

Depois, na solidão da sua cella, perscrutando o silencio infinito das noites estrelladas, que lá fóra tombavam em concha de resplendor sobre o casarão colonial que ella habitava, sem que as visse, portanto,—milhares de rouxinóes começaram a cantar pelas veigas em flôr da sua alma, endeixas doloridas.

Accordava em sobresalto, tendo sobre a cabeça uma grinalda primaveril que os anjos lhe haviam trazido do céu; pelos labios virginaes lhe passava o acridoce nectar dos beijos olympicos, e toda ella era um canteiro de cravos e de rosas, regado por um orvalho tão fino que lhe parecia feito de lagrimas santas.

Noites havia em que galgava a escadaria eburnea que liga o céu clemente á terra peccadora; subia por ella acima, abençoada por todas as vozes archangelicas dos córos de alem. Tinha azas nos hombros, tinha azas nos flancos, tinha azas nos pés...

E o sonho mystico por alguns dias se reproduziu, e a freira suave, amenamente embalada por felicidade tanta, julgava que a gloria do paraiso eterno tinha vindo afinal illuminar-lhe os dias que haviam de vir; era-lhe o passado um sol morto em plena gloria, o presente uma alvorada em plena festa, o futuro um crepusculo indeciso que não teria fim...

Mais eis que Elle,—o noivo esperado—surgiu-lhe um dia. Não era Miguel Angelo, nem Raphael, nem Boticelli; viu-o apenas dentro das nuvens vespertinas do seu sonho maguado, como si fôra aquelle o principe que ella esperava.

Era um simples pintor de paredes, um bello italiano de cabelleira negra, que fôra caiar os muros do convento; e a freira quiz fugir com elle, e recorreu á justiça...

Toda a sua illusão se finou debaixo do prosaismo de um « habeas-corpus » denegado, porque a freirinha era menor e estava sob a tutella da Superiora; contrita, depois de jurar que esqueceria o pinta-monos por ella adorado, cahiu de joelhos, rezando, na solidão vetusta do convento paulista.

DANCEMOS!

O GRANDE rei David, de cuja cabeça inspirada os psalmos brotaram, como estrellas em pleno céu de estio, logo que se viu em paz duradoira com os seus amotinados e perigosos vizinhos, ficando na posse tranquilla do seu reino, pensou na maneira por que festejaria tão grato acontecimento.

Como não houvesse naquelles priscos tempos a operosa classe dos funccionarios publicos, não lhe passou pela idéa o fechamento das repartições durante uma quinzena, afim de que a burocracia tomasse um regabofe de ar livre; não pensou tambem em illuminar o seu palacio e dar uma recepção diplomatica a todos os representantes das côrtes extrangeiras.

Poderia decretar festas sumptuosas, que trouxessem o povo, durante dias e noites consecutivas, inundado no lago da mais pura e scintillante alegria; poderia determinar jogos e corridas equestres, em que os mais esforçados moços da terra mostrassem ás esquivas donzellas a força do biceps e a exuberancia das gambias...

Nada disso, porém, bruxoleou na sua real phantasia; embora cheio de emphase quando clamava a Deus, era homem de habitos moderados e não gostava de estardalhaços.

Que fez elle?

Resolveu transportar para Jesusalem a arca santa, que ficára em casa do levita Abinadah. Foi collocada num enorme carro, propositalmente feito para a cerimonia; dois bois possantes, enfeitados de flôres, o arrastavam. Acompanhava-o uma multidão; rapazes que tocavam harpas, moças a tanger lyras, e pandeiros, e sistros, e tambores, e cymbalos... Uma festança.

David, revestido de uma tunica de seda e lã, começou a dançar, em frente da arca, com toda a força dos seus annos viris; e tal convicção punha nos passos choreographicos, que a rainha Michol, filha de Saul e mulher do divino psalmista, lhe reprovou a acção, dizendo-lhe que elle surgia, em meio dos seus subditos, como um palhaço.

E no emtanto, quem tinha razão de assim expressar o seu jubilo, era David. A dança, desde que não seja a de S. Guido,—porque nesta, quer a gente queira ou não, ha de sempre fazer os mesmos fastidiosos movimentos de morbida cadencia, nem a macabra, porque esta pertence, por absoluto privilegio, aos que a Morte levou para os seus dominios pavorosos,—a dança sempre foi um divertimento de bom tom, um passatempo alegre e festivo, como nenhum outro.

Ao flebil som de flautas e violinos, aos gemidos profundos dos violões, ao scherzo vivo e tintilante dos bandolins, ou em ouvindo um violoncello que chora docemente, e de repente, sem arco, obedecendo á voz dos pizzicati, prorompe em raros suspiros plangentes,

—não ha quem não sinta a alma docemente berçada por mãos de fadas.

Os momentos passam vertiginosamente, os instantes vôam como pardaes, uma refulgente luz nos illumina o cerebro, dos olhos cáem-nos estrellas, a respiração comprime-se, e afinal, finda a valsa, a polka, a quadrilha, os lanceiros, a schottisch, o minuete, o fado, a mazurka, o tango,—vae o mortal descançar algum tempo, para depois recomeçar com o mesmo garbo, com a mesma soffreguidão, com o mesmo «entrain»...

De danças e dançarás está cheia a vida: dancemos, pois, com toda a seriedade, como fazem os inglezes correctos e frios, tesos como postes de luz electrica, vermelhos como esplendorosas miniaturas de Phebo; a dança hespanhola,—o salero, a habanera,—bole mais com a nossa natureza tropical, tão propensa aos cancans e aos batuques, mas sejamos inglezes ao menos no dançar.

Escreveu Heine; o excelso poeta allemão:

« A dança, nos antigos tempos era uma piedosa manifestação da fé.

O côro dos sacerdotes santamente saltava deante dos altares. Foi assim que o rei David dançou em frente da arca da alliança. Dançar era um acto sagrado; dançar era rezar com as pernas ».

Arengas e palavrorios

MUITA gente bôa tem pensado em regulamentar o jogo; ha codigos regulamentares para quasi tudo; uma lei qualquer vem sempre acompanhada do respectivo regulamento, como um gato pela sua cauda; a cada instante estamos ouvindo os mais provectos pachecos murmurarem: "isto precisa de um novo regulamento! regulamente-se aquillo de novo!"

Ora, no meio de tantas regras e regulações, nunca ninguem se lembrou de pedir a quem de direito um regulamento para os discursos.

Sabe-se que um dos maiores sacrificios que ha na carreira dos homens publicos é terem de ouvir attentamente as centenas de sermões de encommenda que lhes são certeiramente pespegados pelos engrossadores de ambos os sexos.

Um pobre presidente de Estado, quando aprompta as malas para uma viagem qualquer, com destino á inauguração de uma *gare* ferro-viaria ou de uma fabri-

ca de phosphoros—inquestionavelmente o mais sagrado elemento politico nacional—deve fazer maior provisão de paciencia que de piúgas e cúecas.

Em cada estação em que o trem especial pára, em cada logar onde s. excia. se demora alguns instantes, ha de ser fatalmente victimado por uma arenga enthusiastica, cheia de palavras cantantes e humildes, prenhe de encomios laudatorios e fulminantes, eriçada de solecismos e trôpos, numa grande falta de caridade para com as regras em que de ha seculos se emmaranham e intrincam os mais atemorizantes grammaticos.

O mestre-escola da localidade, que é sempre um homem que gosta de deitar importancia, encarrega-se da arenga, cercado pelo bando garrulo e sorridente dos seus discipulos; o viva final a s. ex. é estentoricamente despejado, com a maxima força de que póde dispôr uma guela tão parcamente remunerada pelos cofres publicos.

Ao sisudo professor segue-se uma senhorita, que é sempre, nos noticiarios, galante e gentilissima; com a sua voz primaveril, onde pipillam os primeiros passaros do amor, entôa, sem tomar folego, uma homilia enluarada por laudares patrioticos, tranquillamente escripta pelo mais romantico e gaforinhento poeta local e por ella decorada com o fervor que de ordinario só emprega nas suas orações ou nas cartas ao namorado escolhido.

Petalas de flôres entram em revoada pelas janellas do *wagon* a dentro, como um bando de borboletas mortas, e alcatifam a plataforma do trem; num silvo de allivio, a locomotiva apita, o sino dobra apressadamente, e s. ex., banhado de suor e mais amedrontado que S. Sebastião ao receber as flechas do seu flagicio, apres-

ta-se para soffrer a outra manifestação que lhe aprompta a banda musical do logarejo proximo.

No ponto terminal da sua romaria espera-o o banquete; é então que os brindes se multiplicam assustadoramente, e as mais graves e gravibundas vozes psalmodiam longas tiradas rhetoricas, onde o patriotismo flammeja omnipotente, enchendo de vibrações sonoras o ar perfumado pelos pitéus fidalgos.

Não tendo podido comer com o socego hygienico que a sciencia medica lhe estatue, volta s. ex. para a séde do seu governo com uma nova dyspepsia e mais alguns cabellos brancos.

Ora, para com os presidentes de Estado, cujas vidas são tão preciosas, urge que se tome uma salutar medida, reguiamentando a durabilidade, qualidade, intensidade e densidade das arengas patrioteiras.

Só temos uma devesa luminosa a seguir: imitemos a China, que no ponto particular de que trato, como em muitas coisas mais, vem dando uma demorada lição aos povos do occidente, tão imbuidos de falsos preconceitos contra ella.

No cofunciano e celeste ex-imperio, onde as leis nada tem de celestes e parece provirem dos tartaricos abysmos, ha uma disposição que para todo o sempre assegurou o socego de todas as autoridades publicas.

Ali, quem faz uma saudação ao presidente, ou ao ministro, ou deita o verbo em frente á face amarella de qualquer representante do poder, tem de falar em um só pé, como si fosse um chantecler em horas pensativas.

A falação só dura precisamente o tempo durante o qual o orador se aguente em tão incommoda posição...

Pudor, pundunor

(PAGINA ESCRIPTA EM 1908)

OS primitivos gregos fizeram do pudor uma divindade. Este delicado sentimento de assustadiça timidez e velado recato sempre em alarma contra tudo que é contrario á honestidade, era por elles representado com azas pandas e ruflantes, por haver abandonado a terra, indignado que ficára ao contemplar com os olhos castos o vicio immundo e a indigna corrupção dos homens.

A figura allegorica dos hellenos, no eterno surto para as regiões olympicas, é ainda agora, tantos millenios passados, de uma surprehendente verdade: o pudor desertou do mundo, abandonando os seus altares ao saque e á devastação das turbas.

Hesiodo diz que essa divindade alçára o seu vôo ao céu, em companhia de Nemesis, filha do Oceano, que era a deusa da vingança.

Si nos tempos mythologicos tal succedera, repetia-se e repete-se, nas eras historicas, a mesma imaginosa allegoria.

Porque, ha verdade, de ha muito o pudor se foi da terra. Não trato delle sómente como o natural sentimento de recato, que nos faz velar acções e gestos, palavras e pensamentos.

Deve ser tomado em mais lata accepção, em noção mais expansiva, fóra do circulo que os sexos lhe demarcáram.

Já não ha pudor politico, nem scientifico, nem esthetico, nem literario. Isolou-se não só da politica, como tambem da sciencia e das artes.

Sultão ou imperador, rei ou presidente de republica, todo chefe de Estado parece tel-o repudiado. A prova mais clara e cabal disto é a febre intermittente de exhibição que os domina a todos.

Os mantos de purpura dos reis e as burguezas rabonas presidenciaes, os sceptros de oiro e as badinas de canna indiana, as corôas imperiaes e as chaminés pelludas, surdem de todos os cantos, na mesma espectaculosa aspiração de réclame.

Guilherme II e Cypriano de Castro são os clarins que marcham á frente dessa enscenação mirabolante; mas Cypriano, encouraçado no seu orgulho iberico, é muito maior que o imperador rhetorico, pois d. Quixote, a todos os respeitos, sempre será mais digno de admiração e espanto que o mais façanhudo Cesar, a sonhar ajuizadamente batalhas clangorosas e victorias imminentes, dentro do conforto das suas innumeraveis fardas kaisereanas.

Os parlamentos de agora não passam de brilhantes casas de diversão, onde não ha entradas pagas directamente, mas que nem por isto deixam ellas de sa-

hir das algibeiras do povo contribuinte, indirectamente pagas: do povo, crivado de impostos que lhe não dão as vantagens que deve auferir todo aquelle que se sacrifica.

Pelo nosso congresso federal, de onde o que de mais vulto tem espadanado a flux são as sarabandas pessoaes, que nada interessam ao bem publico, podemos imaginar qual a solennidade dos parlamentos congeneres dos povos civilizados.

O impudor invadiu tambem a sciencia, que se charlataniza de cambolhada com as artes.

Os sabios de hoje, perdida a noção da sciencia hieratica, debatem-se nas ondas encapelladas da incerteza, e não ha bussola que lhes mostre o rumo a seguir. Por mais maravilhosas que sejam as suas descobertas, a antiguidade, que julgam morta e sepultada na poeira millenar dos seculos sem conta, tem-nas maiores.

A literatura de ficção, ai de nós! desde que Zola atirou á face das nações civilizadas pelo christianismo o supremo despudor da *Terra*, onde um personagem bebedo e burlesco apparece debaixo do appellido de Jesus Christo, repetido em innumeras paginas com uma evidente intenção sacrilega, ficou estacionaria. Nenhum outro romancista surgiu ainda com a possante envergadura do grande chefe da escola naturalista, e o naturalismo morreu chafurdado no tremedal em que se espojou durante prolongados annos.

A arte não póde viver sem ideal, e o naturalismo, no seu descalabro sexual, não o tinha. Balzac, que os naturalistas reclamaram como sendo delles o supremo antistite, mas que o não era, ficou unico e inabalavel dentro da fortaleza da sua sua obra, humanamente romantica; Peladan, na *Ethopéa*, foi o seu unico discipulo. A obra de Eça que se immortalisou não é

decerto o *Primo Basilio,* nem outro romance qualquer, onde o extraordinario mestre do estylo portuguez aproveitasse os processos do naturalismo, pelo seu lado máu, e Flaubert, para ser eterno, não o deveu a *Mme. Bovary. A Tentação de Santo Antão* o perennizou.

A poesia, no emtanto, máu grado as tentativas scientificas que a têm flagellado, parece resistir á inundação despudorada que a insúla. Aggredida todos os dias pelos mais desgrenhados bardos, que a ciliciam crudelissimamente, a virgem appolinea alevanta-se eternamente bella, circumdando-se de luz em meio de tão interminaveis abortos teratologicos.

Basta que de estancia em estancia appareça um Baudelaire, resplandeça um Verlaine, um Anthero ou Luiz Delfino, um Antonio Nobre ou Cruz e Souza, para que ella de novo scintille com a sua luz astral de estrella perenne.

Tem-se dito e repetido que só por ser a religião catholica de essencia divina, conservou-se intacta e immaculada em meio dos ataques dos atheus, e de alguns dos seus proprios sacerdotes materializados na mais abjecta incredulidade. O mesmo póde dizer-se da poesia, cercada de versejadores piegas e pavorosos, que entoam em seu louvor, em citulas bastardas, os mais descompassados psalmos.

Commodamente assentada na sua velhissima cadeira de espaldar carunchoso, a contemplar e a observar attentamente a politica, a sciencia, o romance e a mísera poesia, doce Ophelia eternamente levada pela corrente, pavoneia-se a critica sisuda, de oculos e bandós, com a classica penna de pato atraz da enrugada orelha, com uma seriedade postiça de marafona que se retirou da actividade.

Esta tambem se despudorizou, embora conserve sempre os seus ares circumspectos de outr'ora, do tempo em que possuia representantes como Sainte-Beuve e Taine, e não esses que por ahi perambulam, obrigados a serem criticos por falta de qualquer tendencia creadora, vivendo a assimilar o que já foi dito e a repetir o que por varias vezes se editou.

Mas, voltando a tratar daquillo que vulgarmente denominamos pudor, sentimento innato em todos nós, devo confessar que tambem elle, como as suas diversas modalidades, cada vez mais se deturpa na humanidade.

E' que ao passo que a civilização avança, o pudor vulgar do homem decresce. Já Rousseau observava a differença que ha entre as camponezas, que vivem mais proximas da primitividade da natureza, e as mulheres do mundo elegante. Aquellas são timidas e modestas, a menor palavra as faz envermelhecer; não ousam erguer abertamente os olhos para os homens e guardam silencio em sua presença; estas, pelo contrario, têm grande alegria em fazer os homens honestos córarem.

« Nas grandes cidades o pudor é baixo e ignobil », accresecnta, sentenciando, o celebre philosopho, que, de resto, não era o mais pundunoroso dos homens.

Ninguem poderá affirmar até que ponto sejam exactas estas amargas palavras; o philosopho, vivendo na solidão da sua pobreza, mal julgou talvez aquellas que viviam no luxo das grandes sociedades.

Sabe-se que é pelo pudor e pela honestidade que a mulher se dignifica: são estas as primordiaes virtudes da mulher christã.

Do branco sodalicio do christianismo estão afastadas as creaturas que vivem nos prostibulos, bem como as que pela infidelidade se maculam; a pureza do corpo reflecte clarões solares sobre a alma, e esta, na intros-

pecção meditada, surge mais limpida e mais pura. A luz de uma vela branca terá por certo mais fulgor si o candelabro de prata em que repoisa fôr brunido pelas mãos habeis de um artista.

Conta-se que a desgraçada princeza Elizabeth, irmã de Luiz XVI, seguindo para a guilhotina na infamante carroça em que eram conduzidos os condemnados, sentiu o seio descoberto, exposto assim aos olhos vis da populaça. O lenço que o cobria cahira aos pés da princeza.

Dirigindo-se ao carrasco, a pobre senhora, que tinha as mãos atadas, disse-lhe:

— Em nome do pudor, apanha este lenço e cobre-me o seio!

Mesmo ao transpôr os humbraes da vida, a princeza lembrava-se de que era mulher: o pudor feminino iria com ella até os braços da morte. A doce fidalga personifica a mulher christã.

E' no emtanto de uma dolorosa exactidão que o pudor decresce proporcionalmente aos progressos da civilização humana. E' um facto natural, que até pelas leis que se referem aos ultrages ao pudor se evidencia, pois sendo estas actualmente tão brandas, servem de incentivo aos máus caracteres e ás naturezas depravadas.

A' proporção que o pudor diminúe, as leis menos severas se tornam para aquelles que o ultrajam. Tempos virão em que os ultrages ao pudor (que então não existirá) serão banidos dos codigos criminaes...

Cito em seguida dois exemplos da severidade das leis antigas, que eram salutar correctivo para os libidinosos:

« Si alguem fizer violencia a menores, a mulheres, ou a mulheres em viagem, e fôr surprehendido em fla-

grante delicto, que se o enterre vivo», resa um avoengo estatuto allemão; outro estatuto diz: «que se enterrem vivas as alcoviteiras, mettendo-se-lhes no seio uma estaca, e depositando-se sobre os seus tumulos espinhos e sarças».

Debaixo da imminencia de tão barbaro castigo, poucos se abalançariam ao torpe delicto e á profissão torpe de alcaiote; não faltará algum retardatario na cultura juridica dos nossos dias que diga que ainda hoje seria esse o meio melhor de nos vermos livres dos enxames de caftens e caftinas que de longes terras nos vêm, em vez de repatrial-os caridosamente...

A ACÇÃO DE WAGNER

SOBRE O LEITE

VIVEMOS perdidos numa escura e majestosa floresta de mysterios; ha factos para os quaes embalde procuramos uma explicação racional. Não podendo a nossa intelligencia attingil-os no seu arcano imprescrutavel, o unico remedio que temos é acceital-os como elles são, sem fixar por demais o pensamento nas profundezas do que nos não é intelligivel.

Von Welt vivia ha muito na sua risonha estancia, doce casa de campo, ás margens do Rheno; a sua familia compunha-se de sua mulher, um casal de filhos pequenos e tres criados.

Entediado da vida que levára na sua primeira mocidade, entre artistas e poetas, elegera aquelle cantinho socegado, onde tencionava acabar os seus dias tranquillamente, na paz bucolica de uma egloga mantuana;

corriam-lhe os dias tão suavemente, que até perdera a noção do tempo, sempre a passar sem mais retorno.

Maestro que outr'ora gosára de fama no mundo berlinez, deixou que o esquecimento baixasse lentamente sobre o seu nome; estava bem assim, embalado pelo olvido voluntario a que se destinára.

A sua maior distracção era repetir ao piano as operas dos grandes mestres; entre estes tinha para o seu espirito a primasia o maravilhoso iniciado de Bayreuth. As operas de Wagner empolgavam-no completamente, deixando-o a sonhar entre bandos de gnomos e de walkirias. Sabia-as (todas as onze) quasi de cór, e não se cançava de repetil-as desde as primeiras horas da manhã até que o sol descambasse entre clarões de agonia.

Tannhauser, a lucta dos anjos custodios contra os demonios, o conflicto entre o dever e a paixão—era para elle talvez a obra prima do extraordinario mestre; o canto das sereias, logo no começo do primeiro acto, arrebatava-o.

Ora, um dia, estando Von Welt a tocal-o com toda a animação no seu magnifico piano, entrou-lhe pela sala a esposa—a meiga e loira Gretchen—muito risonha e mysteriosa. Vinha communicar-lhe uma observação que fazia de ha muito. Quando o marido, entregue á sua arte, arrancava do seu instrumento os mais sentidos e sonoros queixumes, as nedias vaccas que no terreiro esperavam a hora de ser mungidas, extendiam os pescoços pesados e abriam desmedidamente os olhos pensativos, como si comprehendessem as palavras mudas de toda aquella harmonia sublime.

Sentando-se Gretchen ao piano, Von Welt foi por sua vez observar os animaes. Era pasmoso o que via. Nunca presenceára ouvintes tão attentos nas platéas de

Berlim. Observou-lhe tambem Gretchen que o leite dessas vaccas augmentara extraordinariamente desde que se acostumaram a approximar-se dos sons do piano. Estava feita uma descoberta na verdade admiravel: a influencia da musica na producção do leite.

Von Welt exgottou então para o seu auditorio bovino todo o repertorio de Wagner: Rienzi, a desenrolar-se em Roma; o Navio-Phantasma, sobre os mares batavos; Tannhauser; Lohengrin, o cavalleiro do cysne; Tristão e Isolda, os Mestres Cantores, a Tetralogia, nas suas quatro partes magnificentes...

E o leite a augmentar que era um Deus nos acuda!

Von Welt mudou de auctor: durante uma semana, deixando de lado as nebulosidades harmonicas do maior dos maestros, voltou-se todo para a musica melodica dos italianos. Verdini e Rossini encheram de melancolia a sua encantadora estancia. Começou o leite a diminuir calamitosamente. Von Welt não cahia em si de contente.

—Até as vaccas são wagnerianas! repetia elle, cheio de orgulho.

E dizia a phrase, arrependido de havel-a pronunciado, como si fôra um desrespeito ao eterno archanjo de Bayreuth.

ESPECTRO

ALLI pelos meiados do anno de Christo de mil novecentos e quatro, os jornaes de certa zona do grande Estado que se orgulha de sentir-se cingido e circumdado por terra firme, pois é bem conhecido o medo que têm os seus habitantes ás aventuras incertas do mar,— andaram cheios de alarmas pelo mysterioso facto seguinte: um moço, que por diversas vezes se tinha feito photographar, apparecia na chapa acompanhado sempre de um esqueleto elegante, franzino e esguio, como são todas as figuras osseas que se despiram das nossas carnes e adiposidades.

O admiravel e inexplicado caso tresandava a bruxedo demoniaco, e por longos mezes vagaram em plena e assustadiça phantasia as imaginações indigenas, de ha muito acostumadas a lerem nos periodicos roceiros sómente as noticias de anniversarios e bodas, e os elogios destemperados aos coroneis que empunhavam os chanfalhos da direcção politica suprema.

Nas ermas cidades pacatas, ás horas vesperaes das sestas, os mais absurdos e espantados commentarios surdiam surdamente; as velhas comadres somnolentas, ostentando com donaire os bandós avoengos, tendo em torno de si a irrequieta e numerosa prole, apalpavam dentro dos seios as veronicas de aluminium e os bentinhos de flanella, persignando-se espiritualmente, por pensamento.

Nas sobrelojas das pharmacias, onde os soquetes pisadores dos almofarizes descançavam como sceptros abandonados, a agitação era extrema; ninguem mais falava da vida alheia, e a magistratura, o clero, a sciencia, o commercio, reunidos, aventavam opiniões desencontradas, sob a impulsão do mesmo panico.

Na cidade em que residia, o moço isolára-se dentro do seu infortunio. Ninguem queria vel-o nem pintado, quanto mais em carne e osso, ou peior ainda, photographado. A opinião publica em geral dava aquillo como obra de bruxaria: o diabo, desde que se tornára desavergonhadamente o unico rival de Deus, bem podia inventar daquellas, pois já tinha feito peiores. Os engrimanços, onde elle, mercê do Altissimo, nunca puzera os tristes olhos, — pitadeava o vigario, — deviam trazer factos analogos.

E na verdade, as larvas, que são os Demonios Satanicos da Egreja, como as definiu um occultista contemporaneo, vontades ou sonhos humanos que se precipitam para fóra dos seus estojos astraes, migalhas de pensamentos, detritos de colera e de odio, remorsos que, animados da vida do assassinado, perseguem os assassinos na figura de espectros e phantasmas, — as larvas que se transformam em crocodilos e elephantes, poderiam surgir ao lado desse moço.

A photographia, porém, seria capaz de revelal-as, de reproduzil-as?

Como era natural, o facto extraordinario trouxe em susto continuo a população inteira da pequena cidade, não havendo quem olhasse com bons olhos para o pobre rapaz, que, de resto, não tinha culpa alguma de ter sido escolhido pelas forças occultas para representar tão funebre papel. Uma loira mocinha, que por elle de amores vivia, retirou-se espavorida da sua imagem, pensando com certeza não ser de bom agoiro ir completar a trindade de tão extranha dualidade; os amigos, medrosos, fugiam delle, temerosos de verem levantar-se de parelha com o seu corpo, já não espectralmente como nos cartões photographicos, mas em osso alvinente e palpavel, o estupendo esqueleto.

E para o desgraçado rapaz, como seria triste mirar o seu retrato sempre seguido de tão incommoda companhia! Muita gente ha que nem por sonhos quer saber da morte, que nem por leve pensamento quer fixar os olhos na quieta e consoladora Parca; a foice mythologica, a cortar o symbolico fio da existencia, não é do agrado de todos. Si elle temia, como quasi todos nós, a morte, com que horror não a veria, imponente e escarninha ao seu lado, na sua habitual fórma de esqueleto!

Um companheiro destes, tão opacamente branco, numa eterna postura de volantim leve, de acrobata phantastico, a ensaiar sempre uma curvatura de elegancia suprema, quasi que inteiramente feito de phosphato de cal, deve entristecer-nos e maguar-nos exuberantemente.

O que somos, bem nós sabemos: mas mesmo porque os ossos são os corpos mais resistentes do nosso organismo, sustentando verticalmente tão grande massa de carne, — musculos, membranas, mucosas, intestinos, ner-

vos,—é que não gostamos de pensar nelles; occultos como estão, é bom que os não vejamos, pobres repastos finaes que são da morte.

Frontal, temporal, parietal; femur, tibia, tarso ou metatarso: os primeiros ou os ultimos ossos são sempre a representação do que somos. Que enorme castigo para esse rapaz, que não merecia por certo ver surgir ao lado da sua imagem a estructura ossea que nos cambaleia sob a pelle!

Mas, depois, quem sabe! seria talvez alguma amante abandonada, algum amor primeiro, nascido e desprezado ao clarão do luar, alguma virgem morta antes do noivado, que viesse postar-se ao pé do rapaz, cançada talvez de esperar por elle...

Desdemona mais branca do que os lirios, Ophelia toda feita de lua, Julieta, que eras um jasmim de além-mar, qualquer de vós que o esqueleto fosse,—devieis ter deixado em paz o pobre moço, esperando-o tranquillamente, que elle iria ter comvosco!

Uma do Fagundes

O FAGUNDES, depois de cofiar o seu cavanhaque, que lhe dava um ar de bode satanico, começou assim:

— Sempre tive, meu caro amigo, como todos os mortaes, uma sincera repulsão por esse dever civico de servir de jurado. Logo que se approximava a epoca fatidica do jury, diminuia-se-me o appetite; começava a emmagrecer a olhos vistos e pouco faltava para que a minha sciatica me levasse á cova.

Residindo no sertão, onde os crimes de morte se multiplicam, já de antemão sabia que ao seguir para a cidade por lá teria de demorar-me durante dez a quinze dias; de maneira que, quando o meirinho me batia com a intimação ao rosto, o meu maior desejo era esganal-o em dois tempos.

No meu tempo ainda os professores primarios não estavam isentos, como depois succedeu, desse serviço; mas, por mais penosa que fosse a minha profissão, pre-

feria ficar a solfejar os meus beabás aflautados a ir para aquelle inferno.

Tinha de deixar todas as minhas commodidades, o meu copo de leite á noite, o meu café com rapadura logo que amanhecia e o meu trago da forte por cima delle; a mulher, coitada! via-se numa lufa-lufa para dar um tom de novo ao meu velho fraque de alpaca, religiosamente guardado no fundo sombrio do avoengo bahú, e que só de lá sahia para as missas de domingo e anniversarios do sr. vigario.

Ia com saudade de tudo: dos filhos que choravam, dos bacoros que grunhiam, da velha cosinheira que me desejava feliz viagem, e até (veja você que milagre) da minha rabujentissima sogra.

Então, quando havia réus protegidos pelos chefes politicos, a minha ancia era cruel; já antevia os abraços que elles me dariam, e todos os seus agrados, e o rosario de elogios que rezariam para innocentar os seus capangas.

No emtanto, lá seguia eu para o peloirinho duas vezes pelo menos cada anno. Amontado no meu cavallo baio, que você tanto apreciava, pela sua marcha compassada e mansidão de victima costumada a essas viagens, as quatro leguas que tinha de fazer do arraial á cidade, transpunha-as em tres horas; ia tão triste da vida que nem as bellas manhãs frigidas da nossa terra me alentavam o peito: o gorgeio dos passaros, o marulho das fontes, o perfume eterno dos mattos e dos campos, tudo isso que em outras occasiões me fazia perpetrar versos pavorosos, não me dava consolo aos bofes amargurados.

Como eu era «criminalista», como por lá se diz, isso é, justiceiro, condemnando aquelles que o mereciam, os defensores me recusavam sempre; mas, tão caipora

era, que as recusas terminavam e eu sempre ia para o conselho, acceito pela nobre promotoria.

Assim aconteceu a ultima vez que fui jurado. Entrava em julgamento um assassino feroz, para quem a forca era pouca coisa.

O defensor apegou-se á legitima defesa, levando mais de tres quartos de hora a explicar «ao conspicuo conselho» os seus quesitos e requisitos; falou pelas tripas do Judas, e concluiu assim o seu discurso, com o indice erecto, dirigido para a figura do seu constituinte:

—Fica descançado, meu caro amigo, que justiça será feita. Irás para o seio carinhoso da tua familia e receberás os osculos sagrados dos teus filhos e da tua amantissima esposa. Julgado, como vaes ser, pelos teus pares...

Não me pude conter, e gritei:

—Protesto!

O juiz embatucou:

—Que diz o sr. jurado?

—Protesto! Nem eu nem os meus collegas somos assassinos e, assim, não podemos ser pares do réu, isto é, seus eguaes.

—Mas é uma phrase consagrada! rugiu o rabula da defesa.

—Pois que v. s. o tome como par!

Desde essa occasião fui excluido da urna por soffrer dos miolos, e quasi perdi a escola...

S. Roque o Miraculoso Confessor

FEZ precisamente cento e cincoenta annos no dia 29 do mez de fevereiro que foi doada á Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, de S. Francisco (de Marianna), a bella Imagem de S. Roque, nascido em França, a heroica Filha Primogenita da Egreja, e que floresceu nos fins do seculo decimo terceiro.

Todos os agiologos têm tratado da vida extraordinaria deste grande Santo, que fulgura como uma das mais maravilhosas estrellas da fé christã no céu perennemente azul da Egreja; o seu nome, invocado sempre por milhares de devotos e crentes, cresce cada dia na adoração do povo.

S. Roque veiu assignalado ao mundo: nascera com uma vermelha cruz minuscula, desenhada no peito, a ditar-lhe o fado que teria na terra. Um escriptor piedoso, relembrando esse facto, diz que, embora a cruz

não appareça impressa no nosso corpo, como succedeu a S. Roque (pois só a um predestinado podia isto acontecer), todos nós nascemos com ella, por dadiva de Deus. E na verdade, não ha quem não a veja scintillar no fundo da alma como parte integrante de nós mesmos.

A vida de S. Roque foi um rosario resplendoroso de milagres. Mortos os seus paes, despojou-se de todos os bens da fortuna, que lhe eram avantajados, e repartiu a sua riqueza pelos pobres; professando na Ordem Terceira de S. Francisco, vestiu-se de peregrino e deixou por muito tempo a França, pois era o seu intento visitar os mais afamados santuarios da Italia.

A peste negra desoladora ceifava milhares de vidas na bella peninsula do Lacio; S. Roque uniu-se aos enfermeiros, e, em diversas cidades, foi o mais incançavel entre elles. Por longos annos Roma conservou, como uma uncção, a memoria dos prodigios praticados pelo grande Santo; augmentava dia a dia o numero de pestosos salvos pela sua intervenção sagrada.

Em Placencia a cruel epidemia o atacou; de enfermeiro sempre em vigilia, viu-se o obstinado e pertinaz gaulez transformado no mais paciente enfermo. Foi nessa occasião que uma setta, que viera de paragens desconhecidas, o feriu gravemente em uma das pernas; sentiu o Santo augmentada ainda, si possivel, a sua humildade: apprendeu a compadecer-se mais dos males alheios com a experiencia dos seus proprios males.

A sua enfermidade, a sua chaga, tinham sido novas fontes de milagres; resolveu, entretanto, deixar a Italia e voltar para o paiz que lhe fôra berço generoso. Quando atravessava uma região deshabitada, viu-se de novo recahido na doença; só poude lançar-se debaixo de uma copada arvore, inteiramente desamparado de todo o soccorro humano. Mas Deus o não desamparou: a

mão d'Aquelle que sustentava os eremitas nas covas do deserto, guiou um cãozinho fiel até o logar onde o Santo se definhava. Esse animal trazia-lhe, todos os dias, o pão necessario á sua vida e fazia-lhe a hygiene da ferida, lambendo-a e lavando-a com agua que na bocca conduzia.

Um anjo luminoso, que só o Santo via, para fortalecel-o e animal-o, guiava-o na sua peregrinação.

Seguiu emfim para a sua patria. Achou a França perturbada por guerras calamitosas; não se querendo dar a conhecer, foi tido por um espião dos inimigos, que se disfarçára com vestes de mendigo e peregrino. Recolhido a uma prisão horrivel, volveu para Deus a sua alma sedenta de martyrios; durante cinco longos annos, sem que ninguem desconfiasse que alli estava um dos maiores francezes do seu tempo, S. Roque supportou o duro captiveiro que lhe dava a propria patria.

Falleceu emfim, depois que sahira da prisão, victimado por nova recahida de peste; elle, que salvára a tantos enfermos, não pediu a Deus que o salvasse: recebeu a morte com toda a angelica tranquillidade do seu ser, como só a sabem receber os Santos.

Depois de morto, a sua identidade foi reconhecida por um tio; este seu parente, vendo que o povo, ainda antes da sua canonização, o venerava como a Santo, pela serie continua de milagres, ergueu-lhe um templo. O concilio de bispos de Constancia, declarando e publicando a santificação do magnanimo francez, approvou que a sua imagem fosse levada em procissão em tempo de peste; até hoje, decorridos tantos seculos, perdura no orbe catholico essa pratica piedosa.

E os milagres do caridoso Santo continuam a fortalecer eternamente as almas que nelle crêem e lhe pedem o seu sobrenatural auxilio.

Eis o teor da doação da sagrada imagem á Ordem Terceira de S. Francisco:

«Aos 29 dias do mez de fevereiro do anno de 1770, sendo no Consistorio da Veneravel Ordem Terceira, ahi compareceram os carissimos Irmãos Definidores Doutor Paulo de Souza Magalhães, Thomaz Gonçalves dos Santos e Braz Moreira de S. Paio, pelos quaes foi dito que elles haviam dado e doado a esta Veneravel Ordem um andor com a Imagem de S. Roque, vestida com tunica de seda e capotinho de cordovão, com contas de romeiro de S. Thiago da Gallisa, seu bordão e cabacinha, um anjo e um cachorrinho, tudo de vulto e não de róca».

NOS DOMINIOS PRIMITIVOS DE ASCLEPIOS

OS medicos de outr'ora, mais infelizes que os de hoje, eram victimas imbelles dos mais crueis epigrammas; a medicina antiga, na verdade, foi a mais energica collaboradora da morte.

Já em tempos relativamente chegados a nós, na nossa velha ex-metropole portugalense, os medicos gosavam de pessima reputação; estes temiveis esculapios, enfiados uns em calções negros, outros em calças pardas, tão impunemente matavam, que afinal fizeram com que os vates os perseguissem com esguichos de rimas.

Nesse movimento de revolta contra a insciencia dos miseros charlatães, coube a primazia ao magnifico Manuel Maria de Barbosa du Bocage, que os não deixava socegados, tendo sempre no seu carcaz uma setta para feril-os.

« A morte se enfastiou
De surgir do Orco profundo,
Exclamando: « Não estou
Para tornar mais ao mundo! »
Disse um medico: Eu lá vou. »

Despedida a setta, o extraordinario poeta sorria e de novo armava o arco.

« Uma terra dizem que ha,
Onde a fome acerba e dura
Cabo dos medícos dá.
Porque é isto? E' porque lá
Pagam sómente a quem cura. »

A parceria punha as mãos nas ilhargas e ria-se a bom rir dos motejos e galhofas de Elmano.

Outros epigrammas surgiam:

« Lê-se numa sepultura
De antiguidade affonsina:
Aqui jaz quem não jazera,
Si jazesse a medicina. »

—

« Fabio, o meu dilecto amigo,
(Dizia Alpheu consternado)
Dos medicos mais insignes
Está já desamparado. »

— Oh! (sae dalli um sujeito
De circumspecta presença)
Feliz si o desamparassem
No principio da doença!

O genial poeta, aquelle que trazia, até quando as mergulhava no pelago immundo das orgias, as mãos cheias de perolas (como disse Billac), não perdia a menor occasião de satirizar os *physicos* do seu tempo.

E razão de sobra tinha elle.

Liam-se em obras de pseudo-medicina observações clinicas desta ordem: « Uma senhora era desde a infan-

cia sujeita a vomitos e vapores que desappareciam desde que era sangrada mil e vinte vezes, oitenta no pé e novecentas e quarenta no braço. »

A terrivel sangria que, com o advento da medicina moderna, tal como a crearam Vinchow e Pasteur, tendia a sumir-se de uma vez da therapeutica, está, no emtanto, adquirindo presentemente nova nomeada.

Está bem visto que já não ha mais a mania sanguinaria dos nossos avós, que sangravam a torto e a direito, por qualquer motivo. Eram verdadeiros magarefes.

Li ha mezes que esse primitivo methodo de curar opéra miraculosamente em certas doenças. Um cardiaco, cujo coração enfraquecido se distende pelo sangue, melhora depois de sangrado. As congestões pulmonares devem ser tratadas de preferencia por meio das sangrias, depois de convenientemente purgado o enfermo.

Si assim é, parece que Molière não deixava de ter a sua dóse de razão quando resumia do modo seguinte toda a sciencia medica:

« Clysterium donare,
postea purgare,
postea sangrare. »

No anno da graça de mil setecentos e cincoenta e cinco foram publicadas em Madrid umas interessantes cartas, devidas á penna de pato de um veneravel religioso, o austero frei Benito Geronymo Feyoo y Montenegro, que era « Maestro General de la Relegion de San Benito ».

A carta treze do tomo primeiro da obra é um monumento imperecivel de sciencia aquatica, que bem de-

monstra o que era a medicina naquelles priscos e recuados tempos.

E' dirigida a um medico que havia enviado ao auctor um tratado de sua lavra, intitulado « Las Utilidades de el Agua, bebida in notable copia, y contra los Purgantes» ; frei Bento confessa-se admirador sincero do illustre esculapio, tecendo-lhe os maiores elogios.

«Muy Señor mio : Recibi con sumo aprecio, y lei con igual gozo el Tratado de el Agua, tanto caliente como fria, que v. md. ha trabajado, y con que me regala».

Assim começa o erudito e doutissimo padre a sua perlenga ; de tal maneira regalado, continúa a despender varias considerações, umas proprias, outras alheias, mas todas ineffavelmente curiosas.

Não era de então que tinha noticias scientificas a respeito das virtudes therapeuticas da agua, pois que muitos medicos a haviam applicado em diversas enfermidades, administrando-a em grande quantidade; não se faziam esperar «los felices sucesos de esta medecina».

Lamenta que nunca tivesse visto os effeitos na pratica, podendo apenas estribar o seu senso «infide dicentium»; está, porém, convencido de que a agua ingerida aos potes dilue os humores coagulados ou dispostos a coagular-se, fazendo desapparecer, vertidos pelos canaes competentes, « varios sales perniciosos al cuerpo humano ».

Mas, como nada ha de novo sob o sol, frei Bento, com uma pontinha de maldade adrede feita para alfinetar o orgulho do medico seu compatriota, cita um physico inglez que desde mil setecentos e vinte e dois curava todos os bifes só com o uso da agua: publicou tambem um tratado a esse respeito, denominando-o «El Gran Febrifugo».

O grande febrifugo outro não era senão agua fresca: applicada aos quartilhos, de dez em dez minutos, fazia a exsudação de um adolescente, de uma creança, ou de um velho, em pouquissimas horas...

«Es cierto que la fiebre, la tós, el rehumatismo, la ictericia, e otras dolencias ceden á ciertas dosis de agua fresca».

Era a fallencia de todos os boticarios ibericos...

Objectaram algumas pessoas respeitaveis que muitos doentes que seguiram tal tratamento, foram para o outro mundo muito mais depressa do que esperavam; esta objecção é para frei Bento «en sumo grado despreciable».

Pois não morrem tantos que se sangram, tantos que se purgam, tantos que tomam a quina? No dia em que se lhe provar que, de doze doentes considerados incuraveis, um delles foi restituido á saúde por meio da agua fria ou quente, está o bom do padre disposto a conclamar aos povos este remedio como de invenção divina.

Quanto aos purgantes, o caso é differente: de accordo com o medico patricio, e «por reflexiones propias» está convencido, não só da sua inutilidade, como tambem da sua prejudicialidade.

«La naturaleza evacua lo que conviene, e con el modo debido; la purga todo lo contrario».

Depois de revelar-nos esta novidade, sáe-se frei Bento com est'outra: «Hey observado que en los dias immediatos a la purga, comunmente se minora la quantidad de todas las evacuaciones sensibles»...

O CORAÇÃO

O CORAÇÃO, que dizem ser a séde de todo o affecto, e que tanto influe no destino de cada um de nós, não passa, disse-me Asclepios, de um orgam como outro qualquer. Póde-se partil-o, como a anatomia o prova, em duas ametades, uma á direita, outra á esquerda. Auricula de um lado com o competente ventriculo, e a mesma coisa do outro lado. Cavidades conhecidissimas, essas. Mas (agora a reflexão se nos impõe) em qual dessas cavidades vem o amor poisar? Ficará o tal deus travesso na auricula direita ou na esquerda, em um ou no outro ventriculo? Atrocissima duvida. Entre as auriculas não ha communica-

ção alguma, succedendo o mesmo com os ventriculos. Mas, separadas embora essas cavidades por uma impermeavel membrana, se a auricula direita não se communica com a esquerda, e nem o ventriculo esquerdo com o direito,—ha communicação entre os ventriculos e auriculas correspondentes. Isto vem provar que o ventriculo é masculino e a auricula feminina...

—De maneira que temos, respondi eu, dois casaes dentro do coração?

—Com certeza, murmurou Asclepios, physiologicamente falando; mas se passarmos para o dominio do idealismo...

—Darei commodo, sussurrei, concluindo, nos ventriculos e nas auriculas, a todas as onze mil virgens...

—Do céu! resmungou Asclepios.

Death-Club

JOHN William Brisky, sorrindo para mim, pôz a mão em pala sobre os seus claros olhos azues, para que o sol a pino os não molestasse. Apoiado ao meu braço, entrámos pela porta esguia do elegante chalet suisso, que elle mandara construir de madeira rosea. Installados no belveder, que era todo cercado de trepadeiras artificiaes, quedámo-nos por instantes em silencio, na muda inspecção dos nossos pensamentos.

—Wisky, rhum ou old-tom? murmurou John William Brisky.

—Prefiro um copo de ale.

Depois, como elle promettera contar-me o segredo da sua incuravel tristeza, começou a falar compassadamente.

«Está para fazer um anno, meu caro amigo. Foi por uma noite frigida garoenta de dezembro. O céu, de tristonho cariz, tombava sobre a City o mais tristemente possivel; desertas as ruas, fechadas as casas, fi-

zera-se o ermo em tudo. Pleno Sahara, não cheio de areia, mas enfumaçado pela garôa densa...

Uma luz mortiça, como de alguma estrella esquecida, pestanejava ao longe, por entre as gretas de uma porta semi-cerrada.

Abalancei-me até lá, afflicto por encontrar alguem com quem conversar, tão isolado me sentia, em combate, como sempre, com as idéas perennes de anniquilamento. Cheguei.

Empurrando a porta, que gemeu soturnamente nos gonzos, como si ella tivesse uma alma em agonia, entrei docemente.

Ao redor de uma singella mesa de pinho forrada de panno verde, sete homens cadavericos jogavam silenciosamente. Não vi moeda alguma sobre o panno. Que especie de jogo seria aquelle, indaguei. O dono da sombria espelunca informou-me.

—Jogam a vida, disse-me, com a maior simplicidade, sem reparar o meu espanto.

Ao mesmo tempo levantava-se o mais moço dos jogadores, exclamando alegremente:

—Perdi!

Apertou ligeiramente as mãos dos companheiros e seguiu para um gabinete que dava para o Tamisa.

Ouviu-se o baque de um corpo que cahira na agua.

—Morto! disse-me, naturalmente, o dono da casa.

Successivamente os outros jogadores, com excepção do setimo, se atiraram ao rio, depois de grandes batalhas do mais extraordinario jogo.

Senti-me naturalmente incommodado, e quiz retirar-me no mesmo instante. Pedi, no emtanto algumas explicações.

—Estes jogadores pertencem a um club de suicidas, explicou-me o dono da horrivel casa. Todas as se-

manas a sorte escolhe sete dos socios para jogarem entre si a vida. Divertem-se durante o dia, e á noite para aqui vêm. Só se matam os que perdem; o ultimo que fica tem o direito de entrar em outro sorteio.

Olhei fixamente para o funebre estalajadeiro, espantado cada vez mais do seu sangue frio deante de tão pavoroso espectaculo.

—Esta scena que tanto o alarma, sem razão a meu ver, pois cada um de nós é senhor da propria vida, repete-se todos os sabbados. Volte cá para a semana e verá coisa indentica.

Não vê que melancolia envolve o semblante do jogador sobrevivente? Disse-me elle que é amaldiçoado. Não ha meio de perder a vida. Ganha sempre. E' esta a oitava ou nona vez que é sorteado. Quer ser-lhe apresentado?

—Não. Voltarei cá para a semana.

Voltei.

O jogador tristonho tinha sido de novo sorteado. Desta vez foi elle o primeiro que perdeu. Todo o seu rosto pallido se illuminou de jubilo intenso. Abraçou os companheiros e seguiu para o gabinete fatal.

Ao passar por mim reconheceu-me, sorrindo de tal modo que senti calafrios pelo corpo.

—Até um dia, curioso desconhecido! murmurou.

Desde esse instante um desejo immenso de revel-o persegue-me eternamente. O sorriso do suicida crestou para sempre a alegria da minha vida.»

Os raios do sol coavam-se por entre as persianas descidas das janellas altas. John William Brisky calou-se, accendendo o seu cachimbo côr de cereja.

—Wisky, rhum ou old-tom?, disse-me, com os olhos azues em sonho.

—Ale, a loira e pallida ale...

CAVACO LINGUISTICO

HONTEM, quando eu atravessava a Avenida Romana, encontrei-me com o abalizado mestre Ludovicus, reputado vernaculista da cidade das Arvores.

—Para onde vae você com tanta pressa? disse-me elle, circumspectamente.

—Para os meus affares, regouguei com voz tremula.

Ludovicus mirou-me de alto a baixo, estremecendo-se todo, como si um cascavel *(crotalus horridus)* o houvesse picado.

—Homem de Deus, terá você perdido o resto de juizo que tinha? Engula quanto antes esse gallicismo horrivel. Bluteau condemnou-o por desnecessario, e d. Francisco de S. Luiz mandou-o para as profundas do inferno.

—Affazeres, queria eu dizer, retorqui humildemente.

—Não passa de uma traducção aportuguezada do negregado termo que você empregou. Diga de uma vez *occupações* ou coisa que as valha.

—Occupações, sim, senhor. Queira perdoar-me. Estou de tal fórma abrutecido...

—Que é lá? Isto é francez, *abrouti*. Diga embrutecido.

—...que sinto a cabeça deslocada num doidivagar affroso.

—*Affreux*? está você hoje intoleravel. Si temos horrendo, horrivel, horrido, medonho, espantoso...

—Dá-se commigo um facto extraordinario. Ha dias em que fico de tal modo alterado...

—Alterado? diga *sequioso, sedento, avido*...

—Não, senhor, caro mestre. Desculpe-me. Quero dizer *modificado, tão outro,—alter ego*...

—Sim, sim! optimo. Isto cheira-me melhor que uma pitada de simonte. Continue.

—...tão alterado fico, que sou capaz de espraiar-me num estylo alambicado.

—Em vez de alambicado, que é gallicismo escusado, eu diria *estillado*, ou, figuradamente, como você está empregando o vocabulo, *rematado* ou *requintado estylo*, porque *estylo estillado* não me vae bem ás ouças.

—Ha na nossa lingua tantas difficuldades a surmontar!

—Isto nunca foi vernaculo, nem antigo, nem moderno. Para que *surmontar*, si temos *vencer*, *superar*? Ou então, si quer você empregar a palavra no seu lidimo, formal e primario sentido, diga *sobremontar*.

—Assim, ha occasiões em que escrevo o mais resumidamente possivel, com medo de incidir nos erros crassos de que nunca mais se penitenciarão tantos collegas da nossa imprensa, useiros e vezeiros em multiplas açôrdas literarias, onde ha muito alho e azeite, mas que peccam pela ausencia do assucar e da manteiga. Outras vezes, tão longa é a minha tirada...

—Está você um francelho abominavel, ou então bastante italianizado. Tirada vem do gaulez *tirade*, ou do italiano *tirata*; significa *passagem extensa de alguma obra*. Temos em lusitano *rasgo*, *lanço*, que correspondem aos vocabulos latinos *tractus*, *jactus*. Assim, dirá você: tão longo é o meu rasgo ou lanço de eloquencia...

—...que sou capaz obrigar o mais pacato e sensato leitor a perder a cabeça...

—Serei eu quem a perca, si você continuar nesse tom. Perder a cabeça! E' o abominavel *perdre la tête* dos francezes, quando temos *ficar alienado*, *desatinar*, *tresvariar*... Depois, essa phrase é uma suprema tolice. Só perdem a cabeça os guilhotinados ou degollados; os outros homens perdem... o juizo, os sentidos, etc...

—O meu respeitavel mestre com as suas doutas interrupções, não me deixa de uma vez tomar a palavra...

—E durma-se com semelhante tempestade de gallicismos sobre os miolos! Tomar a pafavra, *prendre la parole*, no sentido de quem se adeanta para discursar, é francezismo horripilante; em portuguez essa expressão significa "receber de alguem a promessa": "*mas*

quero, primeiro que peça essa mercê, tomar-lhe a palavra". Diz-se em portuguez "tomar a mão", no sentido em que é commummente empregado o *prendre la parole* dos gaulezes. "*Aqui, toma a mão o Provincial e proseguiu no mesmo argumento...*", escreve um classico.

—Pois, meu querido mestre, sejam as suas ultimas palavras o *dessert* desse nosso amistoso cavaco...

—*Dessert?* "Vade retro"! diga *sobremesa*, *pospastos* ou *postros*, e tão cedo não me appareça!

—Valha-me D. Francisco de S. Luiz! suspirei.

Barbearia São José

NÃO ha quem não tenha visto uma dessas pobres oleographias que representam a Sagrada Familia em trabalho,—S. José de enxó na mão, Nossa Senhora a fiar fios de oiro na sua roca, e o menino Jesus a ajudar a seu Pae com as mãozinhas leves e brancas.

Corôados todos os tres de halos de luz fulgurante (o resplendor de Jesus offusca nas suas côres vivas), todos os tres com o mesmo angelico sorriso nos semblantes angelicos, satisfeitos na sua pobreza, alegres no incessante labor,—é bem um quadro de consolo esse que algum artista primitivo ideiou e foi indefinidamente multiplicado pelos seculos a fora tombando como um allivio em todos os casos humildes.

O fundo do quadro é sempre um pedaço de céu, que entra pelas janellas abertas e envolve de azul os sublimes operarios; uma pomba alvissima espalma as azas de neve, de onde dimanam raios de sol, por sobre as cabeças luminosas desses vultos da paz.

Que S. José foi carpinteiro, todo o mundo sabe: a tradição, de seculo em seculo, veiu até nós trazendo essa lenda suave, que dignifica e diviniza o trabalho e faz o orgulho dessa classe de proletarios.

Ora, por essa tradição historica não esteve o sr. Emanuel Carrapazzana, amabilisimo barbeiro da minha freguezia, homem de admiravel sangue frio, que todos os sabbados esfolava os seus clientes com uma navalha maior que uma espada; dir-se-ia um anjo vingador, armado de flammejante gladio, um heróe manchego a brandir ferocissima durindana, um moreno mahometano, manejando pelo ar um alfange moirisco, ou um soldado persa a furar o espaço com a sua cimitarra curva...

Para elle estava na vontade de cada um fazer de S. José o operario que bem quizesse.

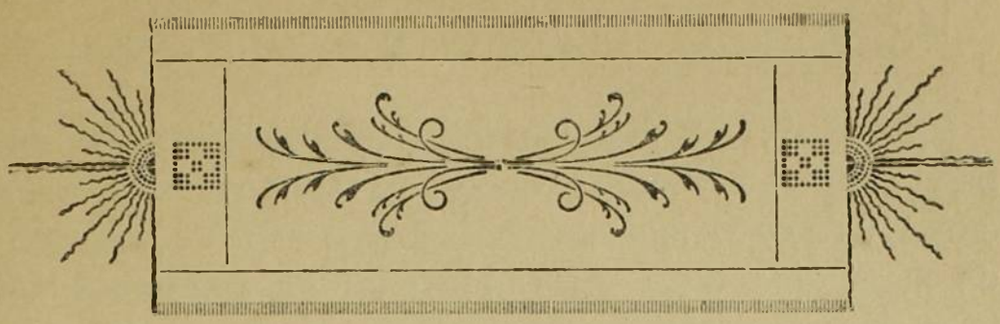
Assim, era originalissimo o quadro que na sua afamada barbearia representava a Sagrada Familia; fizera-o um pintor que não deixava de ter a sua habilidade artistica, não podendo ser confundido com a turba de borra-paredes que por ahi perambulam.

Na parede fronteira ao espelho, para que a tela se reflectisse neste e fosse contemplada pelo freguez que tremia na cadeira de supplicio, exhibia-se a nunca vista pintura.

Era um salão de barbeiro, pobremente mobiliado, com um lavatorio de madeira e toalhas encardidas; refestelava-se na poltrona um typo de suissas, emquanto S. José, de navalha em punho, experimentava o fio da lamina, a cortar um cabello imperceptivel...

Nossa Senhora dobrava as peças de linho, e Jesus, com uma tesoura doirada, cortava papeis, assentado no chão.

Com essa invenção piedosa, Carrapazzana monopolizou a freguezia de todo o reverendissimo Cabido.



Cáe a garôa...

(RECORDAÇÕES DE S. PAULO)

EM aquella noite de inverno, com os corações tiritando de frio dentro do peito como passaros assustados, eu e dois amigos, ambos mortos a esta hora em que me recordo delles, reunimo-nos no fundo semi-escuro do Vecchio Leone di Caprera, isolado restaurante, só frequentado por estudantes e artistas.

Depois de sentados ao redor da mesa de marmore, serviamo-nos de cerveja clara, com grande espanto dos outros freguezes, todos engurgitados de kummel e whisky.

Iamos os tres pelos vinte annos, bella edade em que tudo floresce, illusões e desenganos, horas de riso e momentos de lucto, as grandes noites consagradas ao amor, os pequenos dias dedicados ao tedio.

Lourival, um mocetão loiro como o seu nome, de basta cabelleira ondeada, imberbe ainda, começou a escrever versos, tranquillamente, sobre o marmore branco da mesa, que tinha veias finissimas de sangue azul e tenue como os seios de uma mulher.

Subitamente, levanta-se elle; e fingindo-se inspirado, declama com aquella voz serena, de adolescente, que era como um throno de harpa:

Cáe a garôa, cáe a garôa...
Cerrando o punho,
Como o poeta te amardiçôa,
Noite de junho!

— Já vens tu com asneiras, murmurou o outro companheiro, que se chamava Angelo, um espadaúdo moreno, inimigo figadal dos versos e de todas as nove musas.

Melhor será que fiquemos calados, si não preferes ouvir algumas das historias alegres que sei, e que em tempos mais felizes ouvi...

— Pois vamos a ella, disse eu, e que o Lourival continue a versejar sobre o marmore. Como se intitula?

— UM FRADE MATREIRO.

— Sempre a zombar desses santos homens. Não tomas juizo. Emfim, vamos lá.

— Em fórma de preambulo estas palavras: escreveu o grande solitario de Val de Lobos (e essa opinião sua, que julgo verdadeira, tem sido glosada e repisada por muitos chronistas e jornalistas que se achavam sem assumpto, como nós) que mais ridiculo que um inglez só dois inglezes.

Applicando ao protagonista desta veridica historia a aguda observação do extraordinario auctor do *Bobo* e

de todas as obras lapidares em que elle gravou o seu nome de mestre supremo de todos quantos escrevem o luso idioma, direi: mais matreiro que um frade, só dois frades.

Foi-me o pequeno conto repetido varias vezes por meu avô, grande zombeteiro de frades, que me legou com o seu precioso sangue, esse defeito ou essa virtude, como vocês quizerem.

De tanto ouvil-o, como que elle se me gravou nas paredes do cerebro; vou repetil-o pelas mesmas palavras, só com a differença de estar a tomar cerveja em vez de rapé...

« Era uma vez um convento de capuchinhos, bons garfos e melhores garrafões. Acostumados á vida contemplativa, que entendiam ao modo delles, não como o surto da alma até Deus, mas sim como o vôo do espirito até o goso terreno, viviam sempre sonhando com perús e patos recheiados, e vinhos de colheitas ancestraes; como o convento era pobre, havia um irmão encarregado de fazer uma peregrinação semanal á cata de viveres e pesetas.

Em um sabbado, bem o gordo gallo do convento não havia ainda clarinetado o seu canto estridente, annunciando a vinda da madrugada, lá seguiu frey Martinho, (assim se chamava o astuto irmão, que muito se ria da homonymia involuntaria que tinha com o heróe de negregado e torpe poema), lá seguiu frey Martinho em cumprimento da sua santa missão.

Como ia o bom homem lampeiro dentro do habito novo, o seu pesado bordão na mão, a estalar as alpercatas no solo duro, a embriagar-se com o aroma das flôres silvestres, com o gorgeio matutino dos passaros que saltavam na ramaria verde, das arvores com o ma-

rulho arrulhador das fontes, com toda a meia luz divina do sol a nascer...»

Reteve Angelo a narração para molhar os labios na espuma branca do copo; aproveitando-se do curto silencio, Lourival repetiu:

Cáe a garôa, cáe a garôa...
Cerrando o punho,
Como o poeta te amaldiçôa,
Noite de junho!

—Se repetires mais uma vez esses pavorosos versos, não digo o resto...

—Ficarei mudo como o teu copo, prometto...

«Alli pela tarde, lá voltava elle, alegre, todo desmanchado em um sorriso beatifico, a gosar, com os bemaventurados olhos abertos, a errante melancolia de um crepusculo iberico.

Com um sacco de mantimentos ás costas e uma bolsa recheiada de dinheiro a tiracollo, ia frey Martinho atravessando a sombra farfalhante de uma espessa floresta, quando de repente lhe surge deante da nedia figura o vulto sinistro de um salteador, barbado e mal encarado.

Valha-te Sam Thiago, misero frey Martinho!

—Deixo-te a vida, oh santo frade, si me deres tudo que ahi trazes, rugiu elle, levando a espingarda ao hombro, em pontaria firme.

—Com o maior prazer satisfarei a tua justa ganancia, respondeu logo, mansamente, o veneravel Martinho, contendo o medo que agitava a corpulencia herculea da sua figura, tão alta como uma torre. Mas, como farei os meus carissimos irmãos acreditarem que fui roubado? Dirão logo que comi e bebi tudo quanto colhi. Bem os conheço.

— Isto é negocio teu, e avia-te! gritou o ferocissimo ladrão.

— Ouve-me cá, retrucou o frade, ha um meio muito facil. Eu dispo o habito e tu o varas de balas.

— Mas dirão que assim devias apresentar offensas no corpo...

— Não. Acreditarão que desmaiei de susto, e que tu, aproveitando-te disso, me roubaste, pois passo por ter um sagrado amuleto que me faz invulneravel ás balas, e maior se tornará a minha fama de santo.

— Então vamos lá.

O frade entregou ao salteador o sacco e a bolsa, que este collocou á beira da estrada; despiu, depois, o habito, dependurando-o a uma arvore bem alta, mas tendo o cuidado de deixar cahir sobre o solo o cordão, que era feito de um tecido rijo.

E logo se ouviram tiros e mais tiros sobre o habito, que todo se agitava como uma bandeira assaltada por centenas de inimigos. O salteador carregava e descarregava a arma com uma presteza admiravel. O frade estava pasmo de tanta pericia, e com um medo que crescia de instante a instante, a cada estampido do mortifero trabuco.

O ladrão cessa o canhoneio, afinal, estafado. O habito pendia em frangalhos.

— Continúa, grita-lhe frey Martinho, contendo outra vez a custo o indomavel pavor que delle se apoderára.

— Não posso, porque não tenho mais balas.

— Procura, procura bem, amigo!

— Não as tenho mais, absolutamente, palavra de salteador!

— Ah! não tens mais balas, grunhiu surdamente o frade, então espera...

E rapido como um tigre, pulou-lhe pelas costas, atirando-o ao chão, meio axphixiado; manietou-o em seguida com o cordão do habito, amarrou-lhe ao mesmo tempo as pernas.

Depois, friamente, passou a mão no sacco e na bolsa e seguiu cantarolando vesperas, matinas e completas, mas não antes de applicar uma valente sóva de bordão no desalmado salteador. »

Sahimos, a sorrir. Lourival ao metter-se pelo nevoeiro a dentro, sacudiu a cabelleira loira, e recitou mais uma vez a estrophe que improvisára:

Cáe a garôa, cáe a garôa...
Cerrando o punho,
Como o poeta te amaldiçôa,
Noite de junho!

Angelo apressou os passos, indignado, a tapar os ouvidos com a enorme gola do seu sobretudo, emquanto os versos, monotonamente declamados e repetidos, iam atravessando a garôa...

O castello de Laeken

A 9 de maio do anno de 1911 o rei Alberto I, que então vivia embalado pelos versos mysteriosos de Mæterlinck e a ouvir as doces pastoraes flamengas de Verhaeren, na sua quietitude romantica de soberano-artista, recebia a visita do Sr. Fallières, então presidente da Republica Franceza.

Engalanou-se de festões floridos a cidade industrial, abrindo o seio ao chefe da grande nação amiga; paírava em tudo o riso alacre dos dias bons, quando o céu se arqueia cheio de luz propicia e o horizonte se espraia entre nuvens brancas, que são flammulas de paz.

Que suave tranquillidade não ia então pela alma do rei pacifico, adorado pelo seu laborioso povo, que nelle via a personificação das virtudes da raça belga,—teutonica, flamenga e vagamente latina ao sul; que serenidade augusta não lhe berçava o pensamento regio, silenciosamente perdido pelo passado da sua patria, terra de sciencia e de arte...

E os pintores da sua terra, aquelles que tão alto ergueram o nome do pequeno e prodigioso paiz, passavam em ronda deante dos seus olhos: Menling, Rubens, Van Dick, e tantos outros, envoltos no pannejamento estellar das suas telas, eram astros de inconfundivel fulgor, conclamando aos seculos a gloria neerlandeza, pelos valles e oiteiros da Flandres e da Wallonia...

Pensou então nos escriptores belgas de lingua franceza, e um sorriso de sympathia pela maior representante do genio latino lhe assomou á flôr dos labios: a Joven Belgica literaria affirmara-se poderosamente, e os talentos que surgiram rivalisavam com os maiores talentos gaulezes.

Os jornaes do tempo reproduziram em gravura o passeio triumphal que o rei Alberto fez pelas ruas de Bruxellas, em companhia do presidente francez, num automovel de luxo: o rei, com aquelle ar bondoso que lhe ia tão bem, o Sr. Falliéres a sorrir paternalmente, na neve do seu cavaignac branco...

Como fosse na primavera,—uma prímavera tão linda que dava vontade aos hospedes francezes de apanharem a luz com a mão, diz o jornalista que acompanhou o presidente—o rei Alberto fez o convite de um passeio ao magnifico castello de Laeken, onde havia alamedas de rosas brancas. Como Alberto ama as flôres, não eram sinão maravilhas os jardins do castello: rosas, orchideas, camelias, em tapetes, em guirlandas,

em arcos, por toda a parte, numa profusão entontecedora...

Um scenario de outras eras, quando os feiticeiros e as fadas, sahindo dos seus dominios, vinham á terra plantar com as mãos allegoricas bosques de azaléas; um scenario de lenda, em aurea magnificencia, na decoração de um sol primaveril.

Depois, na sua côrte em exilio, no seio da generosa França, talvez o rei Alberto se recordasse dessa visita de Fallières e sentisse na alma o aroma das rosas do castello de Laeken...

Bruxos e Medicos

O BRUXEDO empregado como arma de victoria eleitoral, parece-nos facto virgem na historia politica do paiz, tão fertil em invenções no dominio desse obcecante assumpto. Fomos testemunha quasi ocular de diversas sortes de magia negra postas em pratica com o fim de supplantarem um popular e querido chefe politico em um remoto e pacato municipio mineiro.

Um medico novato, que passava por casto, e um padre amancebado, de mãos dadas, em mutua solidariedade, tiveram essa idéa, até então inedita, e viram os seus esforços coroados pelo mais triumphante exito.

Tendo dominado, com hypocrisia verdadeiramente admiravel, todo o elemento feminino da cidade e dos incultos arraiaes, facil lhes foi a victoria, desde então prenunciada por todos. Tornaram-se feiticeiros.

Que o bruxo recebe do seu mestre o dom da fascinação, dil-o qualquer livro que trate de satanismo ou de magia, qualquer engrimanço poeirento que se nos antolhe. O mestre do feiticeiro é aquelle ser, para muitos supremo, que nos inspira e nos põe invicta e convictamente orgulhosos da nossa condição transitoria. E' elle quem nos insufla os máus pensamentos, as vinganças mesquinhas, as tristezas que julgamos alegrias, as lagrimas que queimam mas que suavizam, tudo que nos martyriza occultamente, cingindo a nossa alma dentro de um circulo vicioso cheio de horizontes que jámais a nossa vista alcança, opprimindo e reconfortando ao mesmo tempo o nosso peito...

O mestre do feiticeiro é o diabo. Muitos rirão ao ler este nome aqui escripto com todas as suas cinco letras fataes, como que a representarem, na febre grotesca que anima o espirito do Mal sempre a imitar tudo que é divino, as cinco Chagas de Christo. E mais letras teria, e mais fatal seria ainda, si em latim (como melhor conviria ao escabroso assumpto) escrevessemos a maravilhosa e aterradora palavra.

O diabo é a duvida, a revolta, o desespero: em nada crê, desde que se julgou rival do seu creador: a nada obedecerá, desde que arrojado á terra, tenta luctar ainda com aquelle que o atirou sobre o lôdo do mundo; nada espera, porque a desesperança é o seu unico e immutavel destino.

O feiticeiro, creado á imagem de Satan, tornou-se como elle inflexivel e impassivel: pelo mesmerismo dominará os fracos, trará as correntes magneticas dos seus olhares ás almas dos simples, dos bons, dos velhos, das mulheres.

Diziam os inquisidores que só tres lagrimas podia elle deitar pelo olho direito: o bruxo não tem o

dom das lagrimas, como se exprime a egreja, concisamente. Vedou-lhe Deus o consolo suavissimo de chorar. Elle é (Jules Bois declara-o admiravelmente) o primeiro, o mais sincero, o unico anarchista.

Como é natural, quando surge pelas roças um desses adeptos inconscientes do satanismo, começa a catechizar os espiritos mais fracos: das mulheres lhe vem toda a força indomavel, todo o poder que parece feito de poeira e vento, mas que se crystaliza perduravelmente, inabalavel como rochas.

Por um absurdo singular e sacrilego, sempre o feiticeiro tem a seu lado um representante da religião do Crucificado: o ministro de Deus aperta nos seus braços, unindo-o ás vestes talares, aquelle que personifica o anjo decahido, o luciferino archanjo em eterna revolta. O sagrado companheiro do bruxo é sempre um monge que atirou de lado todas as virtudes christãs e todas as maximas divinas do Evangelho. Só o burel o distingue dos outros reprobos. Essa dualidade exotica fórma uma personalidade terrivel e unica; poucos poderão vencel-a... E em politica então, heróe será aquelle que esmagar a cabeça dupla dessa hydra!

E foi impossivel esmagal-a no remoto e pacato municipio mineiro, embora verdadeiros e fortes luctadores se erguessem na liça.

Theosophos, occultistas, magos e kabbalistas, almas que andaes errantes e tristes pelos vergeis phantasticos do mysterio, espiritos sedentos de ideal e de sciencia, corpos astraes que translucidamente somnambulaes pelo ether sublime, guiados por Eliphas Lévi, amparados por Fabre d'Olivet, podeis limpar as mãos ás paredes, e com ellas cobrir os rostos pallidos, pois que nunca vistos prodigios se deram no tranquillo canto do mundo onde os segredos da bruxaria vieram envolver, entre véus de

sigillo e evocações pagãs, a grande e estupenda farça das tricas eleitoraes...

Não estamos, de certo, deante das scenas da magia purissima, não contemplamos os phenomenos astrologicos dos evocadores dos mortos, não nos cerca o fluido que do médium se desprende e se combina com o nosso proprio fluido; os elementares de Allan Kardec, os seres intangiveis e immateriaes do espiritismo não se erguem ante os nossos olhos pavidos, nem os terriveis espiritos caceteiros nos desancam com sóvas magistraes de marmelleiro e páu mulato...

Não! A coisa não se envolveu em apparatos tão tragicos, as scenas não se succederam tão mysteriosamente aterradoras, mas, com o ter o sal attico de uma pilheria desopilante, não deixou tudo quanto se deu de ser pavorosamente prenhe de sacrilegio e necromancia.

A arte esquecida dos feiticeiros resurgiu brilhantemente, e os actos que se praticáram nos tempos medievos, com mais pujança appareceram, amaldiçoados de certo, pelos manes de Bodin e de Del Rio.

Desde o dia em que Santa Helena, mãe de Constantino, convertida como seu filho ao christianismo pela apparição no céu da legenda sagrada «*in hoc signo vinces*», (que desde então brilhou, como brilham as estrellas e as cruzes, no labarum romano)—do momento em que a Santa patricia fez a invenção da Cruz do Redemptor, tem sido ella encommodada por diversas vezes para fazer outras descobertas. Colombo, depois de descobrir a America, socegou; Santa Helena, depois de descobrir a Cruz, padece desasocegadamente...

Deu-se no municipio de que tratamos a representação do celebre responso, vulgarmente intitulado—o sonho de Santa Helena: houve uma senhora que evocasse a Santa, á meia noite, envolto o corpo num su-

dario branco, estendidas dolentemente as fórmas gentis, em uma completa abstracção de espirito, sobre os olhos avidos do medico bruxo e do padre satanizado. E Santa Helena appareceu e disse quem teria a victoria nas eleições...

Pobre e macerada Imperatriz! repudiada pelo teu marido, longe do teu filho até o dia em que Jesus veio ao encontro delle e ao teu, só te faltava isto para o teu martyrio ser completo.

Outra bruxaria mais espantosa ainda houve, e sorte peior que a da Santa estava reservada ao doce e caridoso Santo Antonio de Padua.

Para que os eleitores não tivessem a tentação de virar á ultima hora as suas respeitaveis e respectivas casacas politicas, lembrou-se alguem de inflingir ao Santo um supplicio que commummente só aos leitões se inflinge: para o almoço dos eleitores foi preparada uma enorme panellada, e na hora em que esta fervia, atiraram o Santo no meio dos legumes e das postas de carne.

No meio do fervedoiro, a imagem remechia e pulava, até que atirou do lado de fóra da panella o menino que tinha sobre os braços...

Estava feita a *mandraca*, e ganhas as eleições municipaes!

Estes factos não causarão espanto á ninguem, pois é conhecido o traço de união que sempre existiu, desde tempos immemoriaes, entre os bruxos e os medicos.

As feiticeiras foram, de conserva com os pastores e os carrascos (optimos veterinarios eram estes e peritos em restabelecer em seus logares, com a pratica adquirida no seu horrivel officio, os ossos deslocados) os unicos medicos durante a edade média.

Paracelso, o illuminado doutor da Renascença, aquelle que primeiro escreveu (e genialmente) sobre as do-

enças das mulheres, confessa ter queimado todos os livros eruditos da antiga medicina, latinos, judaicos, arabes: tudo quanto elle aprendeu, tudo quanto sabia lhe viéra da medicina popular, da sciencia observadora dos zagaes, da intelligencia superiora das bruxas, da pratica dos algozes nos supplicios inflingidos ás suas victimas.

As feiticeiras, então, dominavam como rainhas absolutas os conhecimentos medicos daquelles priscos e nebulosos templos: por toda a parte eram ellas as parteiras respeitadas, as unicas pessôas capazes de levar auxilio efficaz ás parturientes em perigo de vida.

Da sua medicina, diz Michelet, o que melhor sabemos é que empregavam, ou como estimulante ou como calmante, uma grande familia de plantas equivocas, muito perigosas, que lhes prestavam os maiores serviços. Eram as solaneas,—*as consoladoras.*

«Familia de tal fórma numerosa que um só dos seus generos contém oitocentas especies»...

E no emtanto as mães da medicina começaram a ensaiar, ao acaso, audazmente, as terriveis plantas, onde ha de tudo, desde o mais inoffensivo calmante até o mais terrivel veneno.

E no meio das caligens densas, das trevas impenetraveis que envolviam essas calamitosas eras, a bemfazeja feiticeira apparecia não como o vulto benemerito de um anjo que ás mancheias espalhava curas milagrosas, mas como a amante sinistra de Satan, a receber deste os segredos mysteriosos dos philtros que dão força, dos encantamentos que transformam em lirios os seios cancerosos, e em rosas purpurinas os labios abertos em chagas...

Surge a belladona, o veneno horrivel que dá vida, nectareo e mysterioso; como o chloroformio, tantos se-

culos depois empregado, ella adormecia as mães em dôres de parto, e as crianças nasciam precipitadamente.

A's mãos das feiticeiras as dôres dormitavam: ellas tinham o amor que nos suaviza, o esquecimento que nos acalenta, o esquecimento que nos embala preguiçosamente, a paixão que nos estimula em doces magnetismos sagrados...

E tudo vinha dos segredos magicos, passavam bruxas apegadas ao braço dominador dos nigromantes, fadas que se vestiam de farrapos do céu, com os olhos muito claros e serenos, cançados de receberem a luz das estrellas presagas, feiticeiras velhas e tropegas, encarquilhadas e estupendamente feias, com os curvos narizes a bicar a ponta dos ossudos queixos, duendes fataes que allucinavam as crianças e vampiros sanguisedentos que empallideciam as virgens...

E o diabo e a medicina andavam nisso tudo.

Assim, dada a correlação que sempre existiu entre a feitiçaria e a medicina, sendo esta a filha mais velha daquella, nenhum espanto devem causar os veridicos factos de bruxedo que esflorámos.

Si a moda pegar, aconselhamos aos eleitores que temerem ficar enfeitiçados, ou diabolicamente damnados, recorram ao manual de bençams, e leiam aquella que a paginas duzentas e noventa e nove Santa Quiteria aconselha aos que estão em via de chegar a tão horroroso estado:

A rabie diabolica, liberame!»

YSMALIA

QUANDO ella se morreu, os seus olhos continuaram a mirar-me; não tive coragem de cerral-os, como se faz com os olhos de todos os mortos. Os meus olhos, no emtanto, não os deixavam sós: miravam-n'os tambem, com a mesma fixidez.

Eu via, de quando em quando, um cysne poisar na luz metallica dos olhos della; era a sua alma que descia do céu, saudosa do ninho onde vivêra durante quinze primaveras.

Quando o cysne baixava do alto, um fremito rapido percorria todo o corpo da formosa morta; o seu rosto sorria, num relampago fugace, num fogo-fatuo que era crystallino; o seu peito arfava, alevantando os

seios puberes, castos como dois lirios que fossem rosas; e as suas espaduas eburneas, por onde nunca haviam passado outros beijos que não fossem os raios do sol, quando ella se banhava no rio hyalino,—estremeciam dolentemente.

O cysne, que era a sua alma, adejou para o céu, e nunca mais voltou até ao ninho onde vivera durante quinze primaveras; mas os olhos della continuam a mirar-me eternamente, porque eu não tive coragem de cerral-os, como se faz com os olhos de todos os mortos.

NOITES DE LUAR

POR essas noites de luar, quando a lua, seguindo em meio das estrellas, parece o caixão branco de uma virgem que vai acompanhada por milhões de anjos que levam cirios nas mãos, — eu lembro-me dos mortos.

Pobres e miseros mortos!

Transidos de frio, entre as taboas da sepultura estreita, medonhos no horror que os cerca, ninguem poderá pensar nelles sem sentir um rangido de dentes involuntario, um tremor de medo pelos nervos.

Passam-me então pelos olhos os feretros sumptuosos das cidades grandes; o enfilheiramento dos carros funebres; os enterros singellos das cidades pequenas, em que os corpos são levados á mão e ás pressas; e os enterros

de anjinhos em caixões abertos, de mãos postas e sorrindo ás vezes, entre fanfarras de musicas alegres. E tambem os horriveis carroções que nos centros populosos levam para a valla commum pilhas de miseraveis amortalhados, apenas no trajecto, pelos cadaverosos lençóes dos hospitaes, e atirados nús, em confusão, ao mesmo leito de panico.

E penso nos meus pobres amigos, tantos que vi seguirem para o paiz das sombras, quando a aurora da vida lhes surgia apenas.

Relembro-me dos meus amigos defuntos.

Eurico! Eurico! que é da tua cabelleira loira, que se enroscava pela tua cabeça em caracóes, como uma corôa de oiro? que é dos teus dentes brancos como jaspe, que brilhavam como estrellas? e os teus labios, rubros como romans tropicaes, que sorriam tão sarcasticamente, que é delles?

Fanaram-se depois de tantos beijos de amor, e sumiram-se no pó, e de ti, Eurico, meu querido amigo, só resta essa horrivel caveira, cançada de rangir os dentes na lucta infanda contra os vermes...

Bem disse o grande classico: a formosura é uma caveira bem vestida. Si a mocidade é isso, que diremos do que é feio, do que é velho?

Resae, pobres velhos, resae, matronas tristes, miseras caveiras mal vestidas...

VESTIGIO DO PASSO DIVINO

A melancholia que em certas horas crepusculares nos obriga ao isolamento silencioso do ermo, sudarizando as nossas almas pavidamente inquietas, obrigára-me a procurar, numa aspiração louca de ascese, um logar onde só me cercassem casas deshabitadas e companheiros mudos.

Errando como um somnambulo, fui ter á bibliotheca publica, que é, em todos os paizes e sob todos os climas, o adyto menos frequentado pela sociedade frivola e má dos nossos amaldiçoados dias, sempre enfebrecida pelos prazeres coruscantes e rapidos que os theatros e os *bars* lhe proporcionam, na sua perenne pose de choldra atheista e epicuriana.

A ampla sala estava deserta como um hospital de onde houvessem despejado o ultimo varioloso. Sómente o bibliothecario cochilava, a resomnar bacorescamente, mergulhado na sua rica poltrona de madeira preta, de espaldar de coiro arroxeado; os seus oculos de aros

nickelados, sentindo decerto a ausencia da luz torva daquelles olhos myopes, que se tinham fechado como as cortinas de duas janellas ogivaes, horizontalmente estendidas,—tinham escorregado suavemente até a ponta do seu adunco nariz de ave carniceira.

As estantes tambem dormitavam, prenhes de livraços empoeirados, que ostentavam, no doiramento deslavado dos dorsos, os nomes esquecidos das obras, em versaes erectas.

Abanquei-me, intimamente alegre com toda aquella desolação de claustro, depois de ter-me munido de um velhissimo alfarrabio que mais á mão se me deparára.

Logo ao abril-o, encontrei, imprevistamente, como que a palmilha de um sapato que nunca fôra usada; estava amarellescida pelo tempo e parecia ter vindo de éras bem remotas.

Era feita de um tecido de sêda mais que fino; quedei-me alguns instantes a contemplal-a; em surdina, continuava o bibliothecario a resomnar numa escala ascendente, e os livros me miravam em silencio, como bons e velhos amigos, cegos, surdos e mudos. Nem uma só linha do alfarrabio li, pois que o nome de Christo ante os meus olhos scintillou, sublime como o claror de uma estrella d'alva.

E como parecesse estar alli marcando a pagina onde estacionára fatigado algum leitor ocioso, sedento de leituras antiquissimas, que nos fazem viver,numa tão curta vida a vida millenar da humanidade, guardei-a religiosamente na algibeira do casaco, collocando em seu logar, entre as duas fanadas paginas onde estava, um cartão, com o meu nome.

Quando cheguei ao hotel, um grande contentamento me invadira a alma; sentia alguma coisa de divino e astral divagar ao redor do meu peito.

Esqueci por momentos todas as maguas que me affligiam, toda a intangivel saudade de quem está longe daquelles que ama. Tive a irreverencia de saccar do bolso um charuto detestavel, e de accendel-o vagarosamente. Contemplei extatico as espiraes de fumo que subiam tenuemente pelo ar, imagens fugazes das nossas illusões do mundo. Taes eram os sonhos em que vivo amortalhado, taes as impereciveis dôres que me martyrizam... Pensei mentalmente nisso, como certamente já o fizera o primeiro homem que para distrahir o seu desconforto, tivera a idéa de soltar para o alto, sorvendo-a do seu cachimbo, a primeira baforada de fumaça que se volatilizou na terra...

E a minh'alma, garça de plumas brancas, voou até o seio de Deus. Estava commigo a reliquia sagrada. Que acaso singular fizera com que ella se me antolhasse? Era o vestigio do pé de Jesus no Monte Oliveto. A nankin, estampada em negro, a scena pungente do Golgotha apparecia, sobre pedras agrestes, entre arvores sem vida. Em miniatura, o Redemptor do mundo pendia da cruz, e aos lados delle, o bom e o máu ladrão nas suas cruzes agonizavam, Gestas e Dimas!

O remorso infinito agrilhoava aquelle nas gehennas do inferno; Dimas sorria. Hoje commigo estarás no paraiso, tinha-lhe o Senhor dito. E todo o seu atroz padecimento como que se etherisava em effluvios de gloria...

Rememorei então, mais uma vez a vida de Jesus.

Flagellado, corôado de espinhos, elle, que era toda a bondade, que era a perfeição suprema, expirára lentamente, com os olhos fitos no céu. Tinha passado pelo mundo a fazer o bem, *pertransit benefaciendo*, como diz S. Pedro; não havia lagrimas que não as enxugasse, nem afflicções a que não trouxesse a sua palavra de oiro,

que entre os astros nascera. Atravessára a Judéa e a Galiléa entre nuvens de triumpho, levando após si as multidões encantadas de ouvil-o, de seguir a poeira estellar que os seus passos levantavam, de abrigar-se sob o céu eternamente azul que os seus olhos imprimiam ao firmamento.

Ha quinze annos reinava Tiberio, um dos mais ferozes monstros da historia dos imperadores romanos; João Baptista, o Precursor, surgiu annunciando a vinda de Jesus, que em hebreu quer dizer o Salvador, assim como Christo quer dizer o Ungido. E o Messias foi ás margens do Jordão para receber o baptismo: sob a fórma de uma alva pomba, azas abertas de onde fulgores se esparziam, o Espirito Santo poisou sobre elle. E João Baptista indicou-o á multidão: é este o Cordeiro de Deus.

E Jesus seguiu pela Via dolorosa da vida. Ao contacto das suas mãos, os miseros cegos, costumados a sentir sobre os olhos o sudario pesadissimo das trevas, recuperavam a vista instantaneamente, e pasmos ficavam deante do resplandor de bemaventurança que aureolava a Fronte do Senhor; os miserandos e lastimaveis lazaros viam as suas ulceras fecharem-se miraculosamente, e as suas feições tomarem as antigas linhas plasticas que haviam perdido; os paralyticos, sob o impulso do seu olhar, que de tão longe viera, ensaiavam os passos tropegos, como as crianças nos seus primeiros movimentos para caminhar: e as ondas enfurecidas, sob o aceno sagrado das suas mãos, abaixavam o dorso arqueado e vinham beijar as orlas da sua tunica inconsutil.

E o Filho do Homem, que o propheta Daniel vira sobre as nuvens do céu, dominava o mundo; o templo do atheismo, construido por cima da areia candente do deserto, atufava-se por entre vagalhões de poeira.

Havia na reliquia uma inscripção latina. Li: «Vestigium D. N. J. C. in Monte Olivet.» Era o signal do Pé sacrosanto impresso no chão por onde, santificando-o, passára. Ahi, no monte encantado das Oliveiras, no Djebeltor dos arabes, o Mestre divino, entre os seus discipulos, deixára cahir da bocca illuminada palavras que scintillavam como estrellas; ahi, entre as fragancias dos myrtos, Iskariote beijou-o trahidoramente...

Toda a tragedia divina da Paixão passou ante os meus olhos ennublados; isolei-me no meu sonho, que todo de roxo se vestia.

A tarde tombava, entre soluços de luz agonizante. Colloquei sobre o coração a reliquia santa, e pensando na inanidade humana, na insondavel miseria de todos nós, senti-me alliviado das angustias que me affligiam, porque o Vestigio do Passo Divino viera até mim.

O PRIMEIRO BEIJO

«TODO ornado de verdura e flôres, sahira do cáos o paraiso terrestre, á voz do Creador; dos rochedos tombava em cascatas a lympha crystallina; a cupola das arvores ondulava voluptuosamente sob os raios limpidos do sol recem-nascidos; respirava tudo a felicidade da embriaguez: isómente o primeiro homem languescia no seu isolamento.

A todos os seres creados havia Jehovah clamado as palavras magicas:—crescei e multiplicae-vos!

E o primeiro homem, que não comprehendera estas palavras, perguntava a si mesmo, naturalmente um pouco desorientado, porque os peixes nas aguas, os passaros nos ares e todos os animaes sob a romantica sombra dos arvoredos doidivagam dois a dois, prodigalizando uns aos outros as mais loucas caricias...

E Jehovah teve compaixão delle. Esperou que dormisse e, arrancando-lhe uma costella, com ella formou uma deliciosa creatura, a quem deu o nome de Eva.

Adão despertou emfim.

Quando viu a seu lado um anjo consolador, de longos cabellos fluctuantes sobre as espaduas, de braços brancos e roliços cruzados sobre os seios palpitantes, de longas palpebras abaixadas para o chão, labios vermelhos, faces rosadas, talhe elegante e esbelto, quadris cheios de volupia... quando elle viu todas estas perfeições, cada qual mais seductora, pereceu-lhe que um véu tombára dos seus olhos.»

Assim nos fala o galante escriptor gaulez Etienne de Neufville; concordemos que o caso não era para menos, e que Adão tinha todos os motivos de ficar literalmente pasmo.

Neufville continúa:

«De todo o seu brilho resplandeceu o firmamento; mais perfumadas balanceiam-se as flôres nas suas hastes; as aguas marulharam com melodia mais palpitante; renovou-se a face da terra, precipitou-se a natureza toda num enlace universal, e os astros, detendo a marcha luminosa, tremeram sob o mesmo abalo, no momento em que os écos do céu resoaram o primeiro beijo do primeiro homem.

Só presenciaram o facto dois pombinhos que arrulhavam na macieira fatal: imitaram immediatamente o par formosissimo.

E eis porque só os pombos se beijam (remata o antiquado e romanesco Neufville), levados pelo máu exemplo que os nossos primeiros paes lhes deram.»

Funebre inauguração

A inauguração de uma fabrica, de uma confeitaria, de um novo theatro, de uma sociedade carnavalesca, ou de uma casa commercial qualquer, é sempre acompanhada por um solenne regabofe de seccos e molhados, mais ou menos diplomatico, em que os rubicundos ou pallidos convidados e comparsas, depois de encherem os respeitaveis ventres, desejam as maiores felicidades ao novo estabelecimento, entre hurrahs gutturaes e hisps tenorizados e tremulos.

Ao commovedor desarrolhar das adoraveis garrafas, o prazer expansivo e alacre illumina e inunda as faces dos ephemeros hospedes, que estendem instinctivamente os beiços cupidos; os copos escorrupichados lestamente animam os mais sorumbaticos dos "noceurs" e a alegria, que é contagiosa, torna-se geral.

Não ha nada neste inhabitavel mundo que mais nos satisfaça que um pichel de bom vinho; é sabido que este nectar dos deuses e dos borrachos enche de contentamento o coração dos homens, — "lætificat cor hominum".

Ora, aos estabelecimentos a que me referi no principio desta sovinada e a outros que taes, cabe optímamente o costume commemorativo dos agapes fraternaes, comezainas e bambochatas, logo depois da costumeira bençam, lançada pelo vigario da freguezia; mas inaugurar uma empresa funeraria, como acaba de dar-se no Rio, com um banquete em que se lhe augurem todas as venturas vindoiras, é cousa pasmosa e inedita.

Uma simples bençam, um requiem, um Te-Deum, tudo isso lhe iria muito bem; mas abrir a torneira da alegria junto a uma empresa tão funebre, é coisa digna dos dias que vão correndo desatinadamente.

Contam os jornaes que um dos convivas, pandego por natureza, de taça em punho, bebeu "á saude" de todas as endemias e epidemias, entre as quaes collocava as estradas de ferro, os autos e os aeroplanos: teve as mais encomiasticas palavras para os medicos e boticarios, collaboradores activos de todas as empresas daquelle genero.

E tudo correu na melhor paz de espirito, entre as mais apimentadas galhofas e pilherias, cada qual mais esfuziante de graça juevenil; nenhum dos convidados pensou qual delles concorreria em primeiro logar com a vida para a prosperidade da necropolitana casa, compromettendo-se cada um por sua vez em ser freguez pontualissimo da mesma.

O scenario para semelhante inauguração não devia ser a sala banal de banquete de um hotel ou restaurante, com a classica mesa em fórma de tê maiusculo, or-

nada de flôres fanadas e de garrafas em pleno viço de vida; a alvura da toalha, muito embora pudesse esta ser comparada por algum poeta fatal a um sudario que envolvesse os restos mortaes das vitellas, carneiros, e leitões sacrificados em homenagem ao brodio succulento e galhofeiro, traria de certo ás almas dos convivas a alegria pacifica e branca da existencia e não a poeirenta visão da morte.

Outro deveria ser o scenario. Si os directores da soturna empresa fossem coherentes comsigo mesmos e com o fim que se propunham explorar commercialmente, melhor seria que o festim se realizasse entre as aléas de um dos vastos cemiterios da metropole brasileira, á meia noite, obrigado a cantochãos macabros e misereres de além tumulo.

E que os directores bebessem, como no tempo do romanticismo byroniano, em craneos, e batessem com tibias o compasso dos hymnos bacchicos, alevantados á prosperidade da empresa...

COMEDIA OU FARÇA?

Comedia, do grego «Komedia», de Komé, aldeia, odé», canto.

Farça, do francez *farce*, ou do italiano *farza*.

PERGUNTA-ME um honrado cidadão, que se occulta sob as cabulosas e nada perfumadas iniciaes W. C., si as reuniões havidas e por haver nas innumeras academias de letras do nosso magico paiz são comedias ou farças.

Bem se vê que o typo é mettido a engraçado e pretende ridicularizar institutos dignos das perennes ovações que os têm sempre engrinaldado.

Dou-lhe uma lição de vernaculo.

Para o vulgo em geral ha synonimia perfeita entre as supracitadas palavras, valendo tanto dizer que uma

sessão de pessoas, reunidas para qualquer fim, não passou de uma comedia, como foi uma sensacional farça.

Ha, no emtanto, certas nuanças differenciaes entre os dois vocabulos, porque a farça é sempre burlesca e a comedia nem sempre o é, tanto assim que temos a alta comedia e a comedia baixa.

Com o poderoso auxilio do compulsado Coruja, e com as luzes philologicas que sobre estes ingratos assumptos têm derramado Candido Lago, Candido de Figueiredo, Sylvio de Almeida e Carlos Góes, poderemos expender a nossa opinião, na altura das nossas fraquissimas forças.

Comedia é (qualquer lexicon assim a define) uma peça theatral em que se põem em acção de um modo joco-serio os caracteres, os costumes ou os factos da vida social.

Divide-se a comedia em alta e baixa. A alta é tambem chamada comedia-drama, e as suas principaes personagens pertencem sempre á classe culta da sociedade; a baixa traz á baila o zé-povo, e é cheia de scenas populares, com incidentes comicos elevados á ultima potencia, num extraordinario exaggero.

Molière foi o mestre supremo dos dois generos.

Já vê o consulente que nada ha de commum entre as reuniões academicas e as representações publicas.

Certamente, quando se quer cobrir de riso qualquer acto serio, a satyra accode-nos imprevistamente aos labios; ha em tudo, nas nossas menores acções, uma parte burlesca, explosivamente marcial ás vezes.

Já vi um coronel da ex-Guarda Nacional, em S. Paulo, querendo impôr silencio a uma assembléa politica amotinada, subir ao palco, e num gesto digno de Napoleão ou de Foch, puxar da durindana e com ella

fazer varios circulos concentricos pelos ares. Aquillo para elle era uma farça.

Saiba, entretanto, o consulente que nas eras priscas, o vocabulo comedia tinha entre os gregos outra significação: era a ronda de mancebos de um logar que iam á noite dar descantes ás suas namoradas, protegidos pela escuridão ou amparados pelo luar.

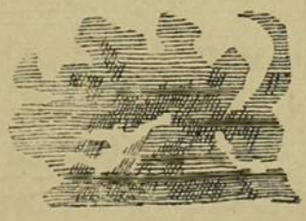
E para comprovar esta asserção, transcrevo do já citado Coruja o seguinte trecho:

« Mui bem fez sentir o atilado Vieira a differença que ha entre comedia e farça, quando disse, falando dos pregadores do seu tempo: « Não é comedia, é farça. »

Queria elle dizer que não só faziam rir, como provocavam zombaria e mofa. »

Ahi fica o ensinamento gratuito para aquelle que quiz motejar d'aquillo que ha de mais respeitado na terra,—as boas lettras.

E cenclúo a chronica, abençoando os manes de Roquete, que me dictaram estas eruditas linhas...



CARNAVAL

JUSTIFICA-SE o Carnaval pela necessidade insuperavel que o homem tem de se tornar completamente louco ao menos durante tres dias em cada anno.

Essa força irresistivel agarra-o pelos frageis punhos e obriga-o a cabriolar indecentemente como um arlequim estafado, tropego, senil, que rodopia com esgares funebres, em toda a sua miserabilidade, num circo sovado pelas patas dos cavallos e pelos pés simiescos de gerações e gerações de saltimbancos ignobeis.

Ha individuos incapazes de abrirem os labios na mais insignificante graçola ou na mais inconveniente chocarrice; pois bem não afivellam ao rosto uma pavorosa e truanesca mascara, eil-os a pilheriar a torto e a direi-

to, atirando chascos e chufas, numa erutação pestilenta de palavrões torpes, muito convictos do seu espirito, muito anchos do seu bello e estardalhante humor.

Vae-se como espiraes de fumo pelos ares toda a sisuda circumspecção com que foram dadivosamente dotados; saltam, pulam, pinoteiam, movem-se, agitam-se, arremedam bichos e passaros, tornam-se galantes e communicativos, numa completa inconsciencia de si proprios, como si dos escombros das suas velhas carcassas de pseudo-conselheiros, surgisse para cada um delles uma nova natureza primaveril, atorçalada de sol, inundada de muita luz sadia e de muito calor benefico.

Muitos ha tambem que, mimoseados embora pelo Creador com physionomias patibularmente grotescas, são incapazes de arrancar do fundo da alma e trazer ao semblante um raio sardonico, um relampago fugaz de contentamento; a esses servem-lhes as mascaras, ou antes as sobre-mascaras, si não de disfarce, ao menos de consolo...

A licença ampla que ha para tudo no triduo consagrado a Momo pelos seculares costumes mundanos, alegra superabundantemente a todos os individuos que são obrigados a conservar-se serios durante os outros interminaveis dias do anno, ou por temperamento, ou em razão dos cargos que occupam.

Nas cidades grandes (ao contrario do que succede nestas pobres cidades mineiras onde tenho vivido) a multidão carnavalesca se recruta em todas as camadas sociaes; ninguem se espantará ao saber que naquelle pachola que alli vae, com ares de alfacinha aperaltado, todo polvilhado e cheio de perfumes parisienses, se occulta a sanchesca pança burocratica de um alto funccionario publico, financista emerito, que, deixando de par-

te a Caixa de Conversão, o Convenio e o mais, deseja deshumorar-se diabolicamente, como um Mephistopheles de arribação, em companhia de farçolas desconhecidos, tafues anonymos que nem sem mascaras reconheceria.

Pódem dar os mortaes, nessa triade funambulesca de dias nefastos e vesanicos, a mais ampla e impune expansão ás nevroses que trazem incubadas em si.

Como que se escancaram de par em par as portas dos hospicios, dos manicomios, das casas de saude; a epilepsia e a hysteria surgem, phantasiadas, em cada canto de rua: a nevropathia reina e impera em deusa e rainha absoluta, e por debaixo das mascaras postiças quantos olhos se arregalam anciosos, quantas faces se congestionam, quantos labios tremem de frio, quantas gargantas desesperadamente se cerram e se constringem...

Ha tambem no carnaval alguma coisa do sabbat mediévo: esses mascaras que passam travestidos em leopardos e crocodillos, em onças e leões, em sapos e bódes, fazem-nos pensar instinctivamente nessa noite satanica de pesadelos que cobriu de horror e lucto toda a edade-média, quando, depois das nove horas de qualquer dia da semana (nunca aos domingos, pois que este é o dia do Senhor, e ninguem poderia dar-se a elle e ao diabo ao mesmo tempo) com o cahir das sombras, se reuniam bruxos e feiticeiras, na adoração infiel do Espirito do Mal...

Larvas e vampiros, incubos e succubos, espalmam pelo ar as suas azas negras; dançam macabramente, amam sacrilegamente, até que o canto do gallo, como um clarim guerreiro, lhes annuncia a vinda triumphante do dia.

Ah! esses bailes de hoje, cheios de impérias avelhantadas, arrastando pelos salões dos clubs carnava-

lescos a sua belleza fanada que se vae como um sol que não mais volta,—são bem mais horriveis por serem bem mais reaes!

O carnaval, festa pagã por excellencia, é tido vulgarmente por obra do demo: si tal acontece, não é essa uma das suas peiores...

Elle é a representação ao vivo de tudo quanto sentimos ás occultas dentro de nós.

Máus pensamentos tenebrosos que andaes a voltejar nos cerebros humanos, com vergonha e medo de sahir á luz do dia, não passaes, na verdade, de pavorosas mascaras negras, diabolicas e lubricas, cheias de concupiscencia caprica, de hirsica luxuria.

E esses sonhos bons que sentimos ás vezes dentro da alma, como um bando de passaros a ruflar as azas?

São essas creanças phantasiadas que seguem, no alarido innocente da infancia, vibrantes como sinos que repicam, inconscientes como a sua intactil pureza de coração, que tão depressa se vae, que tão velozmente se fana.

Como velozes vôam esses tres dias febris para aquelles que ainda encontram contentamentos e risos nessas bulhentas festas do povo!

Logo após, como a realidade que surge em frente da phantasia agonizante, a voz da Egreja se eleva, na triste monotonia das phrases sagradas e dos consagrados psalmos, e chama os foliões á ordem, murmurando-lhes aos ouvidos impenitentes aquillo que muito bem sabem, mas do que sempre se esquecem...

O terrivel *memento* da quarta-feira de cinzas vem encontrar ainda a pobre mascarada a estremunhar de somno, e morta de fadiga: é com máu humor que o ouvem todos a sussurrar dentro das suas almas deturbadas, e muitos virarão para o canto da cama os ros-

tos desfigurados, saudosos do que gosaram, insubmissos á verdade clamada.

Quem quizèr que ponha o inexpressivo dominó sobre o rosto, nesses dias que tão enguirlandados se passáram e que em breve voltarão com a mesma gloria e bafejados pela mesma falta de juizo; quanto a mim, dou-me muito bem com o desconsolado carão que encobre a minha caveira, e estimaria que todos pensassem assim, pois bem nos bastam as mascaras que temos, e as que teremos depois, tão horrivelmente risonhas!

O FIGADO

PARA muitos a mola real da vida é o estomago, regular bolsa composta de membranas, sempre prompta e preparada para receber os liquidos e os solidos com que a natureza animal tem por uso enchel-a.

Si são esses aquelles que bem comprehendem a vida, ignoro eu, chronista sertanejo, muito propenso á contemplação das estrellas, da lua, e dos outros corpos celestes visiveis.

Si um raio de lua perpetuamente desce sobre a dolorosa tristeza da minha alma, si vivo astralmente circumdado de fulgores lunares, para que abaixar-me até a nihilidade da condição humana? Seja o estomago, embora, o orgam principal da digestão dos seres vivos; communique-se com o esophago e esteja collocado por baixo do diaphragrama: forme-se de tres membranas superpostas, ou de mil: que me importa tudo isto? O intestino delgado pouco me tem alterado o meu modo de viver, a minha eterna hypocondria.

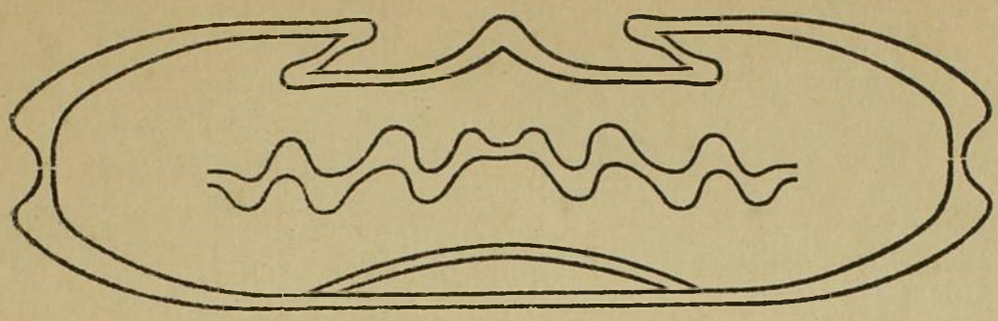
O grosso intestino então aborrece-me de modo a ficar alheio á sua diaria e consecutiva lucta, como recipiente de inuteis residuos da digestão.

O figado, no emtanto, que vive a secretar a bilis que nos enche a bocca de amarguras, tem particular predilecção da minha parte.

De fórma irregular, sem symetria alguma, convexo na parte superior, concavo na inferior, cheio das granulações que se reunem a fim de formar o canal hepatico—gosto deste orgam e admiro-o sinceramente.

A minha admiração compassiva por elle vem do facto de ser esse pobre pedaço do nosso corpo o supposto creador do nosso máu humor; tedio, spleen, irascibilidade, tudo isto queremos nos venha da billis que do figado se origina, passando pelo duodeno para auxiliar a digestão...

Não se fórma antes o nosso eterno e irritavel desconsolo nas tres membramas do cerlebro, a dura e a pia mater, e a arachnoide, sendo esta talvez quem nos faça viver soffrendo sempre da telha entre teias de aranha?



CINTRA

(POR OCCASIÃO DA GRANDE GUERRA)

I

JOÃO de Fafe disse-me, cofiando os seus grisalhos bigodes sedosos, com o olhar fito no tecto claro da ampla sala de jantar, como que á procura da luz suavissima dos céus peninsulares:

—Cintra é o paraiso do mundo. Foi alli de certo que o primeiro par peccaminoso trocou o primeiro beijo. E' um jardim de delicias, onde a alma humana vive numa perpetua assumpção para o azul donde desceu. Quem lá foi um dia conservará, immutavel, para todo o sempre, a frescura daquella paizagem unica, traçada na terra por um pintor de além-céu. Ninguem se admiraria, certamente, em lá estando, si visse theorias

de anjos descendo pela montanha granitica, em que a villa se encosta ha seculos e seculos, e si a propria Virgem, tendo ao collo o Menino sublime, viesse dar-lhe os bons dias...

Olhei um pouco espantado para a cara nada espiritual do meu amigo: e como nunca me passára pela idéa que cultivasse o estylo, respondi-lhe ironicamente:

— Cita o autor, homem de Deus!

— Pensas então, amigo Mathias, que a boa linguagem é privilegio teu por seres um simples bacharel em leis? Todos temos o nosso dia: a luz do sol e o clarão da lua illuminam os cerebros de todos nós. Um negociante que se retirou do commercio, bem apatacado como eu, conserva mais viva do que você a impressionabilidade; não gastou inutilmente o seu «eu» em farras de literatura, nem nos convescotes do espirito. Tendo vivido durante trinta annos sem outra preoccupação que não fosse a de lograr a freguezia, póde, mesmo «sur le tard», literatizar-se facilmente.

Calei-me. Depois de alguns instantes retruquei-lhe:

— De maneira que Cintra...

— E' uma das mais famosas villas do ex-reino lusitano, edificada sobre penedos escalvados, lançados uns sobre os outros, parecendo que a cada momento vão desabar inesperadamente. Não ignoras que os romanos lhe chamáram promontorio da Lua, a quem o paganismo denominava Cynthia; e a deusa das noites brancas lançou a sua bençam sobre a villa, baptizando-a. De Cynthia proveiu-lhe, no decorrer dos seculos e lenta transformação da lingua, o nome de Cintra. A obra da natureza alli é obra de arte; tudo que surge deante dos nossos olhos, enche-nos de pasmo. O palacio de Queluz desabrocha em meio de um oasis, ao longe; depois, ha uma pequena area de terra inculta, que é a imme-

morial Charneca: e logo após eis o maravilhoso Ramalhão, por onde se desce para a villa.

—Sei que nasceste em Lisboa, sendo teu pae de Fafe. Deves conhecer bem a tua Cintra.

—Tanto a conheço que irei pouco a pouco lançando ás tuas ouças a sciencia topographica que della tenho.

—Mas falemos dos consules allemães, os quaes...

—Sim, regougou, o João. Antes, porém, Camões exclamará:

« De Cynthia tomou Cintra celebrada, o nome, que em rochedos é famosa...»

II

Ao lembrar-se de Camões (e tambem pelo effeito causado por cinco ou seis calices de um velho Porto, colheita de 1846), João de Fafe sentiu os olhos marejados de lagrimas suavissimas, e arquejou num suspiro que lhe levava a alma até ao seculo de oiro da nação lusa.

Para consolal-o e sentir tambem a mesma magua retrospectiva tomei por minha vez algumas gottas do nectar de Noé.

—O grande epico! murmurou. Vejo-o partir para a India, embalado pelo amor immorredoiro que no seu coração deixára o sorriso divino de Natercia. Porém maior ainda era o amor que elle sentia pela patria. Na expedição de Cochim, na expedição da Arabia, na sua demora em Goa, ou no Extremo Oriente, ou na China, ou em Damão, ou em Calicut,—é sempre a patria quem lhe vela o somno e esperanças lhe dá. Na gruta de Macáu compõe os « Lusiadas », e com elles naufraga, e é salvo, e salva-os. Volta a Lisboa, velho e alquebrado; e no emtanto, ao sonho de fé e conquista de

D. Sebastião, a sua alma se renova, como um eterno cryzanthemo aos raios do sol; sonha a «Sebastianeida», e quando Alcacer-Kibir assassina a patria, Camões com ella morre...

—Sr. Fafe! disse-lhe, meigamente, para o interromper no seu enthusiasmo patriotico.

—Sr. de Fafe, si me fazes favor. Ainda um dia destes me falavas em Peladan, sujeito que não conheço, e citavas um paradoxo delle: que Balzac, burguez, tomando a particula fidalga e transformando-se em De Balzac, prolongára por mais cinco seculos a vida da agonizante nobreza franceza. Serei como elle: um Sr. de Fafe perpetuará a existencia da rheumatica fidalguia portugueza.

— Fazes bem. Um «de» dá certa esthetica a qualquer nome. E depois, está em moda. Sendo dos tempos heroicos, é actual. Os francezes, que têm o gosto apurado em tudo, adoram-no. Não vês o Frontin? O seu nome é commum a varias personagens domesticas dos romances de Paulo de Koch e de algumas comedias de Molière no emtanto um «De Frontin» cheira logo a conde.

Mas como «réclame», annunciando um genio, como sôa bem a nobre preposição no nome de D'Annunzio!

De Fafe reconcentrava-se em idéas reconditas. A garrafa tornava-se cada vez mais leve. A saudade da patria ausente pouco a pouco o transformava numa carpideira lugubre, pois o seu peito offegava em lamentações de Jeremias contemporaneo.

Deixava-o sonhar tranquillamente, berçado pelos vapores finissimos da colheita de 1846; parecia-me vel-o na prôa das náus portugalenses, abençoadas pela cruz, e pelas quinas, e pelos castellos...

O surto da sua alma ia-o levantando lentamente. De pé, com as mãos nas algibeiras das calças brancas, todo o rosto illuminada por um sorriso de sarcasmo, baixou o olhar até mim.

— E notaste, Mathias, como a Allemanha é invejosa? Em nada quer ser inferior á França. E como esta dá o cavaco por um « de », pôz a Germania as manguinhas de fóra, e encheu o seu exercito de «vons». Ha um general Karl von Muller... Carlos de Moleiro! E' bôa.

Lembrei-me então de Cintra e dos consules.

—E eu que me esquecera della e delles! disse De Fafe.

III

João de Fafe embrenhou-se mais uma vez na selva escura dos seus sonhos. A garrafa perdera de todo a alma; era um casco de vidro inutil, digno de desapparecer immediatamente deante dos olhos melancolicos do valente lusitano. A um aceno deste, um reconcentrado e impassivel creado que assistia ao nosso dialogo, trouxe outra da mesma colheita.

Pela janella aberta, numa opacidade hybernal, entrava o clarão da lua benigna. Havia murmurios de auras mansas pela folhagem do jardim. Em meio daquillo tudo, como que insulado em um penedo deserto em alto mar, o meu espirito debatia-se, ancioso por saber que historia era aquella dos consules allemães.

Tinha recebido um bilhete do João, convidando-me para um jantar intimo, em que nós eramos os unicos convivas. Em « post-scriptum » dizia elle: falaremos dos consules tudescos. A minha curiosidade tinha motivos sobejos de estar excitada: mas, em razão da minha

qualidade de hospede, havia de soffrer com paciencia o deambular da phantasia do meu velho amigo.

— Em Cintra, continuou De Fafe, ha dois palacios maravilhosos: o da Penna e o Real. Era aquelle, nos tempos idos, um hospicio de penitencia, edificado por D. Manuel, no pinaculo da montanha. Foi de lá que esse venturoso rei viu Vasco da Gama voltar das Indias, com a sua frota fidelissima. Tendo tombado em ruina foi reedificado por D. Fernando, em meados do seculo findo: torreões, torres lateraes, muralhas corôadas d'ameias,—tudo, tudo construido e enclausurado entre os cabeços da serra e as massas colossaes de basalto...

O palacio real dorme entre recordações mouriscas e christãs. Ahi, ainda o anno passado, tive uma das minhas maiores desillusões.

— Como foi isso? perguntei-lhe com interesse.

— Ha lá uma sala historica, « sala dos cervos », assim denominada por causa das cabeças de veado, esculpidas com a maior pericia, que tambem se chama « das armas » e... barões assignalados; é de tempos immemoriaes visitada por todo o bom portuguez que sonha com os brazões mais antigos do reino. Lá estão elles em numero de setenta e quatro. Ora imagina tu que, por mais que procurasse, em nenhum vi as armas dos Fafes...

— Certamente, disse-lhe, rindo, que estas são uma pipa e um bom pichel, em campo verde. Nada de falcões, nem cervos!

— Ou então, retrucou-me, talvez as encontrasse em alguma sala dos servos...

Calamo-nos. Perguntei-lhe então pelos consules.

— Que consules?

— Os tudescos.

—Ora esta! que cabeça a minha... Como sabes, ha meia duzia delles conservados como refens, para serem trocados por egual numero de consules portuguezes, guardados pelo governo allemão. O Sr. Bernardino Machado escolheu Cintra para a residencia provisoria desses prisioneiros. Mas o povo da poetica villa acaba de amotinar-se contra elles, e pede que sejam mandados para Tancos. Si assim fôr, como já temos a esquadra teuta engarrafada, teremos consules... entancados.

Confessei ao meu amigo que não valera a pena conversar tanto, para ouvir isto.

—São sacrificios da guerra, respondeu-me De Fafe.

Padres falsos

A policia carioca andou ás voltas com um gajo que teve a sem-ceremonia de intitular-se padre e, como tal, debaixo da sombra protectora da sua amplissima batina, praticar os actos sagrados que são privilegio perpetuo dos ministros da nossa fé.

Chamava elle a seu favor a nossa magna e magnanima constituição, que a todos garante a liberdade profissional; a policia, porém, para ensinar o padre-nosso a esse fementido vigario, atirou-lhe ás ventas o uso de profissão indebita e sobre o costado lhe espalmou o anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.

Não é de agora que surgem de quando em vez typos dessa laia que, por terem sido sacristães em suas parochias, se julgam no direito de casar, baptisar, confessar e mandar metade do genero humano para as profundas dos infernos.

Ha uns bons quinze annos conheci um tal sr. Abreu que, faltando-lhe aquillo com que se compram os melões, resolvera de um dia para outro arvorar-se em sacerdote. Não foi elle explorar a sua rendosa industria em nenhuma das nossas grandes cidades. Padre modesto, o diabo do homem embrenhou-se pelo norte das nossas alterosas a dentro, até chegar aos limites destas afamadas montanhas com a Bahia, precisamente no logar onde Judas perdera as botas e Adão o umbigo.

Tinha sido fabriqueiro na sua cidade natal, e depois sub-chantre durante longos annos em uma sé antiquissima; sabia todas as especies de missas, novenas, trezenas, quinquenas, triduos; baptisava com todas as formulas do ritual e casava os fieis com uma presteza admiravel, não lhes dando tempo de arrependerem-se do negocio. Era eloquente, tendo decorado meia duzia dos sermões mais necessarios á vida pratica.

Perdido naquelles sertões, onde a civilização se obstinava a nunca mais chegar, passava elle uma vida quieta e regalada, abençoando os seus innumeros afilhados, cercado pela consideração e respeito de todas as suas ovelhas.

Quando o governo de Sua Majestade o Imperador descobriu a maroteira, já se não podia sanar o mal feito. Seria uma séria confusão geral, vinculos hereditarios desfeitos, successões de pernas para o ar, um batalhão de filhos legitimos que se tornavam espurios, sem contar os innumeros barbaças e matronas que tinham de ser de novo baptisados e casados.

Deante de tal pandemonium, julgou-se melhor reconhecer como legal tudo quanto o sr. Abreu fizera; nem ao menos o processaram, por causa do escandalo e por ser elle intimo amigo do barão de Cotegipe, que o tratava nas suas cartas de «carissimo vigario».

Quando o conheci, orçava o venerando ancião pelos oitenta e varios; tinha voltado para a sua tranquilla cidade natal, onde fôra fabriqueiro da matriz, e recebia de anno em anno noticias da sua parochia e presentes, trazidos pelos muladeiros e boiadeiros que vinham lá dessas desconhecidas paragens.

Vivia a mastigar velhos latins:

«*Officium defunctorum. Ad vespera, ad matutinum, ad laudes... Officium sepulturæ parvulorum. Domine, Domine, exaudi vocem meam.*»

E assim morreu, por uma bella tarde de maio, quando o sol, arrastando a sua eterna purpura de cardeal, descambava por detraz das montanhas...

Cavus

ERA por uma dessas tardes de agosto, enfumaçadas pelas queimadas dos mattos e dos campos, tardes que deixam pairar em tudo a inconcebivel magua de um desalento final. O sol que baixava lentamente no horizonte semelhava uma hostia rubra de onde o sacrilegio fizesse espadanar sangue. A luz vesperal era triste; a côr que bruxoleava no ar tinha o dolente mysterio de tudo que se apaga aos poucos, — clarão de cirios, clarão de estrellas, clarão de almas...

Em frente ao sol que morria, levantava-se, firme e abrupta, toda envolta num resplendor que se peneirava em tons azues e roxos, a grande montanha solitaria, immensa como o tumulo de um gigante; como o terreno safaro de savana abandonada, o valle, outrora verde e

alfombroso, apresentava a desolação com que o ciliciava uma secca prolongada.

O silencio incensava a agonia tranquilla do dia.

Erguendo os olhos, vi um velho que para mim se encaminhava. Mirei-o demoradamente. Bento contemplava-me tambem, indifferente e quieto, divagando o olhar em torno da sombra crepuscular que nos cercava.

Não somos nada neste mundo! Ora elle, o coveiro, aquelle mesmo que um dia, ao vel-o com tal aptidão e zelo, quasi carinho, cortar a terra firme de uma cova, desejei que me fizesse a minha, — está sem forças, exhausto, a pedir esmolas. Não é o homem que, ha mezes, conheci; hoje morreria insepulto, si como coveiro fosse obrigado a talhar no solo o seu leito de descanço.

Certamente, quando o encontrei tão fatigado e cheio de tremores, não me passou pela idéa fosse o mesmo que antes conhecera: parei confuso, mirei-o de alto a baixo, contemplei a sua face macilenta, os seus olhos desmaiados e, pensando que seria pelo menos o pae daquelle que eu vira a cavar a terra hospitaleira, segui o meu caminho vagarosamente, como quem sabe para onde vae, e não tem pressa, nem desejo, nem temor de chegar ao fim.

Entretanto, ao ver quem eu era, estacou.

— Não me deve conhecer, disse, tão velho estou. Não se lembra de mim?

— De ti não, mas de alguem que tinha os teus traços. Era muito semelhante a ti. Talvez sejas o avô, o pae, um irmão bem mais velho...

— Ah! senhor, sou eu, eu mesmo, o Bento, que lhe promettera cavar a sua cova...

Com tal tristeza disse isto, que eu, embora alegre intimamente por não poder elle cumprir a sua promessa tão cedo ou nunca, tive pena delle.

—Não pareces ser quem eras. Agarravas em um defunto como se fôra uma palha. Hoje quem te dera achar alguem que te levasse ao campo santo, e te fizesse o jazigo, caprichosamente, com amor e arte, como fazias...

—Dê-me o braço, senhor, e sigamos...

—Para onde? disse-lhe, quando em mim se apoiava.

—Não sei. Para o nada, talvez. Ignora porque envelheci assim? Escute. Nunca pensei que tão encanecido ficasse quasi repentinamente.

Depois, olhando para o céu, onde surgiam as primeiras estrellas, murmurou:

—Para que fui fazer, com todo o capricho e carinho, a cova de minha filha? Tive de enchel-a de lagrimas...

JUBILEU EM CONCEIÇÃO DO SERRO

SOBRE a fundação da formosa capella do Bom Jesus de Mattosinhos e a respeito da bella e perfeita imagem de Christo, em tamanho natural, que orna o seu altar-mór, possúo, em autographo, a seguinte informação:

"Nos tempos coloniaes, o portuguez José Corrêa Porto, adoecendo de um incommodo a que chamavam *zamparina* ou mal de S. Guido, promettera edificar naquelle alto, onde existia um denso capão de matto virgem, uma capella dedicada ao culto do Bom Jesus de Mattosinhos, quando se visse curado da sua terrivel doença. Salvando-se do mal, mandou vir a imagem que hoje domina a capella. O animal que conduziu para aqui a imagem nunca mais trabalhou. Era uma besta russa, que de velha morreu nos pastos do Pagão. Quem começou a aplanar o terreno para a edificação do templo foi um velho africano. O portuguez falleceu, de outra molestia, antes de começarem as obras.

São informações que lhe dá Anna Candida de Sousa Rosadas, de 73 annos de edade, que as ouviu de sua avó Francisca Rosada e de Gonçalo Francisco do O'."

Eis na integra a licença regia concedida para se erigir na capella a Irmandade do Bom Jesus:

"Dom João, por graça de Deus Principe Regente de Portugal e Algarves e Brasil, do Mestrado, Cavalleria e Ordem de N. S. Jesus Christo. Faço saber que, attendendo a representar-Me o Juiz, e mais irmãos, terem erecto uma capella do S. Bom Jesus de Mattosinhos, na freguezia de N. S. da Conceição de Matto Dentro do Serro do frio, Bispado de Marianna, pedindo-me Fosse Servido Conceder-lhes licença para erigirem na mesma Capella huma Irmandade. O que visto a resposta do Procurador Geral das Ordens, Hey por bem Fazer Mercês aos Supplicantes de lhes conceder licença para Erigirem a Irmandade do S. B. Jesus de Mattosinhos na mencionada Capella, e Esta se cumprirá, sendo passada pela Chancellaria da Ordem.

O Principe Regente Nosso Senhor o Mandou pelos ministros abaixo assignados do Seu Conselho, e Deputados do Tribunal da Consciencia e Ordens. Faustino Maria de Lima Fonseca Gutierres a fez no Rio de Janeiro aos dezanove de novembro de oitocentos e doze. Desta mil e seiscentos reis e de assignaturas tres mil e duzentos reis. Joaquim José de Magalhães Coutinho o subscrevi",

Seguem-se as assignaturas dos ministros, que não são intelligiveis.

—

O Jubileu em Conceição do Serro, ao inverso do que succede em Congonhas do Campo, conserva até hoje os caracteres tradicionaes das nossas primitivas festas

religiosas. Não ha, durante os dias dos festejos, divertimentos publicos mundanos; a roleta, a pavuna, o jaburú, não leváram ainda áquellas socegadas paragens o fóco irradiante da civilisação...

A's cinco da madrugada o festivo sino da bella egreja sonoriza o ar, desprendendo do bronzeo bôjo as ondas eoleas do seu appêllo aos fieis; espoucam no espaço alegres foguetes, e a secular bombarda roqueira retumba por entre os oiteiros e serras que circumdam a cidade.

Começa o povo a ascender á ingreme ladeira que nos conduz até o tabernaculo do Bom Jesus; as manhãs são frias, mas sem humidade: o vento que sopra não incommoda, antes vivifica e fortalece, cheio dos perfumes dos campos verdes, num doce aroma de selva.

Quando se ganha o alto do morro, depois de alguns minutos de subida em certos pontos penosa, uma grande alegria nos conforta o espirito: a cidade estende-se preguiçosamente ao longe, toda envolta em véus de bruma, como uma sertaneja que desperta aos poucos, distendendo, com lentidão tranquilla, as linhas flexiveis do seu corpo moreno.

E' bellissimo o panorama que surge deante dos nossos olhos: os montes de um verde tão claro, que nos parecem vistos atravéz da transparencia de uma esmeralda, os campos de tão variegados matizes, as touças de arvores viridentes que corôam os oiteiros, os ramalhetes de flôres silvestres que se erguem em meio dos campos, tudo que nos cérca empresta á cidade a paz bucolica das silenciosas povoações mineiras, alcandoradas por sobre as serras.

Durante todo dia, a ingreme ladeira é pisada pelos romeiros. Ranchos alacres de crianças descuidosas, que seguem haurindo os primeiros enganos da vida, tão se-

renas que um immenso pesar nos cobre os olhos ao vel-as, ignorantes que são dos dissabores que lhes aguarda a existencia; bandos de raparigas cheias de esperanças e de illusões, com as faces coradas a desabrochar em sorrisos, com os seios a palpitar nos devaneios do primeiro amor, com os olhos cheios de céu e de mar; grupos de velhos robustos, como são os montanhezes, costumados á peregrinação annual ao templo lendario, —animados todos pelo mesmo desejo incoercivel, pela mesma aspiração suprema: depôr offerendas e supplicas aos pés do Redemptor...

E os dias passam tranquillos, numa grande serenidade de prece; uma alegria dos tempos felizes da humanidade berça por alguns momentos, —que taes são os rapidos dias dos festejos, —as nossas almas tão voluveis, herdeiras das aventuras dos lusos, das lagrimas dos africanos e da indomita coragem dos indigenas.

Bom Jesus, da gloria do seu altar, desce o olhar sobre nós: e a fé das éras propheticas nos ampara por instantes, neste principio de seculo tão cheio de desanimo e tristezas.

Dias depois, volta a cidade á sua monotonia habitual, ao seu socego triste de velha e despresada filha do norte.

A ausencia, que se vae fazendo aos poucos, dos romeiros religiosos, que do sertão vieram com a esperança nos labios e as almas repletas de preces fervorosas, e dos romeiros alegres que lá estiveram por simples desenfado de touristes, —a sua ausencia que paulatinamente se faz, mais nos obriga a estranhar a paz sem murmurios de vozes nem bulicios de passos que nos vae envolver.

Desses que lá foram, —sertanejos queimados pelo sol, morenos e fortes, uns de longas barbas que nos

lembram os patriarchas antigos, outros quasi imberbes, com o accentuado typo japonez dos nossos selvicolas, muitos terão voltado para a amenidade dos seus campos espraiados em flôres, com os corações alliviados de culpas e de peccados, tendo recebido de Jesus o premio dado pelo sacrificio que fizeram em vir de tão longe apenas para ir vel-o, para adoral-o sómente, recebendo em pleno olhar o celestial e archangelico perdão dos seus olhos.

Outros muitos terão voltado para os seus albergues com as mesmas ancias incuraveis com que vieram, com os mesmos profundos pesares inexplicaveis que guiaram os seus passos cançados até os Pés do maior vulto de caridade e amor que tem palmilhado a terra.

Para esses que trouxeram até o tabernaculo sagrado, como flôres de sangue, as chagas rubras das suas dôres, os esphacelos dos seus corações em sudarios de horror amortalhados, para esses só restará a esperança que sempre lhes foge de serem attendidos um dia,— pois Elle, que perdoou o ladrão compassivo, que levantou a mulher adultera dos paludes em que jazia, e que redimiu a peccadora, ha de exaudil-os tambem, dando-lhes a tranquillidade das almas dealbadas.

Volta a pequena cidade, de novo, á paz melancholica que a embala, por entre os encantos mysteriosos do silencio, em meio dos sussurros das flôres e das estrellas; foram-se os romeiros alegres, foram-se aquelles que vieram trazidos pela piedade e amor, foram-se as risonhas romeiras, morenas como jambos: d'ahi a um anno, Jesus dar-lhes-á vida e força para outra vez contemplarem o mesmo Rosto que fulgura entre chagas e resplendores solares.

A PRECE DOS JURITYS

Noite. Vaga no céu a lua das queimadas.
E' toda sangue, e ao longe, a voar ensanguentadas,
Passam nuvens. O céu, escurecido espelho,
As côres reproduz do chão: negro e vermelho.

O incendio devorou quasi toda a floresta.
Adeus, lichens! adeus, musgos virides! mesta
Grinalda em derredor das arvores gigantes!
Os madeiros senis oscillam cambaleantes,
E baqueiam, tombando inanimes no solo.
A manta espessa abriu o verdejante collo
A's linguas infernaes do fogo. Tudo morre.
E' a agonia de Flora, a quem ninguem soccorre.
Por entre o matto verde o fogo abre alamedas,
E illumina-as com a luz das rubras labaredas.
Transidas de pavor, as aves harmoniosas
Voam, cahindo alem. E' uma praia de rosas
O solo onde agoniza a floresta nos haustos
Horriveis de milhões de guerreiros exhaustos,

Uivando, as feras vão, batidas pelas chammas
Morrer entre espiraes de fumo torvo: as ramas,
Côr de esperança, estão transformadas em poeira,
E toda a matta é como uma enorme caveira,
Cheia de olhos em brasa, allucinante e pasma.

Da floresta só resta o incendiado phantasma.

De repente no céu armou-se a tempestade.
Ora, junto da matta, o Bosque da Saudade
Verdejava, tranquillo e cortado de arroios,
Exuberante como aureo trigal sem joios,
Cheio de flôres como um viçoso canteiro.
E florescia alli um lindo sabugueiro.
Um par de juritys nelle fizera o ninho,
E criavam os dois um implume filhinho.
Quando os miseros paes contemplaram, tremendo,
Do incendio da floresta o espectaculo horrendo,
Ergueram para Deus os coraçõcs suaves,
E oraram, como orar têm por costume as aves,
Ruflando as azas, pondo os bicos entreabertos,
E abrindo para o céu os seus olhos incertos,
Puros e brandos como um domingo de festa.
E Deus, que não ouvira o clamor da floresta,
E que nem contemplava as innumeras cruzes
Que as arvores ao céu erguiam entre obuzes
Estrondosos, e mil baques de corpos mortos,
Os seios da alma abriu, grande como dois portos,
Para acolher a prece ideal dos passarinhos:
E quando o fogo, a estuar, seguindo outros caminhos,
Ia abraçar o Bosque, amplo, no mesmo abraço,
A procella rasgou as cortinas do espaço,
E tombou, apagando a vermelha fornalha
Da matta extincta, immensa e fulgida mortalha,
Encandecido, adusto, incensorial braseiro...

Beijam-se os juritys no alto do sabugueiro.

INDICE

Elias 1
O Manto. 9
Cytharpa. 15
Pergunta imprevista. 21
Eurynice. 29
Jacyntho. 31
A primeira mulher. 39
Um romance inedito 45
Ronda de bebedos. 51
A diplomacia antiga. 57
Para Nice. 61
Lætícia Ophelia 65
Missal extranho. 71
Voz do céu 75
Nos dominios da Historia. 83
Um sapateiro de fama universal. 87
A freira e o pintor. 93

Dancemos ! 97
Arengas e palavrorios. 101
Pudor, pundunor. 105
A acção de Wagner sobre o leite. 113
Espectro. 117
Uma do Fagundes 121
S. Roque o Miraculoso Confessor 125
Nos dominios primitivos de Asclepios. 129
O Coração. 135
Death-Club 137
Cavaco linguistico 141
Barbearia São José 145
Cáe a garôa. 147
O castello de Laeken. 153
Bruxos e medicos. 157
Vsmalia 165
Noites de luar. 167
Vestigio do passo divino. 169
O primeiro beijo. 175
Funebre inauguração 177
Comedia ou farça ? 181
Carnaval. 185
O figado 191
Cintra. 193
Padres falsos 201
Cavus. 205
Jubileu em Conceição do Serro. 209
A prece dos Juritys. 215

18831

Obras do mesmo Auctor

Kiriale, versos.
Dona Mystica, poema.
Camara — ardente, poema.
Septenario das Dôres de Nossa Senhora, poema.
(edições exgottadas)
Mendigos, paginas de prosa.

Concluidos:

Pastoral aos Crentes de Amor e da Morte, lyrica.
Escada de Jacob, sonetos.
Nova Primavera, poema de Heine, versão portugueza.
Pauvre Lyre, versos francezes.

Chronicas de Guy d'Alvim.

Em eclosão:

Pulvis, sonetos.